

Maria João Albuquerque Figueiredo Simões

# Correspondências: Eça e Fradique

Análise de estratégias epistolográficas

Dissertação de Mestrado em Literatura  
Comparada Portuguesa e Francesa,  
apresentada à Faculdade de Letras da  
Universidade de Coimbra

Coimbra – 1987

## ÍNDICE

I –INTRODUÇÃO	p. 4
II - A CONSTRUÇÃO DO DIALOGISMO EPISTOLOGRÁFICO	p.10
1. A COMPONENTE ESPACIO-TEMPORAL	p.14
1.1. A Dominante Cronotópica em Eça de Queirós	p.14
1.1. a) O Cronótopo da Enunciação	p.19
1.1. b) O Cronótopo da Narração	p.21
1.1. c) O Cronótopo do Destinatário	p.23
1.1. d) O Cronótopo Comum	p.23
1.2. A Dominante Actorial em Fradique	p.27
2. DESTINATÁRIO E DESTINATÁRIOS	p.37
2.1. O Destinatário na <i>Correspondência</i> de Eça de Queirós	p.37
2.1. a) A Diversidade	p.37
2.1. b) A Sequência Epistolar ou a Continuidade Descontínua	p.38
2.1. c) A Actualização	p.40
2.1. d) A Referencialidade	p.44
2.2. O Destinatário n' <i>A Correspondência de Fradique Mendes</i>	p.46
2.2. a) A Singularidade	p.46
2.2. b) O Carácter Monológico	p.47
2.2. c) A Funcionalidade	p.50
3. A COMPONENTE TEMÁTICA	p.54
3.1. A Parataxe Temática em Eça de Queirós	p.60
3.2. A Hipotaxe Temática em Fradique Mendes	p.65
III -FRADIQUE E EÇA OU A NEGAÇÃO DO CLARO-ESCURO	p.74
1. A CREDIBILIDADE FRADIQUIANA	p.74

1.1. Uma Figura Protofradiquiana : Manuel Eduardo	p.76
1.2. Fradique Mendes Heterónimo Colectivo	p.77
1.3. O Fradique Mendes d'O Mistério da Estrada de Sintra	p.79
1.4. A Apresentação de Fradique Mendes nas"Memórias e Notas"	p.80
2. ACORDOS E ESTRATÉGIAS: ACEITABILIDADE E EFICÁCIA	p.84
2.1. Fragma e Magma Fradiquianos	p.84
2.2. Carta vs. Crónica	p.87
2.3. O Pluralismo Discursivo	p.92
3. A DIFRACÇÃO DA SUBJECTIVIDADE	p.94
3.1. O Hibridismo	p.94
3.2. As Interferências	p.97
3.3 A Difracção	p.102
IV – CONCLUSÃO	p.105
BIBIOGRAFIA	p.107

## I - INTRODUÇÃO

1. A produção epistolográfica de Eça de Queirós é não só muito vasta como também diversificada. A sua vida agitada, tanto intelectualmente como profissionalmente, constitui o fundamento básico para a explicação deste facto. A produção epistolográfica de Eça institui-se, assim, como marca indelével do seu percurso existencial na sua complexidade e reflecte a multiplicidade de factores que a originam e que vão desde os interesses literários às razões de ordem económica passando pelas características individuais da sua personalidade.

A publicação, póstuma, da sua correspondência particular pela sua vastidão e pela sua diversidade veio confirmar, ainda não fosse preciso, estas afirmações.

Lancemos um olhar pontual por esta correspondência<sup>1</sup>:

...eu estou desde que começou o meu exílio tão, triste (..), tão perdido de vida, que só o *esprit bête* (...) me move a viver. Imaginem-me aqui nesta terra melancólica, só, sem um livro, sem um dito sem uma conversa, sem um paradoxo, sem uma teoria sem um satanismo, estiolado, magro, cercado de regedores, e devorado de candidatos! (CO., 1º vol. p.54)

...neste degredo, faltam-me todas as condições da excitação intelectual. há um ano que não converso! Isto aí, lido na Calçada dos Caetanos, pode parecer-lhe pueril - mas digo-lhe que é apenas dilacerante! (CO., 1º vol. p.144)

Este tipo de desabafo é apenas um exemplo entre muitos outros que vão constituindo um fio semântico patente ao longo da sua correspondência - a necessidade de diálogo. É uma constante interactuando sempre com as variáveis da transformação e da evolução.

Mesmo a relação com aquela que viria a ser a sua futura companheira de vida - Emília de Castro Resende - desenrola-se, inicialmente, tendo de permeio a distância. É esta distância e o conseqüente "décalage" temporal que, impedindo a comunicação directa, institui a carta como um seu (quase) substituto, adquirindo esta um estatuto paramimético daquela - é um "como se" no dizer de Eça:

---

<sup>1</sup> Para nos referirmos à correspondência particular de Eça de Queirós utilizaremos a publicação póstuma das cartas de Eça de Queirós organizada por Guilherme de Castilho: Eça de Queirós - *Correspondência*, leitura, coordenação, prefácio e notas de Guilherme de Castilho, Lisboa Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1983, 1º e 2º vols. De ora em diante, passaremos a designar abreviadamente esta obra pelas maiúsculas CO.

É como se eu em pessoa me adiantasse para si, (...) e lhe dissesse estendendo-lhe a mão: bem está tudo arranjado, conversemos (CO., 1º vol. p.287)

Quem escreve cartas respeita (em maior ou menor grau) este contrato de substituição com as suas regras próprias. Algumas destas regras surgem de *per si*, pela natureza própria deste tipo de comunicação (o que implica, por exemplo, uma maior quantidade de informação inicial dada pelo emissor para, em troca, receber também uma grande quantidade de informação); por outro lado existem outras regras de carácter convencional - como, por exemplo, as fórmulas iniciais e de terminação estabelecidas e sedimentadas ao longo de toda uma tradição epistolográfica.

Assim, a carta impõe-se pela impossibilidade de diálogo directo, mas também pela premência desse mesmo diálogo. Ora é esta necessidade de diálogo que origina em Eça de Queirós o solicitar constante de resposta por parte do destinatário.

2. Mas este desejo de comunicar é indissociável do conjunto de interrelações estabelecido entre os interlocutores e das respectivas situações referenciais. É neste quadro (social) que se insere a totalidade da produção epistolográfica queirosiana.

A Geração de 70 foi uma geração extremamente crítica e Eça, tendo sido um dos seus grandes expoentes, sente uma necessidade muito grande de dialogar com os eus contemporâneos, de comunicar a todo o país as suas ideias. Surge assim uma vontade de transmitir acontecimentos, costumes, inovações, a que assiste nos países que percorre e que podem obviar ao atraso, que por vezes classifica de atávico, em que o país caiu ou corrigir erros que, na sua perspectiva, constituíam um atentado à autenticidade dos próprios povos. Este interesse, porém, não se confina ao seu próprio país e abre-se ao universal abarcando, em especial, o Brasil considerado como país irmão.

Para o preenchimento deste espaço dialógico, Eça de Queirós produz todo um conjunto de textos, constituído por crónicas, breves apanhados de actualidade ou ensaios mais longos, que envia para os jornais ou revistas daquela época; é este conjunto de textos que Guerra da Cal submete, numa perspectiva taxonómica, à designação genérica de "epistolografia pública"<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Cf. Ernesto Guerra Da Cal - *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz. Apéndice: bibliografía queirosiana sistemática y anotada y iconografía artística del ombre y la obra*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1975, Tomo I, p.661.

De facto Eça de Queirós colaborou mais ou menos assiduamente em muitas revistas e jornais existentes na altura. É curioso verificar os títulos a que submete essa colaboração. Tomemos como exemplo a sua colaboração na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro para onde envia intermitentemente vários trabalhos subordinados às seguintes rubricas genéricas: *Cartas de Inglaterra* (de 1880 a 1882), *Cartas de Paris e de Londres* e *Ecos de Paris* (entre 1888 a 1893), *Ecos de Paris*, *Cartas Familiares de Paris*, *bilhetes de Paris* e *Bilhetes de Aquém Mar* (entre 1893 e 1897).

Estes títulos são já por si significativos e de entre todos eles são indicadores preciosos o substantivo '*Bilhetes*' e o adjetivo '*Familiares*' que nos revelam claramente a tentativa de criar uma maior proximidade em relação ao público leitor mesmo dentro do discurso de imprensa.

3. Para além de toda esta correspondência (a pública e a particular) Eça publica ainda uma outra correspondência.

Em 1885 Oliveira Martins dirigia o jornal *A Província* e Eça de Queirós comunica-lhe um plano de trabalho: o de publicar "uma série de cartas sobre toda a sorte de assuntos (...) escritas por um certo grande homem (...) que se chamava *Fradique Mendes*". E Eça acrescenta ainda: "eu, que o apreciei e tratei em vida (...) tive a ideia de recolher a sua correspondência (...) e (...) desejo publicá-la na *Província*. (CO., 1º vol. pp.262-263)

Porquê a publicação da correspondência desta "personalidade"?

Sabemos que esta "personalidade é inventada, fabricada; as suas origens e manifestações foram já longamente estudadas<sup>3</sup> mas um dado nos parece indubitável: a intervenção queirosiana na sua invenção e na sua constituição<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Sobre este heterónimo colectivo cf. o prefácio de Pedro da Silveira a Carlos Fradique Mendes - *Versos*, Lisboa, Edições 70, 1973 e principalmente o recente e aprofundado estudo de Joel Serrão sobre este heterónimo: Joel Serrão - *O Primeiro Fradique*, Lisboa, Livro Horizonte, 1985.

<sup>4</sup> Não cremos que seja sustentável a dúvida levantada por Joel Serrão a propósito do empenhamento de Eça no caso Fradique (cf. J. Serrão op. cit., p.206). Para além dos testemunhos já sobejamente conhecidos de Batalha dos Reis e do próprio Eça atentemos no que Batalha escreve à sua noiva Celeste Cinatti após lhe ter enviado as primeiras poesias de Fradique para que descobrisse os respectivos autores: "Vê como te enganaste. O que é verdade é que sobre todas a Serenada do Eça é linda em muitos versos. Tem uma bela imaginação aquele rapaz. Vai-se imprimir (?) muitas outras logo que o Queiroz e o Canavarro m'as deem. Um belo dia mato o Fradique e escrevo com toda a gravidade a sua biografia". (Carta que se encontra no espólio de Jaime Batalha Reis, da Biblioteca Nacional de Lisboa, Esp. IV, Cx 57/9).

Se a Batalha Reis cabe um papel preponderante na divulgação e criação de Fradique, isto não nos pode fazer esquecer o carácter colectivo desta empresa, desta "mistificação" nas palavras de Batalha Reis, que implica senão a convivência, pelo menos o conhecimento de vários amigos do Cenáculo.

No entanto, as cartas de Fradique são lidas como se de facto esta personalidade tivesse existido e as tivesse escrito. Numa carta dirigida a Emília de Resende Eça dá-nos conta desse facto pesaroso de não receber louvores da sua invenção:

As senhoras em Lisboa estão encantadas com Fradique. De facto, Fradique é um sucesso; e ocupa parte de todas as conversações em Lisboa, a ponto de se ouvir esse grande nome por cafés, lojas de moda, peristilos de teatros, esquinas de ruas etc. O pior é que se crê geralmente que Fradique existiu, e é ele, não eu que recebe estas simpatias gerais. (CO., 2º vol. p.115)

O plano comunicado a Oliveira Martins vê a luz do dia em Agosto de 1888, não n'*A Província* mas sim n'*O Reporter* jornal que Oliveira Martins então dirigia. No entanto, para a concretização deste plano, Eça vê-se obrigado a revelar a Oliveira Martins, como é sabido, toda a mistificação para que este, uma vez na posse de todos os dados os possa processar tendo em vista o êxito dessa mistificação. O meio escolhido para alicerçar esta montagem vai ser a apresentação de um estudo biográfico da "personalidade" em jogo. Eça chega mesmo a sugerir a publicação do "primeiro artigo desse estudo no começo do jornal e continuar o resto no corpo do jornal, depois dos *Ecos e Notícias*" porque não quer "que o estudo crítico sobre um tão grande homem apareça nesses baixos do jornal, destinados à imaginação e à novela". (CO, 1º Vol. p.474)

Como não cair na tentação de aproximarmos a escolha da colocação deste estudo depois dos artigos subordinados às rubricas *Ecos e Notícias* dessas outras rubricas *Ecos de Paris, Cartas Familiares de Paris* sob as quais Eça publica os textos que envia para a *Gazeta de Notícias*?

Não tendo Fradique escrito, deliberadamente, obra alguma, a sua correspondência constitui a marca indispensável para a validação da sua excepcionalidade, do seu *modus vivendi* e do seu gosto único de apreciador da vida.

Fradique Mendes epistológrafo entabula diálogos diversos originados pela diversidade de relações que estabelece com os vários destinatários.

Será a sua correspondência a revelação da sua individualidade?

4. Esta rápida incursão através de alguns textos de Eça e este levantamento do projecto fradiquiano são necessários para erguermos algumas questões que, embora não se apresentem ainda de forma ordenada, deram origem ao presente estudo.

Assim, no que respeita a Fradique enquanto entidade autónoma poderemos interrogar-nos sobre o porquê da sua escrita. Como e a quem escreve Fradique Mendes? Salientámos, no que diz respeito a Eça de Queirós, que a necessidade de diálogo - que é afinal, um desejo do 'outro', 'outro' do qual depende o 'eu' para se instituir enquanto tal - subjaz à sua produção epistolográfica. Poderemos perguntar-nos, agora, se a produção epistolográfica de Fradique Mendes obedece, também, a este mesmo princípio.

No que diz respeito à intervenção e implicação queirosiana na existência de Fradique Mendes podemos perguntar-nos, por exemplo, qual a razão de ser do aproveitamento do dialogismo característico da carta para a produção de uma obra que foge aos cânones do género epistolar?

Como se processa a metamorfose ficcional nas cartas de Fradique? Quais os operadores utilizados?

Será lícito aproximarmos a epistolografia fradiquiana da 'epistolografia pública' de Eça?

Haverá diferenças de postura ontológica entre os dois epistológrafos em relação aos seus destinatários?

Haverá diferenças (ou semelhanças) entre as Correspondências de Eça e de Fradique?

Eis algumas questões norteadoras deste trabalho. Este levantamento problemático será equacionado estabelecendo como pano de fundo de fundamentação teórica o vasto e profícuo campo da Literatura Comparada. Porém, esta fundamentação servir-nos-á, não como um cinto apertado, mas sim como um disciplina aberta não só a contaminação interacção e/ou integração das conquistas mais importantes das diversas áreas dos estudos literários, mas também a uma perspectivação interdisciplinar em relação a outras ciências de cujas teorias possamos retirar alguns frutos.

Iniciando este trabalho sobre *A Correspondência de Fradique Mendes. Memórias e Notas*<sup>5</sup> e sobre a *Correspondência de Eça de Queirós*, restringiremos a nossa atenção a determinados textos em particular, de forma a delimitar o nosso objecto de estudo de um modo mais preciso. Assim, o '*corpus* textual' deste trabalho será fundamentalmente constituído pelas cartas de Fradique Mendes e as cartas da correspondência particular de Eça de Queirós nomeadamente aquelas que apresentam

---

<sup>5</sup> Cf. Eça de Queirós *A Correspondência de Fradique Mendes. (Memórias e Notas)*, Porto., Lello & Irmão - Editores, s.d.. Todas as citações subsequentes se referem a esta edição que passaremos a designar abreviadamente por CFM.



destinatários comuns. Estão neste caso, as cartas enviadas a Ramalho Ortigão, Oliveira Martins e Eduardo Prado. No que diz respeito às cartas de Eça de Queirós, consideraremos, com particular atenção, aquelas que estejam directamente relacionadas com o período de gestação e elaboração da correspondência fradiquiiana.

Consideraremos ainda com particular atenção as "Memórias e Notas" que antecedem as cartas de Fradique, dado que, sem estes textos qualquer abordagem das cartas de Fradique facilmente se tornaria redutora.

## II - A CONSTRUÇÃO DO DIALOGISMO EPISTOLOGRÁFICO

A leitura de uma correspondência, como a de Eça de Queirós, suscita no leitor um interesse quase desmedido, uma vez que permite aquilo que metaforicamente poderíamos designar uma "descida à intimidade".

Este leitor "curioso" insere-se, porém, num processo histórico pois, se o interesse em desvendar os "segredos" das correspondências de autores conhecidos, demonstrado por antepassados seus, tem já uma longa tradição histórica, o nosso século, pela facilidade editorial e pelo instinto lucrativo que muitas vezes a serve, tem fomentado e explorado fortemente este interesse. De facto a quantidade de epistolários dados a lume nas últimas décadas, quer em Portugal quer no Estrangeiro, era inimaginável no início do século. Referimo-nos, evidentemente, à publicação de correspondências particulares. Torna-se clara a nossa posição em relação a este tipo de publicações, que reputamos do maior interesse histórico e literário, uma vez que aceitamos trabalhar sobre a correspondência de Eça de Queirós. Não deixaremos, no entanto, de tecer algumas reticências no que diz respeito ao modo como estas publicações são apresentadas. Referimo-nos neste caso, não tanto ao problema ético subjacente a este género de iniciativa que tem dado origem a muitas polémicas, tem gerado resistências e entraves por vezes inacreditáveis, mas, sobretudo, ao aspecto lacunar que demonstram no que diz respeito aos destinatários das referidas correspondências. Se, muitas vezes, este vácuo é originado pela inacessibilidade documental (pelo facto do escritor em causa se situar historicamente numa época mais remota) outras vezes revela o descuro puro e simples da importância de que se reveste o destinatário neste género de comunicação.

Para obviar a este problema a maior parte destas publicações integra notas explicativas mais ou menos extensas, chegando mesmo a revelar excertos das respostas dos destinatários, já que sem elas o leitor se veria impossibilitado de seguir o fio da meada que vai tecendo a correspondência. No entanto, estas tentativas de preencher essas lacunas manifestam-se lamentavelmente deficientes.

Uma das razões que levam a esta desastrosa supressão reside no facto de se considerar sem (ou de menor) valor literário (ou histórico-literário) o próprio destinatário ou a sua prosa. Mas, se nos debruçarmos, atentamente, sobre a

correspondência trocada entre Jorge de Sena e Mécia de Sena<sup>1</sup>, que constitui uma honrosa exceção a este problema, poderemos concluir que nada se perde, pelo contrário, muito se ganha com a inserção das cartas de Mécia de Sena - quer em termos de compreensão dos textos, quer em termos da coerência macro-textual, quer ainda em termos biográfico-literários. De facto, as cartas de Mécia de Sena contêm indicações preciosas quanto às características literárias da poesia de Jorge de Sena e quanto à recepção da própria obra<sup>2</sup>.

Também a "Correspondência" de "Eça de Queirós" coordenada por Guilherme de Castilho enferma do mesmo problema<sup>3</sup> ainda que o seu responsável envide alguns esforços para preencher algumas destas lacunas transcrevendo excertos de cartas-resposta ou recorrendo a testemunhos de outras personalidades da época. Será difícil senão impossível localizar as cartas de algumas personalidades a quem Eça escreve, mas existem algumas cartas de Oliveira Martins<sup>4</sup> a Eça de Queirós das quais Guilherme de Castilho apenas transcreve dois curtíssimos extractos; existem também extractos de cartas de Emília de Resende dados a lume na edição da obra *Eça de Queiroz entre os seus*, apresentada pela filha do autor<sup>5</sup>. Ora, estas cartas são a prova, a mais evidente, de que aos estímulos que constituem as cartas de Eça se seguem as respostas de Oliveira Martins ou de Emília de Resende que, por sua vez, passam a funcionar como novos estímulos, estabelecendo assim uma cadeia que só a morte rompe.

Este esboçar de problemas encaminha-nos para um necessário conhecimento caracteriológico da carta que se instaura como uma unidade sígnica inserida num processo dinâmico de "co-responder".

Se assumirmos, seguindo Mikhail Bakhtine, que todo o enunciado é produto da interacção do locutor e do auditor e que esta interacção é "determinée et engendrée par

---

<sup>1</sup> Mécia de Sena / Jorge de Sena - *Isto tudo que nos rodeia (Cartas de amor)*, Lisboa Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982.

<sup>2</sup> No que diz respeito, por exemplo, à correspondência trocada entre Franz Kafka e Milena Josenkà, quantas passagens obscuras não se tornariam mais claras (ou paradoxalmente mais obscurecidas pelo que a obscuridade tem de intelegível) se se conhecessem as cartas de Milena? cf. a este propósito, o artigo de Anne Marie de VILAINE - "Milena au-delà de Kafka" in *Magazine Littéraire*, Mars, 1986, N.º. 288, pp.55-58.

<sup>3</sup> Cf. Eça de Queirós - *Correspondência, op. cit.*. Este problema toca todas as edições de correspondências em geral, e só agora começa a ser levantado de modo mais acutilante.

<sup>4</sup> Cf. Oliveira MARTINS - *Correspondência*, prefaciada e anotada por Francisco O. Martins, Parceria A. M. Pereira, 1926.

<sup>5</sup> Cf. *Eça de Queirós entre os seus apresentado por sua filha. Cartas Intimas*, Porto 5ª ed., Lello & Irmão Editores, 1974.

un certain rapport de communication verbale"<sup>6</sup> conseguiremos compreender a função estruturante que desempenha o destinatário (sem deixar de ser, também, estruturado, como veremos Cf. II. 2). É nesta perspectiva comunicativa que se deve entender a génese de uma carta ou de uma correspondência.

Como é reconhecido pelo senso comum, uma carta surge da necessidade de um sujeito (um 'eu') comunicar algo (um 'objecto') a um outro sujeito (um 'tu') com o qual se encontra impossibilitado de comunicar *in praesentia*. O primeiro sujeito institui, então, a carta como portadora dessa necessidade, e desse 'objecto', a qual "haciendose instrumento de contacto metonímico"<sup>7</sup> viabiliza e realiza essa necessidade.

Assim ao realizarmos o gesto de abrir uma carta, entramos em contacto com a dimensão proxémica da carta, pois este gesto (que pode ser acompanhado de muitos outros - de alegria, tristeza, indiferença, etc.) é já significativo - podemos recusar-nos a cumpri-lo. Por sua vez, o acto de receber implica que alguém tenha manipulado (fechado e enviado) este objecto, com intuito, também significativo, de comunicação e preservação da privacidade.

Por outro lado, a *praxis* de leitura, assim como a da escrita inserem-se numa outra dimensão - a dimensão pragmática - sem a qual a *carta* perde a sua funcionalidade e a sua totalidade sígnica.

Outra característica distintiva da *carta* diz respeito à sua estruturação específica - que releva duma dimensão semântico-discursiva - relativamente à qual distinguiremos, desde já, e ainda não de uma forma exaustiva, alguns elementos constituintes.

Para este efeito, poderá ser-nos de alguma utilidade a observação, a título de mero exemplo, do poema "Carta de infância" de Carlos de Oliveira<sup>8</sup> que, pela sua simplicidade e pelo seu sincretismo, nos permite identificar com a maior facilidade alguns destes elementos essenciais - muito embora eles se apresentem tratados de forma imagética e trabalhados de acordo com as características próprias da linguagem poética - poema esse que passamos a transcrever integralmente:

---

<sup>6</sup> Cf. Mikhail BAKHTINE - "La structure de l'énoncé" in Tzevetan TODOROV - Mikail bakhtine. *Le Principe dialogique suivi de Ecrits du Cercle de Bakhtine*, Editions du Seuil, Paris, 1981, p.290.

<sup>7</sup> Cf. Patricia VIOLI - "La intimidad de la ausencia. Formas de estructura epistolar" in *Estudios Semioticos*, (Asociación de Estudios Semioticos de Barcelona), N° 3/4, p.80.

<sup>8</sup> Carlos de Oliveira - *Trabalho Poético*, Sá da Costa Editora, Lisboa, 2ª ed., 1982, p.56.

Carta da infância  
Amigo Luar:

Estou fechado no quarto escuro  
e tenho chorado muito.  
Quando choro lá fora  
ainda posso ver as lágrimas caírem na palma das minhas mãos e  
brincar com elas ao orvalho nas flores pela manhã.  
Mas aqui é tudo por demais escuro  
e eu nem sequer tenho duas estrelas nos meus olhos.  
Lembro-me das noites em que me fazem deitar tão cedo e te oiço  
bater, chamar e bater, na fresta da minha janela.  
Pelo muito que te tenho perdido enquanto durmo  
vem agora,  
no bico dos pés  
para que eles te não sintam lá dentro,  
brincar comigo aos presos no segredo  
quando se abre a porta de ferro e a luz diz  
bons dias, amigo.

Para além de toda a especificidade poética, interessa-nos, fundamentalmente, salientar por um lado o dualismo, em termos de intervenientes, que se manifesta no texto (dualismo esse que é corporizado por um "eu/menino" e um "tu/luar" (personificado)) e por outro lado, a dependência dos próprios agentes (e do diálogo que entre si estabelecem) de uma integração situacional.

Distinguiremos assim

A. quanto ao nível da acção:

- um destinador - eu (menino/criança)
- um destinatário - tu/luar
- um objecto - brincar

B. quanto ao nível do espaço - tempo de acção:

- local presente do destinador - quarto escuro
- local passado do destinador - lá fora/janela/cama
- local futuro do destinador - quarto escuro
- local presente do destinatário - 0
- local passado do destinatário - fresta da janela
- local futuro do destinatário - (?) quarto escuro

onde a interdependência de A e B viabiliza um diálogo que se processa em diferido.

Reconhecendo-se, assim, o carácter dialógico, interaccional, da carta podemos ver que a sua especificidade funcional relativamente ao diálogo (em sentido restrito) reside fundamentalmente na tentativa de colmatar a ausência presencial de um destinatário (neste texto representada pela inacessibilidade do luar) através da integração e actualização textual desse mesmo destinatário e, reside também (e directamente ligada com o ponto anterior) na inscrição textual dos sujeitos (eu/tu), da situação enuncional interna que os liga (aqui) e ainda da situação interaccional externa (lá).

Este exemplo evidencia já alguns dos elementos essenciais a desenvolver neste estudo comparativo entre a *Correspondência de Eça de Queirós* e *A Correspondência de Fradique Mendes*. Tentaremos então analisar as diferentes estratégias adoptadas nestas duas correspondências e qual a sua adequação aos fins perspectivados.

## 1. A COMPONENTE ESPACIO-TEMPORAL

### 1.1 A Dominante Cronotópica na Correspondência de Eça de Queirós

Uma das características essenciais da carta consiste na explicitação dos interlocutores. No diálogo directo, esta explicitação é desnecessária uma vez que os interlocutores estão co-presentes, mas no diálogo epistolográfico a incrustação no texto do 'eu/tu' é necessária e estruturante. Esta componente é reiterada ao longo do texto e corporaliza-se ao nível morfológico sobretudo pela utilização dos pronomes pessoais.

Encontramos nas cartas de Eça de Queirós, quase sempre explicitados os dois interlocutores quer, nas formas pronominais 'eu/tu' ou 'eu/você' (ou nas subsequentes formas de complemento), quer na forma pronominal plural 'nós':

O mundo não existe - como nós assentámos com robusta filosofia e portanto só as intenções, actos do Mundo interno, têm alguma valia no Universo, perante a Razão. Ora desde que cheguei a Portugal ainda um dia não passou sem que eu tivesse a *intenção* de lhe escrever - e isto é consideravelmente melhor do que se eu lhe remetesse cartas, que, como factos do Mundo externo, seriam meras e ocas *ilusões*. (CO, 2º. vol., p. 236, - sublinhado nosso)

Neste exemplo, juntamente com a explicitação dos sujeitos revela-se, também, (sendo explicitamente manifestada) no texto a interacção dialógica. É a inscrição no

texto do próprio acto de escrever. A carta, sendo o próprio objecto da escrita e ao mesmo tempo a escrita em si, atinge aquilo que poderíamos designar por autoreferencialidade que não é mais que a actualização discursiva ou a figurativização do momento da enunciação.

Podemos observar com maior acuidade esta autoreferencialidade nos princípios e nos finais das cartas:

Esta carta vai interminabilíssima. Não a findarei sem.., (CO, 2º. vol.,p.240).

Para não fazer esta carta em três volumes não aludo... (CO, 1º. vol., p.476).

Perdoa esta longa epístola. (CO, 2º. vol., p.38).

Esta carta vai enorme - mas teria ainda muito que conversar... (CO, 2º. vol. p.315).

A pressa, como vê, impõem-me estas curtas linhas. (CO, 1º. vol., p.461).

Esta explicitação, ao nível do discurso, dos sujeitos e da relação interactiva que estabelecem, implica a emersão no texto da situação, dos sujeitos, uma vez que o homem não existe independentemente do seu contexto mas em contexto, sendo, por isso, o seu discurso sempre um discurso situado.

Todas estas manifestações revelam e determinam a especificidade da carta:

La especificidad del objeto carta no está tanto en su ser destinado a un intercambio comunicativo, sino más bien en la necesidad estructural de asumir en su interior el eje comunicativo (y portanto las figuras de los actantes de la comunicación y los simulacros de sus determinaciones espacio-temporales).<sup>9</sup>

A carta apresenta, como elementos indispensáveis, as coordenadas espacio-temporais dos sujeitos que mobiliza. As noções de espaço e de tempo têm preocupado, desde os tempos mais remotos, qualquer ser humano que se interrogue àcerca do seu "estar" no mundo. Como afirma Charles Normann:

Toutes nos notions, toute la science, toute la vie pratique elle-même sont fondées sur la représentation que nous nous faisons des aspects succésifs des choses. Notre esprit, aidé par nos sens, classe avant tout celles-ci dans le temps et dans l'espace, qui sont les deux cadres où nous fixons d'abord ce qui nous est sensible dans le monde extérieur. Ecrivons-nous une lettre: nous mettons en suscripton le lieu et la date. Ouvrons-nous un journal: ce sont ces indications qui y précèdent toutes les dépêches. Il en est de même en tout et pour tout. Le temps et l'espace, la situation des

---

<sup>9</sup> Cf. Patricia VIOLI - "La intimidad..." *op. cit.*, p.72.

choses et leur époque apparaissent ainsi comme les piliers jumeaux de toute connaissance, les deux colonnes sur lesquelles repose l'édifice de l'entendement humain.<sup>10</sup>

Ora o diálogo epistolográfico não escapa a esta preocupação, muito pelo contrário, pode servir até, como vimos, de exemplo, porque é flagrantemente marcado por essa preocupação.

Mas continuemos a seguir Charles Normann:

Ce qui donne aux travaux d'Einstein leur importance, c'est qu'il a montré (...) que l'idée que nous nous faisons du temps et de l'espace doit être complètement révisée.<sup>10a</sup>

Mikhail Bakhtine apercebendo-se da dimensão da revolução einsteiniana adota uma noção fundamental da Matemática (e da Física) - a noção de cronótopo. Bakhtine vai utilizar este conceito, que se revela profícuo e fértil, nos seus estudos literários, não deixando por um lado de referir a sua origem, e, por outro lado de extrair dele o que contém de válido e passível de ser aplicado nos seus estudos literários:

Ce terme est propre aux mathématiques : il a été introduit et adopté sur la base de la théorie de la relativité d'Einstein (...) ce qui compte pour nous, c'est qu'il exprime l'indissolubilité de l'espace et du temps (celui-ci comme quatrième dimension de l'espace).<sup>11</sup>

Procurando, também, a fonte original deste conceito, poderemos descortinar, de facto, um potencial heurístico que nos possibilitará a apreensão deste salto epistemológico<sup>12</sup> e nos permitirá também repensar o diálogo epistolográfico.

Einstein afirma:

Segundo a relatividade o tempo de colisão de uma pedra com o solo não será o mesmo para todos os observadores. As coordenadas de tempo e espaço serão diferentes nos dois SC e a mudança na coordenada de tempo será completamente distinta se a velocidade relativa se aproxima da luz. O

---

<sup>10</sup> Cf. Charles NORMANN - *Einstein et l'Univers. Une lueur dans le mystère des choses*, Librairie Hachette, Paris, pp.11-12.

<sup>10a</sup> *Idem*.

<sup>11</sup> Cf. Mikhail BAKHTINE - "Formes du temps et du chronotope dans le roman" in *Esthétique et Théorie du Roman*, Ed. Gallimard, nrf, Paris, 1978, p.237.

<sup>12</sup> Cf. Gaston BACHELARD : "A Relatividade, é mais do que uma renovação definitiva na maneira de pensar o fenómeno físico, é um método de descoberta progressivo", in *A Epistemologia*, Edições 70, Lisboa, (1984 ?), p.37.



contínuo bidimensional não pode ser desdobrado nos dois contínuos unidimensionais da física. No determinar em outro SC as coordenadas espaço-tempo, não podemos considerar em separado o espaço e o tempo.<sup>13</sup>

O que é importante salientar é que a percepção destes observadores (digamos sujeitos) está dependente do espaço-tempo que eles ocupam.

Também no diálogo epistolográfico os sujeitos e, conseqüentemente, os seus discursos, estão dependentes do seu "posicionamento" no espaço-tempo - sujeitos e espaço(s)-tempo(s) são elementos que interagem entre si. De facto o diálogo epistolográfico é determinado por uma diferença espaciotemporal existente entre dois sujeitos; por sua vez este diálogo pode alterar ou modificar essa relação em termos de distância. O caso mais flagrante deste aspecto poderá ser a combinação de um "encontro" num desejo de anulação dessa distância e portanto uma procura de uma (quase) simultaneidade.

(Se regressarmos ainda à nossa carta poética que nos serviu inicialmente de exemplo, podemos ver claramente esta indissolubilidade do espaço-tempo animada, personificada, diremos até reificada, no luar; de facto o luar numa percepção tridimensional, ocupa um espaço - o da lua mais o ar em que se propaga a luz que ela reflecte, alcançando a janela do quarto. No entanto, este espaço só é "ocupado" naquilo que entendemos como tempo, a noite: que não é mais que a diferença espacial que a terra percorre na sua velocidade de movimentação em relação ao sol.

Exemplificando, também, aquilo que dissemos anteriormente, o pressuposto discurso dirigido ao luar é indissociável deste espaço-tempo, que o gera).

Mas, atentemos ainda numa outra afirmação einsteiniana:

O nosso espaço físico concebido por meio de objectos e movimentos desses objectos tem três dimensões e posições caracterizadas por três números. O instante de um acontecimento é o quarto número (...). Portanto: o mundo dos acontecimentos pode ser descrito por um quadro que muda no tempo e se projecta sobre o fundo tridimensional do espaço.<sup>14</sup>

Não pretendendo fazer desta afirmação uma aplicação directa ou uma equação de igualdade, poderemos, no entanto, pensar uma série de cartas, como um mundo de acontecimentos - que de facto o são - mudando no tempo e projectando-se na

---

<sup>13</sup> Cf. Albert EINSTEIN e Leopold INFELD - *A Evolução da Física. De Newton à Teoria dos Quanta*, ed. Livros do Brasil, Lisboa, s.d. p.187.

<sup>14</sup> *Ib.* p.188.

tridimensionalidade espacial. Podemos mesmo detectar esta projecção, numa única carta, como se torna claro no encabeçamento de uma carta onde o destinador revela as suas coordenadas espacio-temporais:

Grand Hotel  
Boulevard des Capucines, 12  
Paris

Le 5 Août 1897

Aqui, porém, somos obrigados a estabelecer uma grande diferença: para o leitor de uma sequência de cartas é fácil a apreensão desta sequência como espacio-temporalmente determinada porque se encontra distanciado em relação a esse cronótopo; mas para os seus agentes o mesmo não se passa, pois a percepção imediata (que nós realizamos também) separa o tempo do espaço.

É esta diferença de apreensão criada pela distância que origina "a impressão de estar a ler um romance"<sup>15</sup> a quem lê cartas de um escritor do século passado, como Eça de Queirós.

Ora esta absolutização do tempo e do espaço aparece anulada na representação ficcional onde se processa a assimilação do cronótopo em causa, como um todo inteligível e concreto:

Les indices du temps se découvrent dans l'espace, celui-ci est perçu et mesuré d'après le temps. Cette intersection des séries et cette fusion des indices caractérisent, précisément, le chronotope de l'art littéraire.<sup>16</sup>

No entanto, como também afirma Bakhtine "la littérature a assimilé le véritable chronotope historique de façon compliquée", e, poderíamos dizer, diversa. Específica do género epistolográfico é a intenção de levar cronotopização literária ao máximo de similitude com o cronótopo real - a tentativa de identificação com o cronótopo real - utilizando vários processos de simulação e de verosimilhança (tentaremos ver quais são estes processos no que toca à Correspondência de Fradique Mendes). Deste problema resulta a dificuldade de distinção entre cartas verdadeiras ou cartas ficcionais. Roger

---

<sup>15</sup> Cf. André ROCHA - *A Epistolografia em Portugal*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1980, p.299.

<sup>16</sup> Cf. Mikhail BAKHTINE - "Formes du temps et...", *op. cit.*, p.237-238.

Duchêne, que estabelece uma distinção fundamental e fulcral<sup>17</sup> entre epistológrafo e autor epistolar, a propósito desta dificuldade, afirma:

Car si dans les lettres d'épistoliers, la sincérité est inséparable de la valeur littéraire, dans les lettres inventées ou remaniées au point d'appartenir à leur éditeur plus qu'à leur auteur, le critère de la réussite est dans l'aptitude à faire croire à une sincérité inventée.<sup>18</sup>

Para Roger Duchêne este processo é, ainda, entendido como mimético: "La lettre fictive copie la vie, que la lettre véritablement échangée exprime directement. (...) idées et situations sont en effet les mêmes ici et là.". Antes de analisarmos em que consiste e como se realiza esta "aptitude à faire croire", vejamos, primeiro, de que modo "la lettre véritablement échangée exprime directement la vie" e mais especificamente (no que diz respeito ao problema em análise) como transcreve os sujeitos em situação - ou seja os seus cronótopos reais.

#### 1.1. a) O Cronótopo da Enunciação

Ao nível da produção textual assistimos à inscrição, por parte do destinador, de marcas explícitas do seu cronótopo - poderemos, neste caso, falar da inscrição no texto do CRONÓTOPO DA ENUNCIÇÃO<sup>19</sup>.

A mais evidente destas marcas manifesta-se através do destaque gráfico concedido à disposição convencional de 'l'en-tête' da carta. Para além do aspecto gráfico, as fórmulas utilizadas, apresentando-se extraordinariamente sucintas porque são constituídas por pequenos sintagmas meramente nominais, revelam, por assim dizer, o cronótopo da enunciação em estado puro.

Mas o cronótopo da enunciação aparece, com um alto grau de frequência, reiterado ao longo do corpo da carta. Assim, como diz Janet Altman "to write a letter is to map one's coordinates - temporal, spatial, emotional, intellectual - in order to tell

---

<sup>17</sup> Voltaremos a esta distinção que reputamos do maior interesse para o nosso objecto de estudo. (v. III. 3. 3.).

<sup>18</sup> Cf. Roger DUCHÊNE - "Réalité vécue et réussite littéraire: le statut particulier de la lettre" in *Ecrire au temps de Mme de Sévigné*, Librairie Philosophique J. Vrin, Paris, 2ª ed., 1982.

<sup>19</sup> Patricia Violi afirma a este propósito: "En do que concierne a la localización espacio-temporal, la carta tiene siempre como punto de referencia el lugar y el tiempo de la situación, de enunciaón, generalmente inscrito en el texto (...)", "La intimidad de la ausencia. (...)", *op. cit.*, p.74.

someone else where one is located at a particular time"<sup>20</sup>. Eça de Queirós revelando o seu pendor paisagista, o seu gosto do pormenor, oferece, por vezes, aos seus destinatários humorísticas descrições das suas coordenadas vivenciais, como podemos ver, por exemplo, na carta que escreve a Eduardo Prado, de Plombière, estância termal:

Antes tivesse V. vindo para Plombière. Estas águas também curam a obesidade: o hotel, com o seu regime, convida, força quase à abstinência; a monotonia ambiente seca a fibra; a necessidade de entre montanhas, subir sempre, trepar sempre, desgasta e derrete as banhas mais depressa (...). Plombière é encantador, - mas a natureza tão alinhada, penteada, aveludada, escovada, frotée, pomadée, com tão lindos e *pelucheux* tapetes de relva e aldeiazinhas tão de Opera-Cômica, e *sapins* tão graciosamente recortados em seda - que eu estou anelando pela rude e desgrenhada Natureza dos *Champs Elysées*. Partimos pois para Paris (...) (CO. 2º vol., p. 401-402).

Estas descrições pormenorizadas (com maior ou menor dose de humor que Eça utiliza com o objectivo principal de despertar o interesse e o agrado do destinatário-leitor) revelam o campo referencial do destinador do texto. Ora, segundo Oswald Ducrot "as descrições definidas talvez não possam satisfazer a condição de unicidade se não contiverem ou deícticos ou nomes próprios e demonstrativos"<sup>21</sup> e, embora este autor empregue, neste caso, um discurso modalizante não deixa de afirmar que os demonstrativos e os nomes próprios comportam, em si, deícticos. É o que podemos ver no exemplo acima transcrito onde (sobretudo) os nomes próprios, na sua função deíctica, instituem uma estratégia competencial linguística no sentido em que Herman Parret entende tal designação, ou seja, enquanto regularidade interiorizada e valorizada gerando o fragmento discursivo a partir do contexto de enunciação<sup>22</sup>.

O discurso epistolográfico manifesta, de facto, uma frequência bastante elevada de deícticos reveladores do cronótopo da enunciação, sendo conseqüentemente fácil encontrar nas cartas de Eça frases que contêm estas marcas:

*A Revue Universelle* chegou-me aqui, a esta minha boa cidade de Angers, onde tenho estado... (C.O., 1º. vol. p.225).

À hora, em que lhe escrevo o nosso bom Oliveira Martins já não é ministro. C.O., 2º. vol. p.240).

<sup>20</sup> Cf. Janet G. ALTMAN - *Epistolarity. Approaches to a form*, Columbus, Ohio State University Press, 1982, p.119.

<sup>21</sup> Cf. Oswald DUCROT, Tzevetta TODOROV - *Dicionário das ciências da Linguagem*, Publicações D. Quixote, Lisboa, 4ª ed., 1977, p.302 (Original: Ed. Seuil Paris, 1972).

<sup>22</sup> Cf. Herman PARRET - "Les stratégies Pragmatiques" in *Poétique*, 32, 1982, p.151.

Recebi a tua carta em Lisboa, estando a fazer as malas para partir essa noite, e, apenas chegado, apresso-me a dizer que podes dispor da minha pena. (C.O., 1º. vol. p.248).

### 1.1. b) O Cronótopo da Narração

Para além do cronótopo da enunciação distinguiremos ainda o CRONÓTOPO DA NARRAÇÃO. Patrícia Violi no seu primeiro artigo "La Intimidad de la Ausência. formas de la Estructura Epistolar"<sup>23</sup> distingue o tempo da narração e o tempo da enunciação, este, emergindo naquele, dando lugar ao que Genette designa por "narração intercalada", e, segundo ainda esta autora, na carta estes tempos tendem a confundir-se. Posteriormente, no seu artigo "Letters" Patrícia Violi, alargando as suas referências críticas, remonta a Benveniste e à sua distinção entre "discours" e "récit" e ao desenvolvimento posterior desta distinção, nos domínios da narratologia (com Genette) e da semiótica (com Greimas). Esta dicotomia permite introduzir (através do conceito de enunciação enquanto princípio implícito e abstracto) uma outra distinção:

...the distinction between the author, or the 'real' addresser of the letter and its 'real' addressee on one hand, and the way in which they appear as figures of discourse introjected into the text on the other hand (...). The addresser and the addressee are only made manifest through the 'traces' they leave in the text. These traces are all the elements which refer to the utterance (...) or more specifically to the pronominal system (I- You vs. he) and all the phenomena of space-time *deixis*.<sup>24</sup>

Admitindo no entanto, que esta distinção assenta na ausência ou presença de deícticos unicamente a um nível de superfície, Patrícia Violi recorre, em seguida, à denominação atribuída por Simonin-Gunbrach à dicotomia benvenistiana - Situação de Enunciação vs. Situação do Enunciado:

... the former is the situation in which the sentence is produced concretely and in which are contained the categories of space and time and the people who participate in them. The latter, on the other hand, is defined by the elements inscribed in the text itself.<sup>25</sup>

---

<sup>23</sup> Cf. Patricia VIOLI - "La Intimidad...", *op.cit.*, p.75.

<sup>24</sup> Cf. Patricia VIOLI - "Letters" in Teun van Dijk (ed) - *Discourse and literature. New approaches to the Analysis of Literatures Genres*, John Benjamins Publishing Company, Amsterdam / Philadelphia, 1985, p.150.

<sup>25</sup> *Ibidem*.

Esta evolução crítica é fundamental, para nós, no que toca à distinção entre cartas 'reais' e ficcionais, sobretudo se atentarmos no facto de na situação do enunciado existir também uma inscrição cronotópica, mas, desta vez, inerente ao texto e à sua coerência interna. Esta noção enquadra-se dentro de uma teoria geral da ficção, como mais tarde analisaremos.

Por agora o que nos interessa salientar, é que, decorrido este percurso, se perdeu a primeira distinção, estabelecida por P. Violi, entre enunciação e narração, e, sobretudo, o carácter dinâmico que esta última designação comporta. De facto esta designação parece-nos útil sobretudo para distinguirmos o cronótopo específico da enunciação ("an almost magical ritual"<sup>26</sup> na sua dimensão proxémica) e o(s) cronótopo(s) anterior(es) que constituem objecto do discurso, onde se manifesta também a inscrição de deícticos e a presença explícita ou implícita do mesmo "eu" que neste caso é objecto de narração. De facto os acontecimentos relatados têm como referência o sujeito da enunciação, simplesmente são veiculados através do tempo verbal passado. Ora, segundo Benveniste o pretérito perfeito é a "forma autobiográfica por excelência" porque estabelece um laço vivo entre o acontecimento passado e o presente em que se situa a sua evocação<sup>27</sup>. Isto é bem patente nas cartas de Eça onde o cronótopo narrativo evidencia o seu carácter dinâmico e projectivo como podemos observar na carta que Eça envia a Eduardo Prado a 29 de Maio de 1892:

Ora desde que cheguei a Portugal ainda um dia não passou sem que eu tivesse a intenção de lhe escrever (...). De resto, essa estada em Lisboa não merecia crónica. Passei lá duas semanas, uma santa outra profana, e ambas entristecidas pela sombra que projectavam, daí de Paris, o convénio, o empréstimo, os comités e o Burnay. Felizmente o querido O.M. nem sempre *secretariava de Estado* (bom verbo!) e uma noite mesmo tirou da gaveta certo grosso *bouquin*, ainda em letra redonda, chamado "História de Nun'Álvares", que foi coisa *muy deleytosa de ouvir e para muy grandemente se pasmar*, como se diria no tempo do dito Nun'Álvares. Essa constituiu a melhor noite de Lisboa. De resto, seca - e umas vagas bacalhoadas.

Depois vim para o Porto (...) Aqui é um convento(...) (CO, 2º vol. p. 236-237).

---

<sup>26</sup> Cf. Janet ALTMANN, *op. cit.*, p.137.

<sup>27</sup> Citado por J. LOZANO, C. PENA-MARIN, G. ABRIL - *Análisis del Discurso. Hacia una Semiótica de la Interacción Textual*, ed. Catedra, Madrid, 1982, p.104.

### 1.1. c) O Cronótopo do Destinatário

Podemos, ainda inscrito no texto pelo destinador, distinguir o CRONÓTOPO DO DESTINATÁRIO, como podemos ver na carta que Eça envia a Ramalho Ortigão, a 1 de Agosto de 1886:

Fez-me considerável inveja a sua jornada por esses cantos de Portugal histórico. (CO, 1º vol., p. 407).

Também é esta inscrição que podemos observar na carta que Eça escreve a Oliveira Martins em 1884:

Levar as provas para os areais da Costa Nova, não é prático - ó homem prático! Há lá decerto a brisa, a vaga, a duna, o infinito e a sardinha - coisas essenciais para a inspiração (...).

Vocês, com tipóia na estação, barco no rio, foguetes à espera e talvez literatos locais - não podeis faltar hoje. (CO., 1º vol., p.217).

Mas o cronótopo do destinatário aparece ainda bem marcado nos finais das cartas - com a convencional entrega de cumprimentos que, normalmente, abrange pessoas directamente ligadas com o destinatário e que participam, por assim dizer, do seu cronótopo. É o caso de frases como "Muitos recados da Emília para as senhoras de sua casa" (CO., 1º vol., p. 407) ou "Se Mayer ainda aí está dê-lhe valente abraço" (CO., 2º vol., p.241).

### 1.1. d) O Cronótopo Comum

Finalmente distinguiremos ainda o CRONÓTOPO COMUM ou seja o espaço-tempo vivencial comum ao destinador e destinatário que é afinal ao que Eça se refere quando escreve, saudoso, a R. Ortigão:

E eu, passeando pela sala, e lembrando a nossa já velha e funda amizade, e tanta ideia em comum, e tanto trabalho em comum, e as alegrias juntas, e os longos meses que já vão sem que eu lhe tenha arrocado essas costelas com um rijo abraço - que diabo - não me contive, et j'y suis allé de ma larme! (C.O., 1º. vol., p.564).

É a evocação deste cronótopo compartilhado que sela e mantém a relação epistolar como se pode constatar na carta que Eça escreve a Eduardo Prado em 4 de Julho de 1894:

O que posso dizer afoutadamente é que V. nos faz sempre a mesma falta, e que não há frase mais repetida entre nós que: Se o Eduardo cá estivesse. A nossa casa já não é a mesma, nem materialmente nem moralmente: já não é aquela pitoresca e boémia Rua Charles Laffitte, de que tenho sempre saudades, para onde V. trazia carregarções de rãs, e onde eu tinha de atravessar o jardim com a neve pelos joelhos para ir escrever uma frase." (C.O., 2º vol., p.320).

Normalmente, porém, o cronótopo comum que transparece em quase todas as cartas integra como dominante cronotópica comum o Portugal do séc. XIX com as suas crises, os seus ministérios e a sua inércia.

Embora numa perspectiva analítica seja possível (para os diferenciar) isolar os vários tipos de cronótopos, na verdade, eles não surgem isolados nas cartas, antes pelo contrário aparecem tão imbricados que se torna extraordinariamente difícil separá-los, (mesmo nos exemplos que fomos dando isto se pode verificar).

De facto eles estabelecem entre si relações de co-existência ou codeterminação que devem ser encaradas em termos projectivos. É o que podemos observar na longa carta que Eça escreve a Oliveira Martins, em 26 de Abril de 1894 e de que passamos a transcrever um longo extracto:

Querido Joaquim Pedro

Foi grande alegria a tua carta, por me mostrar um Joaquim Pedro *redivivus*. A Benedita também nos informa, de Cascais, que tu não só estás no número dos vivos mas no número dosãos. E um amigo de Lisboa manda dizer que Sousa Martins te considera já sólido. Ainda bem! Eu, de resto, tive sempre confiança na rijeza dos teus alicerces fisiológicos. O que me enervava era a distância, o não poder saber à noite as notícias da manhã, e não querer assustar a senhora D. Vitória com telegramas que mostrassem consternação. Enfim, tudo isso agora pertence já simplesmente à tua biografia. O que importa hoje é que esse bom mar, nosso pai comum, te enrije depressa e que na espécie moscas tenhas só a suportar as de Lisboa (...) Cascais, pelo que manda dizer a Benedita, está encantador. Vejo daqui grandes porções de azul e branco e um pouco de verde, cores de que minha alma está sedenta - porque a França cada vez se torna mais cinzenta mais *grise*, por fora e por dentro. Nós continuamos na remota província de Neuilly. A nossa casa agora é metida dentro de um jardim, que é ele mesmo metido dentro de um terreno, que por seu turno está metido dentro de um largo prédio de *rapport*. Tens decerto visto disposições iguais em caixinhas



chinesas. Aí passamos uma vida provinciana e rotineira, como se vivêssemos em Carcassona ou em Carpentras. Os nossos amigos interessantes estão dispersos e só vemos alguns conhecidos desinteressantes. (...)

Além de um belo livro, o *Nun'Álvares* é uma boa acção. Estas monografias que empreendeste, são o maior serviço que neste século se tem feito a Portugal. É por elas que tu próprio hás-de ficar na nossa História.

A mim mesmo me dou por exemplo: porque têm sido os *Filhos de D. João I*, e agora o *Nun'Álvares* que me têm feito patriota. Tu reconstróis a Pátria, e ressuscitas, com esses livros, o sentimento esquecido da Pátria. E não é pequeno feito *reaportuguesar* Portugal. (...)

Eu estou sempre com a ideia, e ideia desejosa, de ir a Lisboa. Só se trata agora de saber se irei só, e cedo, querendo Deus - ou se iremos todos, mais para o meado do Verão. Em todo o caso espero em Deus que te possa brevemente dar um bom abraço. (C.O., 2º vol., p.311 - 312)

Como podemos ver esta carta começa utilizando o cronótopo do destinatário imbricado com um cronótopo comum, através da referência a pessoas e conhecimentos comuns (como é o conhecimento da referência ao cronótopo do destinatário com referências temporais explícitas ('à noite', 'manhã')). Esta transição rápida implica uma tematização da distância que aparece como característica fundamental do diálogo epistolográfico numa correspondência particular.

Podemos observar em seguida uma alusão cronotópica comum - o mar, Lisboa e cascais: "esse bom mar, nosso pai comum".

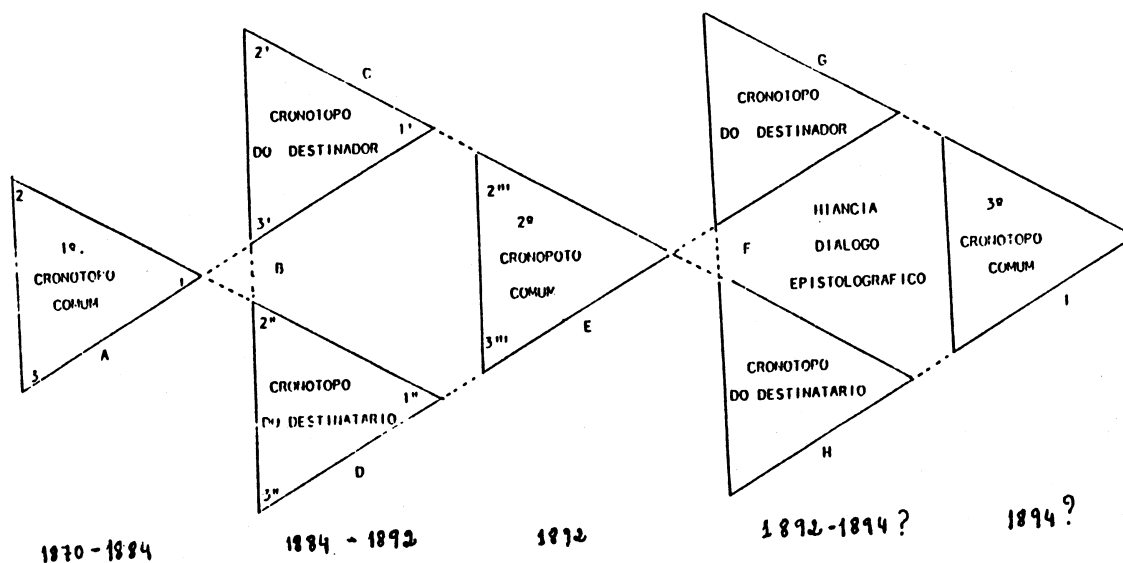
Segue-se um cronótopo de narração referente ao desinador com uma descrição pormenorizada do espaço-tempo decorrido a partir de um espaço-tempo de convivência entre destinador e destinatário (e portanto implicitamente correlacionado com ele) que lhe é anterior.

Finalmente, após uma referência ao Portugal do século XIX, que comporta, implicitamente, uma focalização geracional crítica (através da adjectivação em 'maior serviço' e dos verbos 'reconstruir', 'ressuscitar' e 'reaportuguesar') Eça exprime ainda a ideia de um desejado cronótopo ('Lisboa', 'Verão') ainda não realizado mas a realizar, denunciado pelo emprego do futuro verbal ou expressões semanticamente equivalentes. Ora o futuro, tempo verbal discursivo, contém uma referência temporal pelas modalidades subjectivas que implica. Segundo Benveniste o futuro "não é mais que um presente projectado no devir, implica prescrição, certeza, probabilidade, que são modalidades subjectivas" assinalando assim a presença do sujeito no texto<sup>28</sup>.

---

<sup>28</sup> Citado por J. LOZANO, C. PENA-MARIN, G. ABRIL, *op. cit.*, p.104.

Se entendermos então a carta, ou melhor, uma sequência epistolográfica (e sabendo nós que as cartas anteriores, de Eça a Oliveira Martins, revelam explicitamente ou implicitamente a estadia deste em casa de Eça em Paris) como um mundo de acontecimentos" mudando no tempo e projectando-se na tridimensionalidade do espaço" podemos representar esta projecção através do seguinte diagrama:



Este diagrama, como qualquer outro, é simplista, pois, como dissemos, os cronótopos não apresentam esta linearidade, estabelecem relações de imbricação. Na verdade, os vértices 2" e 3" deveriam estar inseridos no triângulo A, de modo a constituir, entre destinador e destinatário, um espaço-tempo comum que tem origem no cronótopo comum, como os vértices 2''' e 3''' respectivamente no triângulos C e D e assim sucessivamente.

Preferimos, no entanto, representar esta relação de imbricação pelo tracejado, permitindo assim uma melhor visualização da dinâmica que se pretende transmitir.

Podemos agora dizer que a carta analisada se encontra na posição F e por isso o cronótopo de narração corresponde fundamentalmente ao triângulo G. No entanto esta carta não se constitui sem os elementos anteriores - A, B, C, D e E, - antes pelo contrário, torna-os explícitos no texto e são entendidos pelo destinador como passado em termos de tempo absoluto. Por sua vez I, também em termos de tempo absoluto, é

entendido como futuro. Além disso, também a hiância característica da posição F é inscrita explicitamente no texto.

Se nos perguntarmos, agora, qual a razão de ser da inscrição no texto de todos estes elementos, poderemos responder que ela serve para colmatar ou compensar a hiância da posição F; essa compensação é feita através da actualização das posições ou elementos anteriores e posteriores no próprio texto. É o que Patrícia Violi designa por duplo 'efeito de presentificação ou realidade' e 'efeito de distância':

En general la explicitación del acto de enunciación, a través de la presencia de deícticos y de referencias a la localización espacio-temporal, produce efectos de realidad al interior del texto. Ella exige, de hecho un acto de actualización de la situación por parte del lector que debe reconstruir, a través de un proceso de interpretación a partir de los elementos textuales, la estructura enunciativa del destinador<sup>29</sup> obviamente diversa de la del destinatário. Esta actualización produce un efecto de presencia o realidad, particularmente marcado en la escritura epistolar. (...) el efecto de imediatez o presencia se acompaña de um efecto paralelo e complementário que definiría de distancia: distancia que se produce a partir de la inscripción en el texto no sólo de la situación de narración sino también de la situación - difirida en el tiempo y en el espacio - de recepción o lectura.<sup>30</sup>

Esta relação de paralelismo e complementaridade preferimos nós entendê-la como uma relação de imbricação facilmente visualizável se imaginarmos a sobreposição dos triângulos que acima referimos.

### 1.2.A Dominante Actorial na *Correspondência de Fradique Mendes*

Fradique Mendes epistológrafo é a entidade primeira responsável (a assinatura é uma das marcas de identificação muito embora seja seguida, por vezes, das iniciais de Eça de Queirós - E. Q. - que comprometem uma total individuação como veremos mais tarde: v. III.

1.) pelo conjunto de cartas que compõem a *Correspondência de Fradique Mendes*. Se entendermos cada uma das cartas como uma unidade textual da sequência epistolar

---

<sup>29</sup> E, diríamos nós, reactivar pela memória os cronótopos que por este lhe são sugeridos.

<sup>30</sup> *Op. cit.*, p.76.

vemos que cada uma constitui uma actualização no sentido em que Robert de Beaugrande emprega esta designação:

... a text is an ACTUAL SYSTEM: a functional unity created through process of decision and selection among options of virtual systems.<sup>31</sup>

Fradique Mendes ao operar o 'déclit' discursivo decide seleccionar um tipo de discurso - a carta - submetendo-se às suas características específicas determinadas convencionalmente. Trata-se portanto de uma escolha estratégica, como decorre da análise anterior; é neste sentido que entendemos a seguinte afirmação de Patricia Violi:

Quizá en ningún otro texto como en la carta se exhibe y juega la dialéctica entre la realidad concreta del acto de enunciación, su enclave en la presencia de un sujeto real, y su transformación en figura del discurso, en efecto de sentido que se da sólo en el lenguaje y sólo dentro del lenguaje deviene representable. El sujeto real es inferrable, se coloca continuamente en un allá alcanzable solamente por el simulacro de la escritura.<sup>32</sup>

Esta ancoragem do sujeito na carta e a maximização da proximidade entre o sujeito real e a sua transformação discursiva é característica bem evidente nas cartas (daí o suscitar do desejo do que designámos como 'descida à intimidade') e Fradique Mendes impõe-se assim como sujeito e sujeito responsável pela 'mise en discours'.

Como procederá então Fradique para manifestar textualmente a presença dos sujeitos em situação?

Antes, porém, de designarmos estes procedimentos vejamos como se processa esta 'mise en discours'.

Greimas atribui-lhe três componentes fundamentais: a actorialização, a espacialização e a temporalização<sup>33</sup> componentes que, por um fenómeno de "debréage", projectam no discurso um não-eu, um não-aqui e um não-agora diferentes do eu/aqui/agora da enunciação. Ora, como vimos, é característico da carta a tentativa de anulação desta diferença entre o "eu" enunciativo e o 'não-eu' projectado discursivamente - embora seja no fundo uma tentativa desesperada dado que o sujeito é

---

<sup>31</sup> Robert de BEAUGRANDE - *Text, Discourse, and Process. Toward a Multidisciplinary Science of Texts*, Ablex Publishing Corporation, New Jersey, 1980, p.16.

<sup>32</sup> Cf. Patricia VIOLI - "La intimidad ...", *op. cit.*, p.72.

<sup>33</sup> Cf. A.J.Greimas / J. Courtès - *Sémiotique. Dictionnaire Rationné de la Théorie du Langage*, Hachette, Paris, 1979, (Trad. Brasileira de ALceu D. Lima et alii - *Dicionário de Semiótica*, Editora Cultrix, São Paulo, s.d. p.125).

sempre um inefável sendo fácil descobrir, portanto, esta hiância entre o actor que veste o papel do destinador na carta e o sujeito 'real' sempre perseguido.

O mesmo não se passa, porém, com as componentes espacialização e temporalização. De facto ao inaugurar o discurso o actor, no papel do destinador, cria um aqui/agora próprio da sua enunciação sendo impensáveis as noções de não-espaco ou não-tempo. O próprio Greimas mais tarde reconhece esta impossibilidade:

L'analyse ne débouche pas sur le non-espace (pas davantage que sur le non-temps: la physique elle-même semble avoir abandonné cette illusion ou cet espoir.<sup>34</sup>

No que toca à espacialização afirma que mesmo as estruturas narrativas de superfície requerem "non la spatialité, mais une spatialité"<sup>35</sup> e no que diz respeito ao tempo fala em "intrication du temps et de l'espace".<sup>36</sup>

De facto Fradique Mendes, no 'déclencher' discursivo da maior parte das cartas, institui, como objecto do discurso, um espaço-tempo diferente do da enunciação não porque se negue este, mas porque se constrói um espaço-tempo outro, diferente do primeiro. Enquanto nas cartas de Eça de Queirós, cronótopo da narração e cronótopo comum, que são objecto de discurso, dizem respeito aos mesmos sujeitos, destinador/destinatário, do cronótopo da enunciação, o espaço-tempo em Fradique é outro diferente do destinador ou do destinatário (embora nas cartas a Mme de Jouarre, por exemplo, se verifique uma maior ligação com o cronótopo do destinador como adiante veremos). Este espaço-tempo outro apresenta a sua própria coerência e coesão interna cuja validade é só inerente ao texto. Digamos que Fradique instaura um CAMPO INTERNO de REFERÊNCIA com as suas coordenadas próprias, (relativamente) autónomo do espaço-tempo do destinador ou do destinatário.

Trilhando este caminho desaguámos nos domínios da ficção. De facto a noção de "Campo Interno de Referência" é defenida por Benjamin Hrushovsky quando analisa o problema da referência nos textos literários, nos textos ficcionais:

A Work of literature can be defined as a verbal text which projects at least one Internal Field of Refernce (I F R) to which meanings in the text are related. (...) In the case of a work of literature, we are no dealing with an Internal Field of Refernce (I F R) - a whole network of interrelated

---

<sup>34</sup> Cf. A.J. GREIMAS / J. COURTRES - *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la Théorie du Langage*, Paris, Hachette, 2º vol. 1985, p.208.

<sup>35</sup> *Ibidem*.

<sup>36</sup> *Ibidem*, p.232.

reference of various kinds: characters, events, situations, ideas, dialogues, etc...<sup>37</sup>

Este Campo Interno de Referência, sendo a componente fundamental do texto literário pode tornar objecto do próprio discurso o espaço-tempo que comporta investindo-o de um determinado papel actancial (podendo funcionar como oponente, como adjuvante ou destinador ou reunir vários papéis). É o que poderemos designar por actorialização da espacio-temporalização.

É este fenómeno que podemos observar, por exemplo, na carta que Fradique escreve a Oliveira Martins onde Fradique fala da degeneração das civilizações e dos políticos modernos por contraposição com as civilizações e políticos antigos. A comparação estabelecida entre dois cronótopos institui a História, enquanto dinâmica cronotópica, como objecto do discurso sendo esta dinâmica entendida, num certo sentido, como oponente da evolução e do progresso humano:

E eis-nos agora, podendo contemplar as "próprias feições" do maior das Ramesidas, tão realmente como Hokem seu Eunuco-Mor, ou Pentaour seu Cronista-Mor, ou aqueles que outrora em dias de triunfos corriam a juncar-lhe o caminho de flores, trazendo "os seus chinós de festa e a cútis envernizada com óleos de Segabai". Aí o tem V. agora diante de si, em fotografia, com as pálpebras baixas e sorrindo. E que me diz a essa face real? Que humilhantes reflexões não provoca ela sobre a irremediável degeneração do homem! Onde há aí hoje um, entre os que governam povos, que tenha essa soberana frente de calmo e incomensurável orgulho; esse superior sorriso de onnipotente benevolência, duma inefável benevolência que cobre o Mundo; esse ar de imperturbada e indomável força; todo esse esplendor viril que a treva de um hipogeu, durante três mil anos, não conseguiu apagar? Eis aí verdadeiramente um *Dono de homens*! Compare esse semblante augusto com o perfil sorno, oblíquo e bigodoso dum Napoleão III (...). (C. F. M., p.123<sup>38</sup>)

Neste texto podemos observar que a comparação estabelecida nos permite transitar da situação de enunciação (expressa no início da carta pelo "eu" enunciativo que se exprime no presente - "cumpro", "remeto") para uma situação narrativa onde o objecto de discurso detém coordenadas próprias.<sup>39</sup> Estas coordenadas, porém, são veiculadas por lexemas com valor semântico referencial que não são deícticos, mas sim

<sup>37</sup> Cf. Benjamin HRUSHOVSKY - "Fictionality and Fields of Reference" in *Poetics Today*, 1984, vol. V, nº 2, pp.230-235.

<sup>38</sup> Nesta citação, o sublinhado, que não se pretende exaustivo, é nosso.

<sup>39</sup> Esta transição, curiosamente, é feita através da referência a uma fotografia - "Rameses fotografado" - que, já em si, é uma representação do objecto - objecto que o texto vai, também, tratar, representar - funcionando a fotografia, neste sentido, como uma espécie "mise en abîme" representacional.

anafóricos. a distinção, feita por Benveniste, entre deícticos e anafóricos corresponde à sua outra distinção entre "eu/tu" pessoas do discurso e "ele" não-pessoa objecto do discurso. Analisando estas distinções de Benveniste, os autores de Analisis del Discurso afirmam:

... A cada uno de los deícticos podemos hacer corresponder otro termino que no se refiere ya a la situación de discurso, sino a objetos y relaciones de los que se habla (...). Podemos formar dos paradigmas contrapuestos: ahora/ vs/entonces; hoy/vs/el mismo día; ayer/vs/la víspera; aquí/vs/allí; este/vs/ese; yo (me)/vs/el (se); etc.. (...) Para Benveniste su presencia - en lugar de los deícticos - junto com determinados tiempos verbales y formas personales, conforma "la enunciación histórica" u objectiva, pretendidamente exenta de toda subjectividade.<sup>40</sup>

Ora, neste texto, podemos detectar a passagem do referencial deíctico para o anafórico com a introdução da personagem-figura "Ramesés" objecto de discurso. Também o possessivo "seu" ou o pronome complementemnto "lhe" são ainda referenciais consequentes da inclusão da terceira pessoa; "outrora" e "Segabai" são anafóricos localizadores situando o objecto de discurso num espaço-tempo 'outro', diferente do do sujeito da enunciação; por sua vez "corriam", "juncar", "trazendo", "sorrindo" são tempos verbais que denunciam o modo de enunciação narrativa, nomeadamente o imperfeito que se adapta à descrição de factos. Segundo Maria Helena Mira Mateus (*et alii*<sup>41</sup>) numa descrição de factos relativos a um dado universo de referência estes "surgem sempre localizados no passado, sucedendo-se uns aos outros no discurso segundo a ordem em que ocorrem "historicamente"(...) numa "narrativa contínua" em que os tempos verbais utilizados são o *pretérito perfeito*, o *imperativo*, o *mais-que perfeito* e o *condicional* (...)". Ainda segundo estes autores o infinitivo, o gerúndio e o particípio passado não exprimem, em si mesmos, qualquer dos tempos linguísticos sendo subsidiários das formas verbais anteriores e estabelecendo em relação a elas uma relação de anterioridade, simultaneidade ou posterioridade<sup>42</sup>. Neste texto as formas "juncar", "trazendo" exprimem uma simultaneidade em relação ao passado narrativo expresso por "corriam" e por "outrora". Além destes anafóricos, encontramos ainda

---

<sup>40</sup> Cf. J. LOZANO; C. PENA- MARIN; G. ABRIL - *op. cit.*, p.98.

<sup>41</sup> M. H. M. MATEUS, Ana BRITO, Inês DUARTE e Isabel FARIA - *Gramática da Língua Portuguesa*, Livraria Almedina, Coimbra, 1983, p.110. Estas autoras optam, neste caso, por um dos termos do par dicotómico estabelecido por H. WEINRICH *comentativa/narrativa* que corresponde à dicotomia benvenistiana *discours/histoire*. Cf. J. LOZANO *et alii*, *op. cit.*, p.102.

<sup>42</sup> Cf. *Idem*, p.115.

nesta carta uma reiteração estilística de "esse(a)" - anafórico que remete para a fotografia de Ramsés, a não-pessoa objecto do discurso.

Encontramos com frequência estas formas verbais nas cartas de Fradique indiciando, ou melhor, marcando um Campo Interno de Referência distinto do referencial específico da enunciação.

É o que podemos observar, também, na carta de Fradique Mendes a Eduardo Prado onde Fradique faz uma análise do Brasil contemporâneo destes sujeitos recorrendo também à História e, portanto, a factos passados para esclarecimento dos factos actuais. O espaço-tempo do Brasil dos fins do século é o objecto da carta, por conseguinte ela comporta anafóricos constituintes deste referencial específico:

Mais duro e complicado é que eu lhe dê (...) a minha opinião sobre o seu Brasil. (...)

Nos começos do século, há 55 anos, os Brasileiros, livres dos seus males de mocidade, o ouro e o regime colonial, tiveram um momento único e de maravilhosa promessa.(...)

... que fizeram os Brasileiros? Apenas as naus do Sr D. João VI se tinham sumido nas névoas atlânticas, os Brasileiros, senhores do Brasil, abandonaram os campos, correram a apinhar-se nas cidades e romperam a copiar tumultuariamente a nossa civilização europeia, no que ela tinha de mais vistoso e copiável. (...)

Bem cedo, o Brasil, do generoso e velho Brasil, nada restou: nem sequer Brasileiros porque só havia doutores - o que são entidades diferentes. A nação inteira se doutorou. Do Norte ao Sul, não há, não encontrei, senão doutores! (C.F.M., p.231-235)

Como podemos observar nestas duas cartas, o estabelecimento de um Campo Interno de Referência está ligado a uma realidade ocorrida (histórica) ou em curso. De facto, a autonomia do Campo Interno de Referência (tal como B. Hrushovsky a entende) não implica uma independência total mas, pelo contrário, implica transferências de outras estruturas de referência<sup>43</sup>, até mesmo de campos externos de referência - do mundo exterior 'real' - que são projectadas (de modo complexo, é certo) no discurso ficcional. a este propósito afirma o autor:

... the I.F.R. is modeled upon (a selection from) the "real", physical and social human Word. That includes objects, relations and hierarchies, as

---

<sup>43</sup> Segundo B. HRUSHOVSKY "frame of reference is any semantic continuum or two or more that we may speak about" - *op. cit.*, p.230.



the seemingly accidental or "alogical" heterogeneity of elements linked in one concrete episode.<sup>44</sup>

Decorrente desta análise, podemos agora formular a seguinte pergunta: estabelecendo uma cronotopização inerente ao seu Campo Interno de Referência, as cartas de Fradique ignoram o cronótopo do destinador e do destinatário? Nas cartas que acima citámos é bem patente que não - podendo até atingir um grau de identificação muito grande, como acontece na carta a Eduardo Prado onde o Brasil funciona simultaneamente como referencial específico da carta e ao mesmo tempo como "background" existencial do destinatário. Além disso um texto normalmente não apresenta unicamente um modo de enunciação:

La mayoría de los textos no presentan formas puras de discurso o de historia sino que, aun prevaleciendo alguna de ellas, pasan de una a otra. (...) Las formas textuales, se engerzan para formar el entramado de un discurso personalizado o despersonalizado: aquel en que el sujeto se representa a si mismo o aquel en que se borra de la superficie discursiva.<sup>45</sup>

Ora, a maior parte das cartas de Fradique caracteriza-se por uma transição constante de um modo a outro, incorporando fortemente os cronótopos do destinador e do destinatário, sem o que não respeitariam minimamente as características da carta em geral e das cartas pessoais em particular. Na verdade, segundo ainda os autores que vimos citando, as cartas pessoais servem "de ejemplo 'discursivo', personalizado, *modalizado* através del modo verbal, las expresiones modales (...), tiempos comentativos y relación interlocutiva inscrita no texto"<sup>46</sup>.

Assim, como dissémos, o cronótopo intrínseco do Campo Interno de Referência das cartas de Fradique surge correlacionado com os cronótopos do destinador e do destinatário que se quer 'fazer crer' pertencerem ao mundo exterior. De facto muitas características aí vão beber, características essas, que podem ser exemplificativas na relação madrinha-afilhado das cartas a "Mme. de Jouarre" ou na integração de um destinatário marcado e determinado pela sua profissão - Mr. Bertrand Engenheiro na Palestina.

No que diz respeito ao cronótopo do destinador, ele é dado ao leitor indirectamente através da narração biográfica que antecede as cartas. Através das

---

<sup>44</sup> *Idem*, p.236.

<sup>45</sup> Cf. J. LOZANO *et alii*, *op. cit.*, pp.108, 110.

<sup>46</sup> *Idem*, p.104.

'Memórias e Notas' veiculadas por um narrador-testemunha o leitor sabe quais são as coordenadas espacio-temporais, intelectuais, etc., de Fradique. Mas, para além deste conhecimento sempre implícito nas cartas de Fradique, as suas coordenadas cronotópicas aparecem no encabeçamento das cartas ainda que de forma muito sumária e sem indicações precisas: "Paris, Abril", "Lisboa, Março". O encabeçamento contém também indicações, também pouco precisas, do grau de familiaridade da relação estabelecida com o destinatário: "Minha querida madrinha", "Meu caro sr. Molinet", "Querido amigo", etc.

O cronótopo do destinador que, como dissemos, é veiculado e desenvolvido sobretudo na narração biográfica discursiva e narrativa que antecede as cartas, obedece a uma estratégia simultaneamente discursiva e narrativa. Discursiva porque inscreve no texto o epistológrafo enquanto sujeito da enunciação; narrativa porque permite ao destinador uma focalização omnisciente sobre o assunto que vai tratar ou sobre os acontecimentos que vai relatar e que vão construir o Campo Interno da Referência.

Assim se passa, por exemplo, nas três últimas cartas de Fradique a "Madame" de Jouarre onde relata o que lhe vai acontecendo e descreve o que vai vendo em Portugal sendo, no entanto, os olhos que vêem, olhos de um homem culto, aristocratamente diletante, que foi educado em Paris, que habita em Paris, que conhece a fundo a sociedade parisiense. Assim se torna mais incisiva, mais acutilante e também mais interessante, escutar a opinião desta personalidade acerca do comezinho Portugal. De facto estas cartas respondem todas ao "programa narrativo" inicial traçado logo na primeira desta série de cartas:

Foi ontem, por noite morta, no combóio, ao chegar a Lisboa (...), que de repente me acudiu, à memória estremunhada, o juramento que lhe fiz no sábado de Páscoa em Paris (...). Juramento bem estouvado, este, de lhe mandar todas as semanas, pelo correio, Portugal em "descrições, notas, reflexões e panoramas" (...). (C.F.M., p.150)

O cronótopo original do destinador, nesta carta até explicitado - "sábado de Páscoa em Paris" - permite ao destinador ser um narrador-julgador, permite-lhe a emissão de juízos críticos, podendo assim ser considerado como seu Adjuvante.

O mesmo se passa também na carta de Fradique Mendes a Ramalho Ortigão onde o cronótopo vivencial fradiquiano lhe permite a distância irónica e julgadora dos episódios que narra:

Às nove e meia, apesar da minha justa repugnância pela esquina do café da Paz, Centro catita do *Symbolismo* Internacional, lá me instalo, com um *bock*, esperando a cada instante que surja por entre a turba baça e mole do *boulevard*, o esplendor da Ramalhal figura. (.) E assim até que o bronze nos soou o fim do dia.

Em compensação um caso, e profundo. Carmonde, Eduardo e eu sorvíamos as derradeiras fezes do *bock*, já desiludidos de Ramalho e das suas pompas, quando roça pela nossa mesa um sujeito escurinho, chupadinho, esticadinho, que (...). (C.F.M., p.142-143)

Como podemos ver o narrador emite um discurso extremamente judicativo sobre o ambiente que o rodeia sendo a sua situação espácio-temporal que lhe permite o conhecimento do sujeito-personagem que vai ser objecto de narração.

Posteriormente, ao deslocar-se no tempo e no espaço, o destinador vai encontrar outro sujeito-personagem, que também vai ser objecto da narração, e que lhe permite a complementaridade da 'história':

Eu arrastei os passos, no calor da noite, até ao clube. No clube encontro Chambray (...) Chambray declara a Vida uma delícia. E, imediatamente, sem se conter faz a confidência que lhe bailava impacientemente no sorriso e no olho humedecido.

Fora a Versalhes (...). (C.F.M.,p.145-146).

Todas estas referências cronotópicas explícitas servem apenas para despoletar a narração - valem pela sua funcionalidade e não em si, como acontece na correspondência de Eça de Queirós onde o cronótopo do destinador surge, por vezes, como único objecto do discurso.

Só nas cartas a "Mme." de Jouarre o cronótopo do destinador surge como objecto do próprio discurso (Fradique 'conta',descreve o que observou durante a sua estadia em Portugal). Deste modo o cronótopo do destinador (que é também um cronótopo de narração) integra-se (como constituinte) no Campo Interno de Referência destas cartas.

No entanto este cronótopo de narração existe, não ligado a um cronótopo da enunciação 'real', mas sim funcionalmente servido por um cronótopo pretensamente anterior pré-estabelecido na biografia de Fradique - ou seja, a sua marca parisiense que o determina ontologicamente e que lhe permite a focalização que exprime nas cartas.

Não há, por isso, uma solução de continuidade entre eles mas uma sobreposição hierárquica e uma relação de codeterminação.

Só nas cartas a Clara e a primeira carta a "Mme." de Jouarre explicitam o cronótopo de enunciação (do destinador) tornando-o objecto do discurso.

Se formos, agora, analisar a integração do destinatário e de sua situação espaciotemporal nos textos-cartas de Fradique veremos que algo de idêntico se passa. Na verdade as referências aos cronótopos do destinatário também são vagas e imprecisas evidenciando a sua funcionalidade para despoletar o assunto ou caso que vai ser objecto de discurso. O exemplo mais flagrante é constituído pela carta a Mr. Bertrand B. cujo encabeçamento incorpora graficamente o seu cronótopo:

A. Mr. Bertrand B.

Engenheiro na Palestina

O tema da carta é inalienável das coordenadas "existenciais do destinatário uma vez que são elas que sugerem e determinam que se fale da construção dos caminhos de ferro na Palestina. Neste sentido, este cronótopo pode ser considerado como um Oponente à tranquilidade do epistológrafo. É neste, e por este jogo de relações, que se estabelece o Campo Interno de Referência desta carta.

Idêntico fenómeno se verifica na segunda carta a "Mme." de Jouarre onde um estratégico cronótopo comum (do destinatário e do destinador) de um encontro, perfeitamente verosímil (e lógico dentro do Campo Interno de Referência que se vai construindo na carta) origina a promessa de escrever. Esta promessa vai determinar (funcionando assim como Destinador transtextual) não só esta carta mas as seguintes cartas a "Mme." de Jouarre.

É ainda o cronótopo deste destinatário - Mme. de Jouarre - que permite a sequência das cartas "A Clara":

Ontem, em casa de Madame de Tressan, quando passei, levando Libuska, estava sentada, conversando consigo, por debaixo do atroz retrato da Merechala de Moy, uma mulher loira, de testa alta e clara (...)

Quem era? Suponho que nos chegou do fundo da província, de algum velho castelo do anjo (...) mande-me dizer que nome tem em sua paróquia, a loira castelã do Anjù" (C.F.M., p.118,119,121)

Poderemos concluir que, nas cartas de Fradique, a espaciotemporalização referente aos sujeitos que estabelecem a relação epistolográfica não existe em si mas

para, ou seja, valem pela sua funcionalidade permitindo a ancoragem cronotópica específica do Campo Interno de Referência de cada carta.

Não podem ser avaliadas como verdadeiros ou falsos em relação ao mundo exterior mas sim como válidos e/ou lógicos dentro da construção de um mundo possível - neste caso de uma relação dialógica possível.

Podemos, por isso, dizer que eles são actores desta construção dialógica, actores indispensáveis porque a determinam.

## 2. DESTINATÁRIO E DESTINATÁRIOS

Afirmámos que uma das características básicas da carta, da correspondência no que diz respeito ao destinatário, era a sua manifestação textual explicitando, pela actualização, a falha que constitui a sua ausência. Serão idênticos os procedimentos adoptados por Eça e por Fradique para incorporar os seus destinatários?

### 2.1. O Destinatário na Correspondência de Eça de Queirós

A Correspondência de Eça abrange um grande número de destinatários e, além disso, para cada um deles, Eça escreve, normalmente, uma grande quantidade de cartas. Cada carta apresenta, assim, um carácter aberto que lhe é inerente (não deixando, contudo de evidenciar a sua coerência interna individual).

#### 2.1.a) A Diversidade

A correspondência de Eça abrange um grande número de destinatários reflectindo-se nela a diversidade de relação existente entre epistológrafo e destinatário. ao nível discursivo esta diversidade manifesta-se explicitamente, sobretudo, nas formas de tratamento iniciais e finais das cartas.

Assim podemos ver que Eça se dirige muitas vezes a Oliveira Martins utilizando o primeiro nome - "Querido Joaquim Pedro" e termina a maior parte das cartas com a expressão "teu do coração" (até por abreviatura "t. do c.") que é bem revelador do grau de intimidade deste relacionamento. Se compararmos estas formas com as que utiliza para se dirigir a Jules Genelioux, seu editor - "Cher Monsieur Genelioux / Je suis, cher

monsieur votre bien devoué" - com o qual estabelece apenas uma relação de negócios, ou ainda, com as formas que escolhe para o pedido de casamento dirigido àquela que irá ser a sua futura sogra - Minha Senhora / Ponho respeitosamente aos seus pés, minha Senhora, a homenagem da minha alta consideração" poderemos notar um grau de convencionalidade mais elevado denunciador de distância e do tipo de relações existentes entre destinador e destinatário.

Reveladora desta diversidade é, ainda, a diferença entre a escolha da 2ª pessoa ou 3ª pessoa do singular. Para O. Martins a forma utilizada é "tu" assim como para Jaime Batalha dos Reis com quem conviveu intimamente e para quem utiliza uma linguagem mais liberal (por vezes mesmo libertina) chegando mesmo ao insulto amigável (Cf. CO pp. 106-109). No entanto para Ramalho Ortigão ou Eduardo Prado a forma utilizada é "você" devido, talvez, no primeiro caso a uma atitude de deferência e, no segundo, a um relacionamento mais tardio. A carta enviada por Eça a Ramalho em 19 de Dezembro de 1888 é verdadeiramente elucidativa a este propósito, pois comporta uma utilização intercalada, efémera e repentina, da forma "tu" para suscitar uma maior proximidade (cujo garante é uma velha e longa amizade) no esclarecimento de uma "trapalhada" relativa ao projecto da *Revista de Portugal*:

Se, quando Você desatou nesse arrazoado, eu estivesse junto de si, tinha lançado mão desse marmeleiro que Você parece guardar para os ombros dos seus amigos obtusos. Como estava a dois dias de viagem, encolhi os ombros até eles me ficarem mais altos que a cabeça, e gritei três vezes: - *Sebo!* Oh, afinal, Ramalho, donde depreendeste tu que eu te suspeitasse de ires ao lusco-fusco, à casa de Oliveira Martins, embuçado na capa da iniquidade, propôr-lhe uma traição contra um velho camarada? (CO, 1º vol. pp. 555)

#### 2.1. b) A Sequência Epistolar ou a Continuidade Descontínua

A carta, sendo uma unidade perfeitamente delimitada, é detentora de uma abertura componencial muito própria, dado que inscreve em si própria, um espaço vazio que só pode ser preenchido pela carta-resposta do destinatário. Esse espaço vazio é criado através de interrogações, hipóteses e apelos e pedidos de resposta.

As hipóteses criam uma multiplicidade não resolvida mas resolúvel porque passível de ser reduzida a uma única solução. É o que podemos verificar quando Eça convida Oliveira Martins (depois deste último ter abandonado *O Reporter*) a colaborar

assiduamente na *Revista de Portugal* sugerindo-lhe através das várias secções da revista, diferentes possibilidades para essa colaboração:

Em política, a *Revista* tem duas secções: uma revista política do mês e a famosa *Lettres pour l'étranger*. Queres-te espojar nalguma destas secções? Queres inventar uma? Queres ter simplesmente um número de páginas reservado? - onde te espolinhes? Ordena. (CO, 1º vol. p. 536).

Por sua vez os apelos directos são constantes na correspondência de Eça, e estão ligados quer a problemas económicos, quer profissionais, quer literários ou mesmo simplesmente sentimentais. Os precalços por que passou o seu projecto de revista, por exemplo, levaram-no a solicitar constantemente a ajuda dos seus companheiros de longa data:

A *Revista* (...) renasce com redobrado rigor. Apelo para a tua caridade e a tua prosa" escreve Eça a Oliveira Martins numa carta datada de 2 de Setembro de 1890.

As interrogações, por sua vez, proliferam na correspondência de Eça pois das respostas a estas perguntas depende a própria relação epistolar. Daí que estejam muitas vezes ligadas (tal como as hipóteses) aos pedidos de resposta. É o que podemos ver na carta que Eça escreve a Oliveira Martins, em Agosto de 1887:

São por fim umas poucas de perguntas mas realmente uma só: temos jornal? (...) Responde às minhas perguntas, porque eu tenho pressa de *savoir à quoi m'en tenir*. (CO1º vol. 430).

Assim a função apelativa, patente nos exemplos apontados, integra um espaço a preencher pelo destinatário. Deste preenchimento depende a conectividade sequencial que se estabelece de uma carta para a seguinte. Deste preenchimento depende, também, o comportamento do epistológrafo como Eça sublinha na carta de 23 de Julho de 1891 a Oliveira Martins:

Responde logo que possas. Porque da tua resposta depende o meu plano de ida a Portugal (CO., 2º vol., p.164).

## 2.1. c) A Atualização

Por actualização entendemos o "efeito de presença" criado pelo epistológrafo para subverter a ausência do destinatário. É isto que claramente explicita Patrícia Violi quando afirma:

El destinatario tiene por su parte un estatuto ambiguo: desde el eje comunicativo real, se refiere a un individuo empirico determinado; en el momento sin embargo que el eje comunicativo es asumido en la escritura el destinatario empirico no puede sino captarse como figura textual. De esto deriva un doble efecto de presencia e ausencia: el otro está siempre presente en el texto pero su presencia constantemente remite a un otro lugar.<sup>47</sup>

Podemos distinguir, fundamentalmente três procedimentos diferentes, utilizados por Eça, para conseguir este efeito: a evocação, a alusão e a citação.

Pela evocação o epistológrafo constrói, reconstitui a imagem que tem do destinatário como podemos ver nesta carta que Eça escreve a Oliveira Martins:

...o meu pesar tem sido não estar aí para conversar contigo, a sós, e portas fechadas. estou-te a ver, na tua poltrona, de manta nos joelhos, sorrindo e esfregando as mãos, como um filósofo e um velho historiador que há dois mil anos frequenta e conhece os homens.(CO., 2º vol.,p.34)

Pode esta evocação ter como referente a impressão, a imagem psicológica imprimida pelo destinatário, em terceiras pessoas como por exemplo a imagem que Oliveira Martins deixou nos filhos de Eça e que este se compraz em reconstituir como galanteio:

Tu ficaste, sobretudo para a Maria, desde o famoso interrogatório sobre vidro e sobre o ferro com a reputação de um saber infinito e infalível. Sempre que tem uma dúvida declara *qu'il faudrait demander au Philosophe*. Assim a humanidade, com as suas ilusões, cria as suas religiões! (CO., 2º vol., p.243)

Esta problemática da actualização do destinatário apresenta, por vezes, facetas dramáticas, dado que o epistológrafo se apercebe que, tal como ele, o destinatário, ao

---

<sup>47</sup> Cf. Patrícia VIOLI - "La intimidad...", *op. cit.*, p.77.



receber uma carta sua, também realiza este processo. Daí os receios, o medo até, de que esta imagem não corresponda ao real ou se afaste do real.<sup>48</sup>

O medo da distorção da sua imagem é constante no epistológrafo e é bem patente na carta de Eça a Ramalho Ortigão, acima citada, na qual Eça tenta esclarecer um 'desentendimento' relacionado com o seu projecto de revista. Nesta carta Eça nega a imagem que Ramalho Ortigão construiu a seu respeito quer pela interrogação "donde depreendeste tu que eu te suspeitasse" quer pela seguinte invectiva:

Se a minha prosa me traiu e lhe levou a minha ideia pouco nítida, você, homem abominável, devia estar (tinha obrigação de estar) bem certo de mim para ver logo que o mal estava na minha redacção - e não na minha intenção. Viu o contrário e eu tenho o direito de lhe gritar como supremo resumo:

- Irra, animal! (CO., 1º vol. p.566).

Eça de Queirós atribui à distância esta distorção lamentando-se, ao mesmo tempo, do desinteresse do destinatário como podemos ver numa outra carta também dirigida a Ramalho Ortigão:

Recebo agora o diabo de uma carta sua que de modo nenhum compreendo(...) Você é um homem *affaire et pressé*, certo não tem tempo de ler com atenção as epístolas de um amigo distante: de outro modo não teria Você visto na minha as coisas monstruosas que parece lá ter enxergado e que o obrigam a aludir, com ar magoado, à nossa amizade!!! São três pontos de admiração que aqui tracei. Mas devia ter lançado *mil*, e enormes! Você ensandeceu, Ramalho! (CO., 2º vol. p141).

Mas se esta construção da imagem do 'outro' cria, muitas vezes, insegurança, também apresenta o seu lado positivo, estabelecendo a confiança entre os sujeitos. E o que Eça de Queirós sente quando, a propósito da possibilidade de mudar de Consulado, diz a Oliveira Martins:

---

<sup>48</sup> Esta situação, elevada ao paroxismo que lhe é característico, podemos encontrá-la numa carta de F. Kafka a Milena onde Kafka afirma: "La grande facilité d'écrire des lettres doit avoir introduit dans le monde - du point de vue purement théorique - une terrible dislocation des âmes: c'est un commerce avec des fantômes, non seulement avec celui du destinataire, mais encore avec le sien propre, le fantôme croit sous la main qui écrit, dans la lettre qu'elle rédige, à plus forte raison dans une suite de lettres où l'une corrobore l'autre et peut l'ap- peler à témoin. Comment a pu naître l'idée que les lettres donneraient aux hommes le moyen de communiquer? On peut penser à un être lointain, on peut saisir un être proche: le reste passe la force humaine. Ecrire des lettres c'est se mettre nu devant les fantômes; ils attendent ce geste avidement". Cf. Franz KAFKA - *Lettres à Milena*, Paris, Gallimard, 1968.

Tu conheces-me e sabes que, nem por todos os tesouros e bens do Universo, eu consentiria a dar um passo, soltar uma sílaba ou rabiscar uma vírgula - para deslocar um homem que está tranquilamente colocado. (CO., 1º vol. p.509)

Este apelo ao conhecimento mútuo é muito frequente na correspondência de Eça porque é afinal o suporte da própria correspondência e só a sua manutenção dá continuidade à relação estabelecida. A partir do momento em que se rompesse essa imagem, modificar-se-ia a relação existente. É o que confirma a seguinte afirmação de Eça de Queirós quando Oliveira Martins abandona o governo, em que participou, por dissidências político-ideológicas:

A tua conduta na crise é o que eu sempre esperara e tinha previsto. Acho-a de todo o ponto excelente(...). (CO., 2º vol., p.139)

Outro processo de tornar presente esse destinatário sempre inacessível é a alusão relativa a características próprias da personalidade do destinatário, ao seu comportamento típico, etc., que o epistológrafo conhece. É um processo mais subtil e menos explícito que a evocação e também menos totalizante, sendo apenas atingidas algumas facetas do destinatário em causa. Assim se verifica quando Eça, não encontrando um meio satisfatório para estabelecer a remuneração dos colaboradores da Revista, diz a Oliveira Martins: "Vê tu se achas um sistema - oh, criador de sistemas!" (CO., 1º vol., p.624); ou ainda quando inicia a carta de 28 de Janeiro de 1890 do seguinte modo: "Não tenho notícias tuas desde o último reinado. Ia quase a dizer desde o reinado do Mestre de Avis." (CO., 2º vol. p.34).

Estas alusões remetem inequivocamente para o gosto pela História de Oliveira Martins, para o seu poder de análise sistémica da História. No segundo exemplo, a alusão remete mais concretamente para as obras de Oliveira Martins, nomeadamente para os filhos de D. João I que Eça conhecia tão bem, uma vez que foram publicados na *Revista de Portugal*.

É também em alusão ao gosto pelas invenções mecânicas que Eduardo Prado cultivava, que se compreende a seguinte passagem da carta de 15 de Agosto de 1898, que Eça envia de Paris a Eduardo Prado: "Mas quê! A libertação dos servos não se estendeu aos que trabalham nos chamados "campos da intelectualidade" (CO., 2º vol. p.473). Eça declina assim um convite de uma viagem ao Brasil inviabilizado sobretudo pelo trabalho literário - nesta altura, Eça tinha ainda na forja *A Cidade e as Serras* e

ainda não concluíra a *Ilustre Casa de Ramires* nem a *Correspondência de Fradique Mendes*.

Uma outra alusão à transbordante vivacidade de Eduardo Prado se esconde sob o saboroso galicismo da frase: "(...) a fresca sombra destes caminhos convida a especulação metafísica. Pelo contrário, aí, V. depois de restabelecido, aposto que tem *casinado!*" (CO., 2º vol. p.402). Esta alusão é nitidamente reveladora da familiaridade da relação existente entre Eça de Queirós e Eduardo Prado.

A citação constitui também um processo de incrustação do destinatário no texto e consiste na reposição do discurso do destinatário. A citação de extractos de cartas recebidas serve para o epistológrafo ir tecendo as suas próprias opiniões em relação ao que é exposto pelo destinatário. Normalmente não se trata de uma transcrição completa das palavras do destinatário mas apenas de alguns pontos essenciais, de algumas palavras chave que permitem recordar o que foi dito (tornando-o assim presente). O próprio Eça de Queirós confirma esta ideia ao utilizar, para responder a Oliveira Martins, a seguinte frase: "Recebi a tua boa carta, e escrevo à pressa sobre um dos pontos dela (...) (CO., 2º vol., p.130). É este processo que Jorge de Sena designa, numa feliz expressão metafórica, por respigar da carta do destinatário: "- Agora apeteceu-me (...) começar a respigar as suas cartas... para responder ao que tal não estiver"<sup>49</sup>.

Este efeito de presença é muito frequente em qualquer sequência epistolar em que se verifique um intercâmbio profundo entre destinador e destinatário. A sua manifestação textual é realizada sobretudo através de expressões adverbiais ou locuções que exprime uma ideia de ordenação.

A última carta, de que temos conhecimento, dirigida por Eça a Eduardo Prado é elucidativa no que toca a este ponto porque é constituída, fundamentalmente, por três partes que se diferenciam pelas marcas textuais a que aludimos. A primeira parte começa pela locução adverbial 'antes de tudo': "Antes de tudo o assunto *Viagem*"; a segunda é introduzida por uma expressão adverbial: "Agora, enquanto ao artigo. Foi (...)"; a terceira é constituída pelo habitual pedido de resposta e entrega de cumprimentos característico dos finais das cartas. Como podemos ver, Eça trata de ordenar as suas respostas respigando na carta recebida o que havia a responder, estruturando assim a sua própria carta.

---

<sup>49</sup> Cf. Mécia de SENA, Jorge de SENA, *op. cit.*, p.34.

O máximo de concisão nessa ordenação podemos nós detectá-la na carta de 10 de Agosto de 1891, que Eça escreve a Oliveira Martins na qual recorre mesmo à enumeração explícita para rebater ordenadamente as objecções levantadas por Oliveira Martins ao seu extraordinário projecto de edição de compêndios escolares novos. Passamos a transcrever essa carta:

Querido Joaquim Pedro

A tua boa carta não me convenceu - tanto mais que há nela, ou antes, erra vagamente através dela, uma contradição que é estranha nos teus hábitos. Dizes que o meu plano *não se tem de pé* porque:

1º) É impossível estabelecer, em pleno regime de livre concorrência, um monopólio;

2º) Seria absurdo que o Estado tivesse, e impusesse, uma ciência ortodoxa e oficial;

3º) Seria insensato, quando há em Portugal uma crise de trabalho, arrancar à indústria tipográfica o movimento dos compêndios.

Perfeitamente! Mas o plano que tu dizes ter sugerido e afirmas ter já feito algum caminho tem exactamente os mesmos traços:

1º) Estabelecer o monopólio: chegas a ele por um concurso, o que é o caminho usual, mas chegas a ele, e nele te instalas;

2º) Criar uma ciência ortodoxa: dando o Estado aos compêndios que adoptar o *privilégio de cinco anos*, estabelece durante esses cinco anos uma ciência oficial, única, que pode ser ensinada nos estabelecimentos do Estado, e constituindo portanto uma ortodoxia; (CO., 2º vol., p.175)

#### 2.1. d) A Referencialidade

A implicação do destinatário no texto-carta pode ainda surgir de um outro modo ou seja indirectamente. Na verdade, possuindo o destinatário uma existência real exterior ao texto, ele aparece inscrito num espaço-tempo que constitui o seu 'background' referencial. Ora, como se torna evidente, entre o potencial de referentes do destinatário e o do destinador surgem pontos comuns e subsequentes relações de comunidade. Sabendo nós, que as coordenadas desse potencial de referência são determinadas pelo sujeito, facilmente podemos ver que, à medida que esse referencial vai emergindo no texto, é projectado através dele - portanto, indirectamente - o próprio sujeito também.

Poderíamos descrever logicamente esta relação de implicação do seguinte modo:

T ==> R R ==> D T ==> D

(sendo T= Texto, R= Referencial e D= Destinatário).

Este potencial de referência está intrinsecamente ligado com a temática das cartas (que analisaremos em II. 3.);por agora, interessa-nos, apenas, salientar a presença do destinatário viabilizada através deste potencial de referência.

Desta análise discriminada poderemos concluir que a correspondência de Eça, no que diz respeito ao destinatário, apresenta-se plural tanto num sentido sintagmático, pela multiplicidade de destinatários a que se dirige, como num sentido paradigmático porque a cada destinatário são dirigidas, normalmente, várias cartas. Se considerarmos cada destinatário como ponto de partida do paradigma podemos ainda falar de uma sintagmática dentro desse paradigma dado que a sequência das cartas implica que cada uma delas mantenha relações com as anteriores e as posteriores. É o que podemos visualizar no seguinte quadro:

-----  
Eixos Sintagmático

Paradigmático	O. Martins	R. Ortigão	E. Prado ...
	Carta 1	Carta 1	Carta 1
	Carta 2	Carta 2	Carta 2
	Carta 3	Carta 3	Carta 3
	Carta 4	Carta 4	Carta 4

-----

A sintagmática dentro do paradigma, representada neste quadro pela enumeração 1, 2, 3, 4,..., é gerada graças à característica que designámos por Continuidade Descontínua.

Por outro lado o destinatário, sendo, não a razão, mas a co-razão da existência desta correspondência, é simultaneamente estruturante e estruturado. É estruturante na medida em que constitui um factor endógeno do texto-carta participando na enunciação dado que esta é influenciada por ele; é estruturado enquanto factor exógeno, detentor de uma existência real exterior ao texto-carta para quem a enunciação se dirige.

É dentro desta ambivalência que se pode compreender, ainda, a fusão, identificada por Patrícia Violi, do leitor modelo como destinatário real. Aceitando a formulação do conceito de leitor-modelo de Umberto Eco, a autora afirma que na carta "the Model Reader is not an abstraction which refers to an open class of reader but instead reduces itself to coincide with a single reader, the empirical addressee"<sup>50</sup>.

Esta fusão é gerada pelo carácter endógeno do destinatário, que lhe permite ser único leitor capaz de uma *praxis* de leitura absoluta.

Como salienta a autora que vimos referindo, noutros textos, a competência necessária para uma leitura adequada do texto "can be deduced either from the text itself or from the general encyclopedic competency available to all readers (...), but what we find in the letter is that often the encyclopedia we need for an understanding of the text is idiolectal"<sup>51</sup>.

## 2.2. O Destinatário n'*A Correspondência de Fradique Mendes*

A incorporação do destinatário nas cartas de Fradique processa-se de um modo diferente daquele que observámos nas cartas de Eça. Percorrendo as características que detectámos nesta última vamos ver em que consiste essa diferença.

### 2.2. a) A Singularidade

Fradique, tal como Eça, escreve a diversos destinatários, simplesmente enquanto em Eça para o mesmo destinatário encontramos uma multiplicidade de cartas, Fradique escreve uma carta a cada destinatário - à excepção das cartas a Clara e a "Mme" de Jouarre.

Ter-se-iam perdido o resto das cartas como se afirma?

Se atentarmos, porém, nas cartas escritas a "Mme" de Jouarre vemos que esta característica de singularidade não se dilui. De facto, embora tendo o mesmo destinatário, elas revelam uma unidade e uma singularidade específicas porque cada uma delas apresenta (como elemento constituinte fundamental) um tema único completamente distinto do das outras; poderia, pois, cada uma delas ser endereçada a um destinatário diferente. A única ligação que estabelecem entre elas releva, sobretudo,

---

<sup>50</sup> Cf. Patrícia VIOLI - "Lettres", *op. cit.*, p.158.

<sup>51</sup> *Idem.*

do "programa narrativo" a que Fradique se submeteu, (v. supra II. 1. 2.) não se verificando entre elas qualquer tipo de relações dialógicas (perguntas e respostas) sequenciais.

Se considerarmos, também, cada uma das cartas a Clara como dedicada a um estágio amoroso esta singularidade mantém-se subjazendo à singularidade do tema amoroso que elas determinam.

## 2.2. b) O Carácter Monológico

Profundamente ligada com a característica acima abordada, as cartas de Fradique apresentam uma outra característica - a da univocidade. Enquanto a singularidade releva, sobretudo, de uma análise quantitativa, a univocidade advém do aspecto qualitativo. De facto, não encontramos, pelo menos com a mesma *frequência*, ecos da voz do destinatário nas cartas de Fradique. Apercebemo-nos melhor deste problema se nos lembrarmos que, nas cartas de Eça, encontramos, frequentemente, hipóteses de resposta, propostas com concomitantes levantamentos de condicionantes, a que o destinatário tem que responder, sendo as suas respostas indispensáveis para a continuação da sequência epistolar. Não encontramos nas cartas de Fradique pedidos de resposta ou solicitações de ajuda - no sentido destinador destinatário.

Encontramos, porém, algumas antecipações de respostas da parte do destinatário como as que surgem, por exemplo, na carta a Oliveira Martins e na carta a Mr. Bertrand:

- (a) Se V. acha tudo isto excessivo e fantasista ... (CFM., p.126)
- (b) Tu sorris, e acusas a velha Palestina de ser uma incorrigível fonte de ilusão. (CFM., p.183)

mas, tanto no primeiro como no segundo caso, estas antecipações estão semanticamente relacionadas com aquilo que é instituído como objecto do discurso<sup>52</sup> e não com o mundo experiencial do destinador ou do destinatário. Nas cartas de Eça as hipotéticas antecipações de respostas têm intervenção epistolar: a presumível resposta ou a opção entre as várias hipóteses de resposta provocam alterações comportamentais que necessariamente se irão reflectir na(s) carta(s) seguinte(s). São portanto antecipações e

---

<sup>52</sup> O deíctico "isto" (referindo-se ao texto sintagmaticamente anterior) e o anafórico "Palestina" constituem marcas indeléveis da referência ao objecto do discurso de cada uma das cartas.

hipóteses resolúveis mas não resolvidas. Nas cartas de Fradique as antecipações feitas são imediatamente resolvidas pela (contínua) voz opinativa do destinador, servindo para reiterar e/ou acentuar o valor semântico supostamente posto em causa como comprova o seguimento das frases que acima transcrevemos:

- (a') ... atribua-o a que jantei ontem (...) com o seu correlegionário P.,  
conselheiro de estado, e *muchas cosas más*.  
(b') Mas a ilusão, Bertrand amigo, é tão útil como a certeza (...).

A frase (a') remete para a degeneração dos homens políticos contemporâneos que constitui o vector semântico fundamental do Campo Interno de Referência desta carta; por sua vez a frase (b') remete para o valor simbólico, mas não pragmático, do lugar "Palestina" que está em discussão.

Não sendo vinculativas e, portanto, não tendo valor em si próprias, estas antecipações surgem decorrentes das apreciações prévias e têm como função viabilizar as conclusões ou consequências dessas apreciações. Permitem, normalmente, uma negação da negação (a nível semântico): aos vectores semânticos expostos previamente é contraposta uma dúvida de valor semântico contrário (o carácter excessivo e fantasista no primeiro caso e o carácter ilusório no segundo funcionando como atributos depreciativos) para em seguida, pelo rebater dessa dúvida, se acentuar o valor positivo das afirmações prévias.

Processo idêntico verifica-se, também, nas interrogações que encontramos em todas as cartas de Fradique. Vejamos estes dois exemplos:

- (a') Que diz V. a estas coisas consideráveis, meu bom Ramalho?  
(CFM., p.148)  
(b') Caro Oliveira Martins, não acha V. picarescamente sugestivo este  
facto - *Ramases fotografado?*(...) E que me diz a essa face real? (CFM.,  
p.123)

Necessitarão estas perguntas, verdadeiramente, uma resposta do destinatário? O que podemos verificar é que, logo a seguir, Fradique emite a sua própria opinião acerca da pergunta formulada:

- (a') Eu digo que em resumo este Mundo é perfeito (...).Porque (...).



Como marcas comprovativas do que vimos afirmando, podemos detectar em (a') o uso do performativo "eu digo que"<sup>53</sup> que institui a atitude afirmativa do sujeito abrindo caminho à emissão da sua própria opinião; a utilização da locução adverbial "em resumo" que, remetendo para o co-texto anterior, opera como uma reposição condensada daquilo que foi dito anteriormente, viabilizando assim uma asserção generalizante e axiomática: "este nosso Mundo é perfeito"; finalmente, através da conjunção causal "porque" surge a explicação da asserção anterior. Assim, esta pergunta é um meio de que o destinador se serve para desencadear as suas conclusões.

No seguimento das perguntas dirigidas a Oliveira Martins também encontramos considerações feitas por Fradique sobre o próprio conteúdo destas perguntas, considerações essas que funcionam como resposta às perguntas formuladas, como podemos ver pela primeira proposição do longo parágrafo imediatamente posterior à pergunta:

(b') Que humilhantes reflexões não provoca ela sobre a irremediável degeneração do homem! (CFM., p.123)

Nesta frase, a negativa enfática e o discurso valorativo (manifestado através da adjetivação e da exclamação) revelam claramente que se trata do juízo opinativo do destinador e não de uma possível resposta do destinatário. Como podemos ver, é na pergunta, formulada logo no início da carta, que aparece sugerida a situação burlesca, "picaresca", da concomitância múmia/fotografia que irá permitir o desenvolvimento das suas isotopias fundamentais desta carta: antiguidade/*vs.*/modernidade.

Poderemos concluir, do que vimos analisando, que a figura do destinatário não aparece nas cartas de Fradique Mendes? É claro que ela está presente - nem a inscrição do nome próprio no texto deixa margens para dúvidas; mas a sua presença tem que ser encarada duma perspectiva diferente da que verificámos existir em Eça (como iremos ver, também, a seguir).

---

<sup>53</sup> Cf. François RECANATI - *La Transparence et l'Enonciation. Pour Introduire à la Pragmatique*, ed. Seuil, Paris, 1977, p.104.

## 2.2. c) A Funcionalidade

O caráter uni-direccional, que apontámos anteriormente como uma característica das cartas fradiquianas, encontra-se intimamente ligado com estoura característica que denominaremos por funcionalidade do destinatário. Poderemos contrapor esta característica àquilo que designámos por ACTUALIZAÇÃO na correspondência de Eça. De facto, nesta correspondência, verificámos a existência de vários processos que tinham como objectivo colmatar a ausência do destinatário tornando-o presente através da citação, da evocação ou através da alusão. Nas cartas de Fradique há também uma presença do destinatário. Vejamos como ela se processa.

Normalmente, essa presença, verifica-se, em primeiro lugar, no início das cartas:

(a) *Meu caro Sr. Mollinet.* - Encontrei ontem à noite (...) a carta em que o meu douto amigo (...) me pergunta (...). (CFM., p.158)

(b) *Querido amigo* - Cumpro enfim a promessa feita na sua erudita ermida das águas Férreas (...) e remeto, como documento, a fotografia (...). (CFM., p.122)

(c) *Meu caro Prado.* - A sua tão excelente carta foi recebida (...). (CFM., p.230)

A referência a uma carta recebida (ou um bilhete - cf. CFM p.117) ou a uma promessa feita anteriormente (durante um cronótopo comum) marcam a presença do destinatário no texto, evidenciando, simultaneamente, a sua ligação epistolar e/ou comunicativa com o destinador. A maior parte das cartas de Fradique abre com estas referências; mas, curiosamente, podemos ver que elas veiculam, também, a informação suplementar do conteúdo dessas cartas recebidas ou dessas promessas feitas. Dizemos suplementar porque, na verdade, trata-se de informação a mais: se destinador e destinatário têm conhecimento do conteúdo desses 'contratos' porquê reproduzi-los? Se, por um lado, esta reprodução ou reposição constitui um processo característico da epistolografia em geral, por outro lado, esta reposição, normalmente, apresenta-se de forma lacunar e/ou alusiva dificultando (e por vezes impossibilitando), deste modo, a leitura a entidades estranhas ao processo comunicativo - nunca chegaremos a uma compreensão total do 'segredo' de uma correspondência particular. Ora não é isso que se passa na correspondência de Fradique onde são dadas todas as informações necessárias a essa compreensão.

Observemos a informação correspondente à carta do exemplo (a):

(a') a carta em que o meu douto amigo, em nome e no interesse da *Revista de Biografia e de História* me pergunta quem é este meu compatriota Pacheco (José Joaquim Alves Pacheco), cuja morte está sendo tão vasta e amargamente carpida nos jornais de Portugal. E deseja ainda o meu amigo saber que obras ou (...). (CFM., p.158, - sublinhado nosso)

Esta enorme quantidade de informação destinar-se-à ao Sr. Mollinet? Não nos parece, uma vez que, o Sr. Mollinet deveria saber o que pediu. Temos que procurar, portanto, a(s) entidade(s) para a(s) qual(is) se dirige esta informação - encaminhamo-nos para o conceito de Receptor ou seja o leitor do jornal onde as cartas de Fradique foram publicadas. esse receptor sim, não estando na posse dessas informações, precisa delas para uma total compreensão do que se segue.

Vemos assim que a integração do pedido do destinatário aqui, mais uma vez, tem uma *funcionalidade* específica - a de desvendar o motivo que gera a carta de Fradique e de instituí-lo como objecto do discurso: neste caso a "não-história" de José Joaquim Alves Pacheco. Detectamos, assim, a função primordial da integração do destinatário - a função *catalisadora*. De facto a introdução deste pedido vai permitir uma mais rápida aceitação da resposta.

O mesmo se verifica no que diz respeito à carta do exemplo (b):

(b')... a promessa feita na sua erudita ermida naquela manhã de Março em que conversámos ao sol sobre o carácter dos antigos (...). (CFM., p.122)

A alusão a uma conversa anterior e a uma promessa (cujo carácter vinculativo é valorizado) vai permitir que a carta surja como uma continuação de algo já começado - na conversa - e que vai ter continuidade na carta. A explicitação do assunto dessa conversa é já um indício daquilo que vai constituir uma das isotopias (a que já nos referimos) desta carta.

Quanto ao exemplo (c) fenómeno idêntico se passa:

(c') Mais duro e complicado é que eu lhe dê (como V. reclama tão azafadamente) a minha opinião sobre o seu Brasil... E V., menos céptico que Pilatos, exige a Verdade, a nua Verdade, sem *chauvinismos* e sem enfeites (...). (CFM., p.231).

Neste caso, além da incorporação do pedido feito pelo destinatário, é veiculada ainda outra informação - o atributo que se deseja que o pedido tenha. De facto, Eduardo Prado quer, não só a opinião de Fradique como também quer que esta opinião seja verdadeira. Este pormenor informativo (a que se atribui grande importância-manifestada pela utilização da maiúscula e pela reiteração da palavra "Verdade") constitui um dado fundamental para a compreensão do desenvolvimento dessa carta. Na verdade, é Fradique quem quer transmitir a "Verdade" na sua opinião porque pretende criticar fortemente a civilização moderna brasileira. Salvuaguarda, deste modo, uma possível má interpretação da sua vontade - o que faz é feito em prol da verdade e da amizade.

Um outro processo utilizado nas cartas de Fradique para incorporar o destinatário é baseado na figura retórica designada por *comunicação*<sup>54</sup>. Inserida ao longo das cartas esta figura tem também uma funcionalidade específica - a de criar uma proximidade dialogizante entre destinador e destinatário:

- (a) Veja V., por outro lado, as condições (...).(CFM., p.125)
- (b) Porque note V. como, ao fim deste domingo (...). (CFM., p.149)
- (c) Não se assuste, meu civilizadíssimo amigo. Eu não quero significar que o Brasil (...). (CFM., p.231)

Mas a aproximação que se cria encobre uma intenção particular a de criar uma comunhão de ideias. O destinatário é constantemente solicitado a participar nas opiniões transmitidas e a concordar com elas. Como podemos verificar, nestes exemplos, as expressões "por outro lado", "porque", "como" e "eu não quero significar que", servem para o destinador apresentar outras razões, ou outras causas ou outros esclarecimentos que, esclarecendo o destinatário, apelam à sua concordância. Este é um procedimento frequente no discurso ficcional onde a integração de um narratório ou de um destinatário interno visa a criação de uma proximidade com o leitor real. É também um procedimento característico dos oradores, onde, podendo eventualmente dirigir-se a um destinatário único, tem como objectivo a comunhão do público em geral relativamente às razões que se apresentam. Por isso Ch. Perelman e L. Olbrechts-Tyteca

---

<sup>54</sup> Cf. Henri MORIER - *Dictionnaire de Poétique et Rhétorique*, P. U. F., Paris, 1961, p.199. Henri Morier define assim esta figura: "Figure de rhétorique par laquelle on demande à ses auditeurs de juger eux-mêmes les idées qu'on leur expose".

no seu *Traité de l'Argumentation* integram a apóstrofe e a pergunta retórica (que analisámos) na série de figuras que reúne sob a designação de "figuras de comunhão"<sup>55</sup>.

Finalmente podemos detectar a presença do destinatário, não no início ou no meio de uma carta, mas, em termos globais, na totalidade de qualquer carta.

Escrevendo a figuras de renome na época - como Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro,... - Fradique dirige-se a cada uma das personalidades consoante o que estas personalidades detêm de mais representativo ou difundido na sociedade. Assim, com Oliveira Martins, que foi um historiador, vai abordar problemas de História das Civilizações; a Ramalho Ortigão, autor das conhecidas "Farpas", vai contar um caso social passível de crítica; a Guerra Junqueiro, poeta, fala de Religião e Poesia.

Quando o destinatário não é tão conhecido do público, Fradique fornece a um presumível e presumido receptor os dados informativos para que este fique na posse de vários conhecimentos que lhe permitem criar uma *imagem* do destinatário. Muitas vezes esses dados são veiculados através de referências espacio-temporais do destinatário, referências essas que (como já referimos) são, também, funcionais.

É, portanto, através destas referências e de outras que Fradique vai aludindo e actualizando uma *imagem* reconhecida e reconhecível do destinatário - o que é extremamente útil para o receptor ter uma total compreensão de cada carta.

Há nos textos-cartas múltiplos indícios (normalmente veiculados por atributos valorativos) que sugerem a criação dessa imagem, como podemos ver, por exemplo, na carta a O. Martins o adjectivo "erudita" remetendo à cultura do historiador, ou na carta a E. Prado o adjectivo "civilizadíssimo" remetendo às características da personalidade de E. Prado; e ainda o adjectivo (maiusculado) "Ramalhal" e os substantivos "esplendor" e "viço" que remetem, inegavelmente, para a aparência física de Ramalho Ortigão.

Podemos, agora, dizer que a integração de um destinatário - do qual se constrói uma *imagem* de personalidade abalizada para um tema a discutir - é também funcional.

Finalmente, diremos que as características apontadas sobre a integração do destinatário revelam uma terceira entidade incluída nas cartas - o público receptor.

---

<sup>55</sup> Ch. PERELMAN, L. OLBERECHTS-TYTECA - *Traité de l'Argumentation. La Nouvelle Rhétorique*, éditions de l'Université de Bruxelles, Bruxelles, (1970, 1<sup>a</sup> ed.), 3<sup>ème</sup> ed. 1976, pp.232-240.

### 3. - A COMPONENTE TEMÁTICA

A utilização de um método analítico permite-nos identificar, num texto, os níveis sintáctico, semântico e pragmático. Porém, como é sumamente reconhecido, a funcionalidade dos diferentes níveis não é estabelecida de *per si* mas sim de um modo articulado. Nesta perspectiva a carta revela-se uma forma pregnante<sup>56</sup> uma vez que a própria formalização textual - a carta-objecto - é já, em si, portadora de um investimento semântico decorrente da sua intencionalidade comunicativa.

Interessa-nos agora questionar em que consiste esta intencionalidade e como ela se processa. Assim, tentaremos determinar, em cada uma das correspondências que temos vindo a analisar, quais os vectores temáticos predominantes e o modo como são veiculados.

Para a realização deste objectivo torna-se necessário, contudo, postular as coordenadas teóricas que nos poderão orientar.

Para Teun Van Dijk, por exemplo, numa atitude descritiva face a um objecto podemos procurar as suas características gerais ou as suas características particulares realizando para tal determinadas "cognitive operations of generalization or abstraction on the one hand and of specification or particularization on the other hand"<sup>57</sup>. É a partir desta distinção de base cognitiva e de carácter intuitivo, como ele próprio salienta, que Van Dijk elabora a distinção teórica entre microestruturas e macroestruturas textuais.

A ideia (e a própria designação) de que as macroestruturas textuais relevam do domínio conceptual e se atingem por abstracção e/ou generalização tem uma aceitação geral. O mesmo não se verifica, porém, no que diz respeito à própria detecção e formalização das macroestruturas e à sua articulação com as microestruturas. De facto, a extrapolação ou dedução das referidas macroestruturas feita a partir de microestruturas (como a frase ou o sintagma), criando homologias ou sobreposições entre estas estruturas, não têm dado resultados totalmente satisfatórios<sup>58</sup>. Este problema decorre (como também é reconhecido) do carácter extremamente complexo do mundo conceptual e das suas representações, problema que origina por sua vez, uma fluidez e

---

<sup>56</sup> Sobre o conceito de "pregnância" cf. GREIMAS, A. J. COURTES, J. - *Sémiotique. Dictionnaire ...*, op.cit., 2º vol., p.174; Eduardo Prado COELHO - *Universos da Crítica*, Lisboa, ed. 70, 1982, p. 143.

<sup>57</sup> Teun Van DIJK - *Macrostructures. An Interdisciplinary Study of Global Structures in Discourse, Interaction and Cognition*, Lawrence Erlbaum Associates Publishers, New Jersey, 1980.

<sup>58</sup> Confronte-se a este propósito a breve análise crítica das formulações de Van Dijk (nomeadamente a distinção *sentence topic/discourse topic*) realizada por Sholomith Rimmon-Kenan - "Qu'est-ce qu'un thème?" in *Poétique*, 64, Nov., 1985, p. 401.

uma flutuação terminológicas enormes. De facto, os termos "conceito", "assunto", "tópico", "tema", "plano", "argumento" (entre outros) assumem significados e funções diferentes de autor para autor, caracterizando-se por uma polivalência por vezes incontornável.

A proposta de formalização apresentada por Greimas e Courtés remete-nos também para problemas de certo modo semelhantes. A noção greimasiana de "conversão" entre os níveis sintáctico e semântico é explicitada em termos de "equivalência"<sup>59</sup>.

A "tematização" é considerada, por estes autores, em termos de *isomorfismo*: "le thématique-narratif représente la conjonction possible (...) des deux composants isomorphes qui sont le thématique (comme investissement sémantique abstrait, de nature purement conceptuelle) et le syntaxique"<sup>60</sup>.

Mas, chegados a este ponto, deparamos então com um novo problema: se não há uma univocidade entre as estruturas discursivas e as estruturas semânticas, a descoberta dos vectores temáticos de um texto depende apenas do leitor pelo que entramos no domínio da subjectividade e da leitura plural. Neste aspecto podem trazer alguma luz e servir de apoio a teorias da chamada estética da recepção e as mais recentes teorias hermenêuticas. Segundo W. Iser, por exemplo, só o leitor poderá colmatar os pontos de indeterminação inerentes a qualquer texto<sup>60a</sup>.

Ora, parte dessa indeterminação advém de uma determinada quantidade de informação não explícita mas apenas implícita no texto. Essa indeterminação é colmatada quando o leitor activa (actualiza) essa informação implícita, inerente à intenção comunicativa. É o que nos diz T. K. Seung:

The explicit identity of intention and expression obtains in the domain of explicit reference, and their implicit identity in the domain of implicit reference. Their explicit identity cannot allow any room for the indeterminacy of meaning, but their implicit identity can. It is this room of indeterminacy that provides the pragmatic leverage for proposing many different interpretations of any given text on the level of its implicit thematic reference.<sup>61</sup>

---

<sup>59</sup> A. J. GREIMAS / J. COURTÉS - *op. cit.*, pp. 86-87.

<sup>60</sup> A. J. GREIMAS / J. COURTÉS - *op. cit.*, 2<sup>o</sup>. vol., p. 238.

<sup>60a</sup> Cf. Wolfgang ISER - *L'Acte de Lecture. Théorie de l'Effet Esthétique*, Bruxelles, Pierre Mardaga Éditeur, 1985, pp. 317- 338.

<sup>61</sup> T. K. SEUNG - *Semiotics and Thematics in Hermeneutics*, Columbia University Press, New York, 1982, p. 150.

Neste sentido a determinação das referências temáticas não depende só dos vectores semânticos explicitados nas frases ou sintagmas textuais. As regras estabelecidas por T. Van Dijk para atingir "the global topic of a fragment" - DELETION, SELECTION, GENERALIZATION AND COSTRUCTION<sup>62</sup> - são insuficientes, em relação ao objecto que visam, se não se tiver em conta, quer os subentendidos, quer os pressupostos inerentes às próprias microestruturas a analisar. A actualização dos subentendidos e dos pressupostos depende do conhecimento da própria língua, do conhecimento "enciclopédico" de cada utente e ainda do conhecimento que cada participante pressupõe no outro, depende portanto de factores exteriores ao texto.

Esta valorização do implícito<sup>63</sup> e da participação do sujeito exterior ao texto surge pela (ou na) verificação da insuficiência heurística de uma perspectiva demasiado organicista da linguagem (literária ou não literária). Em termos Kuhnianos poderemos dizer que se trata de uma substituição de paradigmas em que o paradigma comunicacional faz submergir o estruturalista<sup>64</sup>.

Na constatação do carácter "enviezado", permeável e não acabado do texto instala-se de novo a pergunta: como determinar as referências temáticas indirectas e fazer uma leitura correcta?

Eis o que nos diz T. K. Seung a este respeito:

An answer to this question can be formulated by using Heidegger's notion of projection, which has been adopted as a central element in the Gadamer's theory of hermeneutic understanding. Gadamer says, "A person who is trying to understand a text is always performing an act of projection."<sup>65</sup>

O método projectivo pressupõe a possibilidade da revisão ou correcção das construções hipotéticas elaboradas. A projecção depende fortemente do sujeito que a realiza<sup>66</sup>, mas a revisão será sempre determinada pelo texto e em relação ao texto - o que nos conduz, como afirma T. K. Seung, ao conceito de coerência:

---

<sup>62</sup> Cf. Teun VAN DIJK - *Macrostructures...*, *op. cit.*, pp. 46-50.

<sup>63</sup> Cf. Catherine KERBRAT-ORECCHIONI - *L'Implicite*, Armand Colin, Paris, 1986.

<sup>64</sup> Cf. Thomas KUHN - *The Structure of Scientific Revolutions*, The University of Chicago Press, Chicago, Illinois, 1962. (Trad. *La Structure des Révolutions Scientifiques*, Flammarion, Paris, 1972, pp. 25-28); Eduardo Prado Coelho - *Universos da Crítica*, Edições 70, Lisboa, 1982, II.4. e III.14, p.430.

<sup>65</sup> Cf. T.K. SEUNG - *Semiotics...*, *op. cit.*, p. 147.

<sup>66</sup> A projecção, neste sentido, aproxima-se da noção de "cadre thématique" proposta por Gerald Prince quando, a propósito da pertinência da determinação de uma unidade temática, afirma: "En tant que thématisateur, je choisis ou construit un cadre thématique (...). Ce cadre est (fondé sur) un modèle qui



Gadamer's criterion for determining whether a fore-meaning can or cannot be worked out appears to be the principle of textual coherence. The fore-meanings that turn out to be incoherent with their texts are inappropriate and arbitrary; they have to be rejected or revised. Even the notion of the unity of meaning (*die Einheit des Sinnes*) that is employed by Gadamer in determining the appropriateness of fore-meaning belongs to the principle of coherence.<sup>67</sup>

Também Michel Charolles entende "coherence as a principle in the interpretation of discourse" e afirma que "coherence is a matter of point of view"<sup>68</sup> e não uma qualidade discursiva intrínseca. M. Charolles advoga, para um correcto entendimento da coerência, um estudo realizado em termos de "abordagem procedimental" ("procedural approach") cujo objectivo é mais o estudo das operações realizadas durante a utilização dos princípios que regem a linguagem do que a definição dos princípios em si.

Segundo este método, os "dados" são "processados" em direcção a um "alvo" que inclui "a theoretical (abstract) projection" que irá permitir a avaliação dos dados<sup>69</sup>.

Como o próprio autor afirma, este método funciona como um sistema cíclico e é uma aplicação, ao problema específico da coerência, do modelo heurístico que Robert de Beaugrande designa por *problem-solving process*<sup>70</sup>.

Trata-se também, neste caso, de um método hipotético-correctivo onde "ensaio-e-erro" e "utilidade" são critérios chave para a compreensão e produção textual, uma vez que estas são perspectivadas em termos de pesquisa:

To find a path from the initial state to the goal state is a matter of SEARCH. Before a "trial" is made, the planner estimates the probabilities of bringing the goal nearer. (...) The processor tries to predicate and define the linkage to the successor states.<sup>71</sup>

É no estabelecimento destas probabilidades e destas relações que a coerência detém um papel fundamental:

---

dérive d'une réalité intra- ou extratextuel (et la sélection comme la constitution en sont conditionnées par mon savoir mes intérêts et mes buts)".

<sup>67</sup> T. K. SEUNG - *Semiotics ...*, *op. cit.*, p. 17.

<sup>68</sup> Cf. Michel CHAROLLES - "Coherence as general principle in the interpretation of human actions" in *Text*, Vol. 3-1, 1983. pp. 71-97.

<sup>69</sup> *Idem*, pp. 83-84.

<sup>70</sup> Para uma descrição pormenorizada deste método veja-se Robert de BEAUGRANDE - *Text, Discourse and Process...*, *op. cit.*, pp. 27,42, 43, 179.

<sup>71</sup> *Idem*, p.179.

Coherence subsumes the procedures whereby elements of knowledge are activated such their CONCEPTUAL CONNECTIVITY is maintained and made recoverable. The means of coherence include: (1) logical relation such as causality and class inclusion; (2) knowledge of how events, actions, objects, and situations are organized; and (3) the striving for continuity in human experience.<sup>72</sup>

Nesta perspectiva, a coerência funciona a um nível supra-segmental<sup>73</sup> cabendo ao leitor realizar as inferências para a determinação dos vectores temáticos fundamentais.

Por sua vez, para esta determinação, revelam-se de extrema importância os fenómenos de iteratividade e/ou recorrência semânticas consignados no conceito greimasiano de *isotopia*:

Se a *isotopia* consiste fundamentalmente na reiteração sintagmática de elementos semânticos idênticos, contíguos ou equivalentes, facultando um plano homogêneo de leitura de um texto, ela reveste-se de uma importância decisiva na construção da coerência semântica intra-textual.<sup>74</sup>

Podemos ainda considerar outro critério que designaremos por *convergência semântica*. De facto, podemos observar que, em qualquer texto, determinados vectores semânticos adquirem progressivamente uma maior *densidade*<sup>75</sup>, uma vez que os demais significados que os rodeiam, através das relações que com eles estabelecem, os alimentam e enriquecem, formando, assim, nódulos semânticos fundamentais. Estas relações relevam, contudo, do domínio conceptual (o que De Beaugrande designa por "conceptual connectivity") e implicam, portanto, relações lógico-cognitivas.

É no sentido desta convergência que entendemos Gerald Prince quando afirma:

En outre le thème est remarquable (sinon unique) à cause de son rapport à la structure textuelle de surface: il n'est pas composé d'unités

---

<sup>72</sup> *Idem*, p.19.

<sup>73</sup> Cf. Shlomith RIMMON-KENAN - "Qu'est-ce qu'un thème?", in *Poétique*, N° 64, Nov., 1985, p. 401.

<sup>74</sup> Cf. Carlos REIS; Ana Cristina LOPES - *Dicionário de Narratologia*, Almedina, Coimbra, 1987, p. 204.

<sup>75</sup> Robert de Beaugrande afirma: "The dominant TOPIC or TOPICS of a textual world should be discoverable from the *density* of linkage around nodes in a interconnected space". (itálico nosso) (*op. cit.*, p.428). Ultrapassando o carácter eminentemente linguístico das formulações do autor - nomeadamente a noção de "TOPIC" - interessa-nos agora salientarmos como, através da representação espacializada do discurso se revela a densidade de certos elementos na frase - como, por exemplo, à volta de um verbo ou de um nome convergem os outros elementos da frase.

Procedendo por abstração podemos alargar este fenómeno às categorias semânticas mais gerais e chegamos assim à noção de *convergência semântica*.

textuelles, et de par sa nature il en diffère. Le thème est représenté par un nombre indéfini d'unités textuelles (ou par d'autres catégories macrostructurales, comme l'intrigue, ou par d'autres thèmes).<sup>76</sup>

Deste modo, é-nos possível pensar a representação das diversas isotopias textuais em termos de hierarquização de temas abrindo-se assim, como defende Carlos Reis, perspectivas para uma análise de "sintaxe temática".

Carlos Reis afirma:

...no contexto desta [análise], já não é apenas a expressão formal dos temas que está em causa, mas sobretudo as relações de distribuição e articulação sintagmática que os regem. O que significa que à leitura são impostas duas atitudes operatórias essenciais: a hierarquização dos temas de acordo com o relevo semântico de que desfrutam e o estabelecimento de conexões intertemáticas que, apoiando-se naquela hierarquização, podem levar a definir unidades subtemáticas remetidas a uma função de complementaridade.<sup>77</sup>

É neste sentido que Sh. Rimmon-Kenan afirma que o tema é uma construção do leitor, e na sua pluralidade os temas são "les étiquettes du niveau le plus élevé trônant au sommet d'une structure hiérarchique en forme d'arbre" estabelecendo assim uma "construction arborescente"<sup>78</sup>.

Considerando a determinação das convergências semânticas, das isotopias e da subsequente hierarquização temática como indispensáveis à descoberta da coerência do texto, resta-nos reafirmar que a própria coerência é sempre orientada, como vimos, em direcção a um alvo ("goal" - De Beaugrande; "target" - Charolles). Este alvo poderá ser constituído pela relação de pertinência pragmática entre a súmula das abstracções realizadas e a *intenção* comunicativa que preside a qualquer texto. Ora, como a intenção comunicativa é particularmente relevante na "carta", uma vez que constitui a razão originária da sua produção, esta relação de pertinência poderá conduzir-nos à detecção das estratégias utilizadas pelo responsável do discurso para atingir os seus objectivos.

Nesta perspectiva, os temas são signos da dimensão ideológica do texto como afirma Maria Lúcia Lepecki:

---

<sup>76</sup> Cf. Gerald PRINCE - "Thématiser" in *Poétique*, 64, Nov., 1985, p.428.

<sup>77</sup> Carlos REIS - *Construção da Leitura*, I.N.I.C./C.L.P.,Coimbra, 1982, p. 54.

<sup>78</sup> Cf. Shlomith RIMOMON-KENAN - "Qu'est-ce qu'un thème?", in *Poétique*, n° 64, Nov., 1985, p. 401.

...o *tema*: inscrito as mais das vezes nas profundezas do texto, dimensão apreensível pelo leitor, não pela personagem, mini-discurso nascido na síntese depuradora subsequente à leitura, o *tema* será a incidência duma ideologia sobre um assunto. Tematizar é inflectir o assunto na direcção em que a ideologia (textual, mas também, e de variadas formas, pré-, pós- e subtextual) entende estar a “verdade” e o “valor maior” no plano de uma sabedoria qualquer, seja ela de origem religiosa ou filosófica ou pertença pura e simples do senso comum em dado contexto cultural.<sup>79</sup>

### 3.1. A Parataxe Temática em Eça de Queirós

Tentaremos assim analisar a coerência interna das cartas de Fradique e das cartas de Eça e a sua especificidade na adopção de estratégias que permita ao destinatário a percepção dos temas abordados e da intenção comunicativa subjacente a cada carta.

Em termos globais verificamos que, entre as cartas de Fradique Mendes e das cartas de Eça, existe uma diferença fundamental: enquanto as cartas de Eça revelam uma construção predominantemente paratáctica, as cartas de Fradique revelam uma construção hipotáctica.

De facto as cartas de Eça apresentam normalmente uma diversidade temática sendo os temas directamente dependentes dos cronótopos do destinador, do destinatário ou do cronótopo comum.

Assim, por exemplo, na carta que Eça escreve de Santo Ovídio, em 29 de Maio de 82, para Eduardo Prado que se encontrava em Paris, podemos detectar alguns dos temas mais comuns das cartas de Eça.

Logo no início se encontra um tema (tema que designaremos por A), muito frequente numa carta: o tema da falha na escrita, no intercâmbio epistolar. No caso que nos serve agora de exemplo, este tema apresenta-se numa das suas múltiplas variações ou mutações porque se trata de uma desculpa, de uma subtil justificação recheada de humor:

Ora desde que cheguei a Portugal ainda um dia não passou sem que eu tivesse a *intenção* de lhe escrever - e isto é consideravelmente melhor do que se eu lhe remetesse as cartas, que, como factos do Mundo seriam meras ocas *ilusões*. (CO, Vol. II, p. 236)

---

<sup>79</sup> Maria Lúcia LEPECKI - "O Signo do Absurdo" in *Colóquio Letras*, Nº 36, Março, 1977, p. 32.

Pode também apresentar-se sob a forma de uma queixa, mais ou menos velada, dirigida ao destinatário como acontece na carta que Eça dirige a Oliveira Martins em 23 de Julho de 1891:

Há tanto tempo que não sei de ti que quase me parece que foi há séculos que nos conhecemos numa existência anterior, sendo tu *Escolar em Leis* e eu menestrel, e ambos vassallos de El-Rei D. Sancho. (CO; Vol. II, p.160)

Este tipo de queixa verifica-se com muita frequência nas cartas que Eça escreve a sua noiva onde lamenta a falta das suas cartas:

Hoje não tive carta sua - apesar daquela obediência de que ontem tanto se gabava - obediência ao meu desejo de receber todos os dias algumas linhas de Vossa Excelência. Pecado, grande pecado, gabar-se a gente de virtudes que não tem! (CO, Vol.I, p.335)

Acontece até, por vezes, ser esta queixa tema quase exclusivo de uma carta de amor como a que Eça escreve à noiva em 17 de Outubro de 1885 onde chega mesmo a afirmar: "Aqui estão duas folhas de papel empregadas a queixar-me." O início da carta é também elucidativo:

Tenho lido em almanaques muitíssimos casos de *ingratidões célebres*, mas nenhum (...) iguala o seu. Tem lá maços de cartas minhas, in-fólios, material para uma obra rivalizando com os *quinze* tomos da Correspondência de Cícero - e eu não tenho uma resposta sua, nem um seco *bonjour monsieur*. (CO., vol. I, p.325)

Por vezes a alusão à falta de regularidade no intercâmbio epistolar envolve destinador e destinatário, como, por exemplo, na carta que Eça escreve a Oliveira Martins e que citámos há pouco:

Mas não é para fazer espantos de não termos sido um para o outro de uma regularidade epistolar à Sévigné ou à Cícero, que agora tomei a pena da amizade. (CO., vol.II, p.160)

Voltando à carta dirigida a Eduardo Prado, verificamos que Eça passa a relatar a sua estada em Portugal:

De resto, essa estada em Lisboa não merecia crónica. Passei lá duas semanas (...). Felizmente o querido O. M. nem sempre *secretariava de Estado* (bom verbo!) (...). (CO., vol. II, p.236)

Este tema da estada (que designamos por B) está directamente ligado ao cronótopo do destinador que não coincide com o destinatário. Este tema alarga-se e enche-se de pormenores quando o destinador empreende uma viagem e faz um relato de viagem (que consideramos como um alargamento do tema anterior, dado que se trata ainda de informações inerentes ao cronótopo do destinador e que portanto designaremos por B')

Também fiz, com a Benedita, uma excursão ao Minho e Douro, que eu não via há muitos anos. Esta nossa terra é sem dúvida a obra-prima do grande paisagista que está nos Céus. Que beleza! (CO., vol. II, p.237)

Por vezes este tema preenche a quase totalidade da carta - como acontece na carta que Eça envia, de Plombière, estância termal dos Vosges, para onde tinha ido a banhos e que Eça descreve minuciosamente e humoristicamente a Eduardo Prado.

Verificamos ainda que não é apenas o circunstancial que rodeia o destinador que está em causa neste tema, mas também as pessoas que o rodeiam e que participam construtivamente do seu espaço-tempo. São normalmente pessoas do conhecimento comum (de destinador e destinatário) como acontece com Oliveira Martins e Benedita (cunhada de Eça) de que se fala nesta carta.

Eça expõe a seguir a possibilidade de negociar o fornecimento de papel para o "Jornal do Comércio" com a fábrica de papel de Ruães:

Há dias, conversando com um amigo meu, soube que a antiga fábrica de papel de Ruães, *a magnífica Ruães*, que eu supunha extinta - ainda existe e prospera, em plena actividade. (...) Lembrei-me logo do desejo que Você teve há tempos, em Paris, de se vir fornecer a Portugal de papel para o "Jornal do Comércio". (CO., vol. II, p.238)

Este tema, que poderemos designar genericamente por negócios particulares (tema C), constitui-se nesta carta sob a forma de uma proposta de negócio que Eça reputa de vantajosa, quer para Eduardo Prado, quer para o país.

Tal como neste caso, a maior parte das cartas de Eça de Queirós documenta a actividade desenvolvida pelo escritor no meio jornalístico e literário. São inúmeras as

cartas onde Eça faz propostas de colaboração em jornais ou revistas. Disto mesmo constitui um exemplo interessante, a carta que escreve a Oliveira Martins em 23 de Maio de 1888:

E agora, entro no assunto - que é literatura. Tenho aqui, para ti, isto é para o *Repórter*, dadas certas condições uma imensa quantidade de prosa. De facto, todo um livro. Livro, porém que se pode publicar aos bocados, todas as semanas, sem lhe prejudicar a unidade e o interesse. Compreenderás quando eu te disser que se chama *Correspondência de Fradique Mendes*. Trata-se, logo deduzes, de fazer para Fradique (não sei se te lembras deste velho amigo) o que está na moda fazer a todos os grandes homens que morrem - publicar-lhe as cartas particulares. (CO., vol. I, P.473)

Neste caso trata-se também de uma proposta de colaboração apresentada por Eça, mas facilmente encontraríamos o inverso, ou seja, não uma oferta de colaboração, mas um pedido de colaboração (às vezes quase sob a forma de uma ordem) para a concretização de projectos editoriais, como podem constituir exemplos as cartas de contactos para o lançamento da *Revista de Portugal*. Elucidativo, a este propósito, é o contacto estabelecido com Oliveira Martins, em carta datada de 22 de Outubro de 1888:

O tempo chegou, porém, de dizeres, com possível precisão, o que queres fazer na *Revista* - ou de dizeres que não queres fazer nada. Quando digo *nada*, excluo, está claro, crítica, história e literatura - porque nisso quer queiras ou não queiras, pela amizade ou pela violência, com carícias ou a ferros, hei-de extrair prosa de ti. Dizendo *nada*, referia-me à *política*. Em política a *Revista* tem duas secções (...). Queres-te espojar nalguma destas secções? Queres inventar uma secção? Queres ter simplesmente um número de páginas reservado - onde te espolinhes? Ordena. (CO., vol. I, p.536)

"Negócios particulares" é para nós uma designação de carácter genérico porque engloba, na verdade, uma enorme pluralidade de vectores temáticos: a literatura, o jornalismo, a política, nacional e estrangeira (em consequência dos cargos exercidos por Eça e das relações diplomáticas que os mesmos implicam), a economia e outros. Mas estes vectores apresentam-se sob uma forma muito pessoalizada. De facto, dentro do vector temático da literatura, surgem, por exemplo, os contactos realizados por Eça para a publicação das suas obras ou para o lançamento da *Revista de Portugal*; dentro do vector político surgem, por exemplo, os comentários de Eça sobre as funções governamentais assumidas por Oliveira Martins - e podíamos continuar a enumerar

exemplos elucidativos do que afirmámos. Além disso aparecem outros vectores temáticos, como os que englobam os problemas de saúde ou os problemas de carácter financeiro (que sempre acompanharam a vida do escritor), de natureza puramente pessoal e particular.

Ora o que diferencia, globalmente, este tema C é o seu carácter inconcluso e também o seu aspecto utilitário.

Assim, na carta que temos vindo a citar, Eça descreve a Eduardo Prado a situação da fábrica de papel de Ruães, e enumera as vantagens de um possível fornecimento feito por esta fábrica, com o intuito de convencer Eduardo Prado a fazer este negócio. A estratégia discursiva, detém, assim, um carácter nitidamente perlocutivo<sup>80</sup> - acentuado sobretudo pelo emprego do imperativo, de expressões adverbiais e também do condicional exprimindo um desejo:

Eis aqui, caríssimo Prado, o que há sobre indústria. Medite Você nesta informação - e responda, e com brevidade, porque nada se perde, nem mesmo tempo, em conversas sobre estas matérias. Eu gostaria, por todos os motivos, que Você se entendesse com Ruães - e era um serviço gentil à indústria Portuguesa, trazer-lhe uma tão alta freguesia, precursora talvez de outras. Este pobre país precisa que os seus amigos o ajudem. (CO., vol. II, p.240)

O discurso é, assim, orientado para uma resolução pragmática do problema em causa.

Por outro lado, e decorrente disto mesmo, o discurso é elaborado, tendo em vista uma resposta - para além da resposta à situação apresentada por Eça, Eduardo Prado deve responder à série de perguntas que, embora formuladas de maneira indireta, não deixam de ser perguntas. Verifica-se portanto, a reversibilidade característica desta correspondência, tanto mais que as diligências realizadas por Eça de Queirós eram já uma resposta a um desejo expresso por Eduardo Prado:

Lembrei-me logo do desejo que Você teve há tempos, em Paris, de se vir a fornecer a Portugal de papel para o "Jornal do Comércio". (...)

---

<sup>80</sup> Uma vez que obriga o destinatário a uma acção seja ela de aceitação ou de recusa. Trata-se da diferença entre os actos ilocutivos e perlocutivos: "La force illocutionnaire d'une phrase impérative, par exemple, consiste dans le fait que je donne un ordre à quelqu'un; sa force perlocutionnaire, dans le fait qu'elle est suivie par une action." *Apud* R. GALISSON; D. COSTE - *Dictionnaire de Didactique des Langues*, Paris, Librairie Hachette, 1976, p. 411.



Assim tem, pois, Você em Ruães o seu *desideratum*. (CO., vol. II, pp.238; 239)

Tal como os outros, também o tema C pode preencher, quase por completo, a totalidade de uma carta. Isto acontece, por exemplo na carta, datada de 15 de Agosto de 1888, onde Eça expõe a Oliveira Martins o desejo de se candidatar ao Consulado de Paris e cujo início é, neste sentido verdadeiramente elucidativo: "Lê com atenção esta carta que vai toda cheia de um negócio particular".

Estas características (a reversibilidade, o carácter inconcluso e o carácter pragmático) estão presentes na totalidade do epistolário eciano.

De facto verificamos que, na sequência epistolar, uma carta, em relação à que lhe é imediatamente anterior, apresenta alterações, modificações de opinião, resoluções que decorrem da discussão e do esclarecimento dos elementos que as cartas comportam - ou seja da interacção com o destinatário. Assim se passa na série de cartas que Eça escreve a Oliveira Martins a fim de conseguir a "libertação" de uns caixotes seus que ficaram retidos na alfândega portuguesa; assim acontece, também, na série de cartas dirigidas a Ramalho Ortigão para a publicação de *Uma Campanha Alegre*; acontece o mesmo com o projecto de publicação das cartas de Fradique Mendes, esclarecendo-se sucessivamente o modo como poderiam ser publicadas - e muitos outros exemplos poderiam ser enumerados.

Estes temas que fomos inferindo da leitura das cartas de Eça, embora estabeleçam relações de conexão entre si, dando ao discurso uma lógica e uma coerência muito próprias, não criam entre eles relações de subordinação mas apenas de coordenação.

De facto, o tema A não é determinado nem determina B e/ou C, assim como B não depende de C ou de A. É claro que pode haver uma relação entre A, B e C; e também pode o tema anterior introduzir o tema seguinte, mas eles existem de forma autónoma podendo até, como já verificamos, funcionar isoladamente. Não se verifica portanto uma convergência semântica entre os vários temas.

### 3.2. A Hipotaxe Temática em Fradique Mendes

As cartas de Fradique Mendes apresentam características temáticas completamente diferentes. Como verificámos anteriormente, (cf. II. 1.2.) cada uma das

cartas de Fradique constrói um Campo Interno de Referência com uma autonomia e uma coerência próprias.

Para o estabelecimento deste Campo Interno de Referência, o destinatário desempenha uma função específica - a de determinar o campo temático a abordar. Assim, a Eduardo Prado, brasileiro de origem, Fradique vai falar sobre o Brasil; a Oliveira Martins, político e historiador, Fradique vai falar sobre história política; a Ramalho Ortigão, crítico literário e social, Fradique conta um caso-tipo da sociedade contemporânea; a M. bertrand B., dito Engenheiro na Palestina, fala do progresso e da indústria, etc...

Excepção a esta regra constituem as cartas a *Madame* de Jouarre nas quais é determinador do campo temático o cronótopo do destinador - Fradique, embora o tema, nelas objectivado, se torne autónomo em relação a esse cronótopo.

Com que intenção então Fradique escreve a estas marcadas personalidades?

Com a intenção de exprimir as suas opiniões e as análises das mais diversas situações, de revelar a "real realidade das coisas"<sup>81</sup>, no fundo - como afirma Maria Lúcia Lepecki no extrato que acima citámos (cf. II.3.) - com a intenção de exprimir "a verdade e os valores maiores" da sua sabedoria.

Ora, sabendo nós que as cartas de Fradique foram inventadas, fabricadas, para serem publicadas<sup>82</sup>, apercebemo-nos de que, na verdade, Fradique não se dirige apenas ao destinatário explícito mas sim a todo um público leitor muito mais vasto que se esconde por trás deste destinatário.

Neste sentido, o destinatário explícito funciona como uma encarnação de um público particular e/ou de um público universal.

Ch. Perelman e L. Olbrechts-Tyteca afirmam ser esta, uma situação muito utilizada no discurso argumentativo, tratando-se, de facto, de uma estratégia que consiste na explicitação de um único destinatário, visando, no entanto, um público mais

---

<sup>81</sup> Atente-se no que se afirma nas Memórias que antecedem as cartas de Fradique: "Tanto quanto pude discernir, a suprema qualidade intelectual de Fradique pareceu-me sempre ser - uma percepção extraordinária da Realidade" (CFM., p.68); e ainda no seguinte comentário de Eça para Oliveira Martins: "Esta carta é, quase sobretudo para que me digas o que devo pensar, e, em três ou quatro traços me dêes a *real realidade das coisas* como diz o nosso Fradique" (CO., vol. II, p.35).

<sup>82</sup> Cf. a seguinte afirmação "A introdução a '*Cartas* que nunca foram escritas por um homem que nunca existiu', não podia deixar de ser uma composição em que se tentasse dar a esse homem, primeiramente, realidade, corpo, movimento, vida." (CO., vol. I, p. 479).

vasto. Desta forma consegue-se uma maior aproximação do público sem que ele disso se aperceba<sup>83</sup>.

Eduardo Prado, por exemplo, encarna todo um público brasileiro, leitor da "Gazeta de Notícias" e também o público português que desconhece a realidade brasileira ou tem dela uma visão errónea.

Para conseguir atingir este público, Fradique utiliza um discurso persuasivo e estratégias que relevam do domínio da argumentação, nomeadamente, o predomínio da construção hipotáctica<sup>84</sup>. Deste modo os vectores temáticos manifestam uma convergência semântica decorrente da hierarquia que entre si estabelecem.

Se atentarmos, por exemplo, na carta que Fradique escreve a Eduardo Prado, podemos verificar que os elementos temáticos se organizam por oposição - expressa discursivamente pela adversativa "ou". Esta oposição é estabelecida desde o início do texto e decorre do estabelecimento de um momento hipotético de opção:

Nos começos do século, há uns 55 anos, os Brasileiros, livres dos seus males de mocidade, o ouro e o regime colonial, tiveram um momento único, e de maravilhosa promessa. (...) Os Brasileiros podiam nesse dia radiante, fundar a civilização especial que lhes apetecesse, com o pleno desafogo com que um artista pode moldar o barro inerte que tem sobre a tripeça de trabalho, e fazer dele, à vontade, uma vasilha ou um deus. Não desejo ser irrespeitoso, caro Prado, mas tenho a impressão que o Brasil se decidiu pela vasilha. (CFM., p.231)

Assim Fradique vai fazer a sua argumentação dentro desta estrutura opositiva, formulando uma hipótese desejável para a evolução e o desenvolvimento do Brasil. O modelo a seguir seria o da América do Norte nas suas origens: "quando os colonos eram puritanos e graves; (...) quando a instrução e a educação residiam entre os homens da lavoura". O desejável seria, portanto, um desenvolvimento ligado às riquezas naturais com o desenvolvimento prioritariamente agrícola.

O anti-modelo é constituído pela "velha" "enfezada" Europa, com "três mil anos de excessos", carregada de "ismos" e profundamente corrupta.

---

<sup>83</sup> Ch. Perelman e L. Olbrechts-Tyteca afirmam: "... lorsque l'auditeur unique est considéré comme l'incarnation d'un auditoire (...) ce n'est pas toujours de l'auditoire universel. Il peut aussi - et très souvent - être l'incarnation d'un auditoire particulier"; "l'auditeur est considéré comme un échantillon de tout genre d'auditeurs. (...) Le choix de l'auditeur est déterminé par les buts que s'assigne l'orateur" - *Traité de l'Argumentation...*, *op.cit.*, pp. 51-52.

<sup>84</sup> Ch. Perelman e L. Olbrechts-Tyteca afirmam "La construction hipotactique est la construction argumentative par excellence", *op. cit.*, p. 213.

Entre estes dois pólos oscila a argumentação fradiquiana realizada através da enumeração pormenorizada das vantagens e desvantagens correspondentes ao modelo e ao anti-modelo.

Todas estas estratégias relevam do discurso argumentativo. Segundo Ch. Perelman e Olbrechts-Tyteca "formuler une hypothèse, ce n'est pas poser une affirmation isolée, car l'explicitation de celle-ci n'est possible que par l'énumération des conditions qu'on lui impose et des conséquences qu'on en déduit. (...) Parfois, au contraire, l'hypothèse est décrite dans tous ses détails, pour la rendre violemment indésirable ou choquante"<sup>85</sup>. E estes autores continuam afirmando: "Ces deux possibilités nous indiquent les deux usages argumentatifs habituels de toutes les formes de l'utopie"<sup>86</sup>.

Neste caso trata-se, de facto, da formulação de uma hipótese profundamente utópica - a História nunca se repete - dado que a evolução do Brasil não foi, de facto, a desejada por Fradique. Segundo Fradique, o Brasil optou pela "vasilha". Assim, a pouco e pouco, esta estrutura opositiva conduz-nos ao objectivo intencional desta carta - o de tecer uma série de críticas ao Brasil actual. A marca dominante desta crítica recai sobre o espírito de imitação do brasileiro.

Podemos verificar que os subtemas da originalidade, da espontaneidade, da pureza, do natural, (...) opondo-se aos da corrupção, deterioração, ostentação, conspiração de "ismos" sociais, aglutinados iterativamente na oposição novo/velho (que se salienta no texto pela utilização do itálico), convergem para a oposição temática fundamental desta carta: GENUINIDADE vs. IMITAÇÃO.

Ora a imitação, a contrafacção, é um erro, uma ilusão, que provém da ignorância e que impede uma visão correcta da Realidade. Confrontamo-nos então com os dados fundamentais daquilo que poderíamos considerar oposicionamento ideológico-filosófico de Fradique conforme o exprime dirigindo-se, sintomaticamente, a Antero:

Todo o fenómeno (...) tem uma Realidade. A expressão Realidade não é filosófica; mas eu emprego-a, lançando-a ao acaso e tentando, para apanhar dentro dela o mais possível dum conceito pouco coercível, quase irreduzível ao verbo. (...) Somente o erro, a ignorância, os preconceitos, a tradição, e sobretudo a ILUSÃO, formam em torno de cada fenómeno uma

---

<sup>85</sup> *Idem*, pp. 196-197.

<sup>86</sup> *Idem*, p. 197.

névoa que esbate e deforma os seus contornos, e impede que a visão intelectual o divise no seu *exacto, real e único* modo de ser.<sup>87</sup>

Este posicionamento, pelo que logicamente acarreta, permite-nos discernir qual a missão que Fradique tem a cumprir: a de estabelecer uma visão que rompa a neblina e faça surgir a Realidade. Nesta carta traça-se, por assim dizer, o itinerário ideológico de Fradique que deverá ser exemplificado nas cartas, marcadamente personalizadas, que escreve.

Tal como esta, todas as outras cartas de Fradique revelam a utilização das mais diversas estratégias argumentativas.

Se a carta dirigida a Oliveira Martins se baseia também numa estrutura opositiva, nela, porém, se acentua muito mais o aspecto comparativo que esta estrutura implicitamente comporta, chegando mesmo à explicação da comparação através da utilização da forma verbal "compare".

A comparação estabelece-se entre as civilizações antigas e as civilizações modernas sendo as primeiras conotadas tematicamente com a força, a vontade, a liberdade e as segundas com a debilidade, a inutilidade, a dependência e a submissão.

Pela iteratividade destes temas (que se apresentam sob diversos matizes) somos também conduzidos, pouco a pouco, a uma oposição grande/sublime vs. pequeno/mesquinho - da qual Ramesés e Bismarck (ou outros) constituem respectivamente exemplos de modelo e anti-modelo.

Esta progressiva hierarquização temática, coadjuvada pela exemplificação (que embora de modo diferente, também funciona semanticamente como uma reiteração) determina uma outra oposição hierarquicamente superior porque mais englobante - a oposição MAGNANIMIDADE/ DECADÊNCIA.

No fundo, esta oposição é idêntica à da carta anterior - GENUINIDADE/ CONTRAFACÇÃO - só que matizada porque se refere explicitamente ao (homem detentor do) poder político cuja degradação é manifesta nos tempos modernos, sendo, portanto, alvo da crítica realista de Fradique.

Diferentemente da carta analisada anteriormente, esta carta culmina ironicamente, apresentando uma encarnação tipificada<sup>88</sup> das observações realizadas na figura de um

---

<sup>87</sup> Cf. C.F. M., p. 68-69 (sublinhado nosso).

<sup>88</sup> A ironia e o ridículo são estratégias sumamente conhecidas como propiciadoras duma empatia relativamente ao humorista em desfavor do ridicularizado ou criticado. Ora uma das formas de ridicularizar é precisamente a estereotipização.

Conselheiro, o qual funciona como uma ilustração (com todo o seu valor argumentativo<sup>89</sup>) do que foi dito.

Por sua vez, a carta dirigida a Ramalho revela uma estrutura temática e uma utilização de estratégias argumentativas completamente diferentes.

Fradique apresenta a Ramalho Ortigão um "caso, e profundo". Trata-se de um caso particular de (efémero) triângulo amoroso. A partida apresentam-se três personagens-tipo: uma mulher burguesa "enfadada", "entediada" pelo ócio que o seu próprio estatuto lhe traz; um burguês novo-rico, "rastacuero", enfezado, efeminado; e, um D. Juan encantador. Esta caracterização tipificada predispõe, de um modo quase determinista, à ocorrência da relação adúltera, permitindo assim uma descrição rápida dos factos realizada num tom burlesco-satírico.

As ilações retiradas da análise deste caso particular - no exemplo em questão o "lucro efectivo para a sociedade" dum possível fruto deste "caso" - são apresentadas como uma consequência lógica, uma inferência, decorrente do caso apresentado.

Por outro lado a acentuação da caracterização das personagens permite a aceitação da relação adúltera como perfeitamente verosímil. Esta verosimilhança favorece, por sua vez, a aceitação da (ou melhor, a adesão do público à) generalização deste caso particular implícita na (reiterada) afirmação: "Este mundo, portanto, está superiormente organizado".

Trata-se, portanto, de um raciocínio de tipo indutivo partindo do particular para o geral.

A convergência semântica manifesta-se nesta carta em torno das personagens-tipo, sendo os elementos semânticos mais diversos (desde a descrição mais geral até ao mais pequeno pormenor de incidência caricatural) reiteradamente utilizados para a sua caracterização.

A especificação das personagens e as consequências previsíveis das suas características determinam o tema do adultério.

Mais uma vez estamos perante um desvelamento de uma verdade que se oculta na sociedade. Fradique consegue persuadir, utilizando um método indutivo, de que este caso é uma realidade social e uma consequência das condicionantes sociais.

A relação facto-consequência, constantemente utilizada no discurso argumentativo, ganha aqui um grande relevo, realçando o malefício de determinadas

---

<sup>89</sup> Segundo Ch. Perelman e L. Olbrechts-Tyteca a ilustração difere do exemplo: "tandis que l'exemple était chargé de fonder la règle, l'illustration a pour rôle l'adhésion a une règle connue". *Op. cit.*, p. 481.

condicionantes sociais que levam a consequências desastrosas. Esta argumentação comporta implicitamente uma reflexão moralizadora (ou moralizante) que só pode ser descodificada se se descodificar também (invertendo-lhe o sentido) a ironia da frase "Este mundo, portanto, está superiormente organizado".

Se atentarmos, agora, na carta que Fradique escreve ao Sr. E. Mollinet podemos verificar que detém características semelhantes à que acabámos de analisar.

Também nesta carta a caracterização desempenha um papel fundamental, só que se trata apenas de uma única personagem.

Esta caracterização é de tal modo excessiva, que redundando na caricatura e na tipificação da personagem em questão: o " Conselheiro Pacheco".

Consequentemente, os vectores temáticos apresentam-se em estreita relação com as "qualidades", as "acções" desta personagem e o ambiente social em que se insere. Assim, o subtema da nulidade é veiculado, por exemplo, pela reiteração da negativa, enumerando aquilo que Pacheco não fez:

Pacheco não deu ao seu País uma obra, nem uma fundação, nem um livro, nem uma ideia. (CFM., p.158)

O subtema da superficialidade é veiculado pela sua atitude de desdém para com as comissões parlamentares das especialidades e reiterado pela afirmação de que o "talento verdadeiro só devia conhecer as coisas *pela rama*" (trata-se de uma citação incrustada no próprio texto).

Estes e outros subtemas pela sua convergência semântica, conduzem-nos ao tema mais geral da INUTILIDADE, assim como os subtemas da promoção da nulidade, da admiração, do servilismo político, da comédia política, do parlamentarismo bafiento e do constitucionalismo, nos conduzem ao tema da CORRUPÇÃO POLÍTICA.

A ironia é constante neste texto, quase levada à irrisão pela sobrecarga de hipérboles - "sem Pacheco - Portugal não seria o que é entre as nações!" (CFM., p.164); e esta ironia é tão acentuada que se torna necessária a desmontagem desta mesma ironia através da desmistificação desta personagem. É esta a função, por exemplo, do final da carta, onde se relata a surpresa da viúva de Pacheco perante a afirmação do talento do marido.

Este jogo constante entre o que é ironicamente afirmado e a sua negação desmistificadora revela-nos a encenação em que a personagem se movimenta,

permitindo-nos inferir o tema da HIPOCRISIA que engloba os outros dois temas da INUTILIDADE e da CORRUPÇÃO.

Finalmente, o estudo caracteriológico desta personagem e da sua inserção social permite, também nesta carta, a generalização, a passagem deste caso concreto para uma multiplicidade de casos generalização que está implícita, por exemplo, na frase "Portugal todo moral e socialmente está repleto de Pacheco.". (CFM., p.164)

Uma estruturação diferente apresenta a carta que Fradique escreve a Bento de S., na qual são enumerados, desde o início, os temas a desenvolver na carta. Estes temas são apresentados como sendo os três grandes defeitos ("pecados") da imprensa da actualidade:

A tua ideia de fundar um jornal é daninha e execrável. (...) tu vais concorrer para que no teu tempo e na tua terra se aligeirem mais os juízos ligeiros, se exacerbe mais a Vaidade, e se endureça mais a Intolerância. Juízos ligeiros, Vaidade, Intolerância - eis três negros pecados sociais que, moralmente matam a Sociedade! (CFM., p.209)

Com base nesta tripartição inicial a carta prossegue, desenvolvendo pormenorizadamente cada um destes temas e dando exemplos do que se vai afirmando.

Trata-se, portanto, de uma argumentação de tipo demonstrativo partindo, neste caso, do geral para o particular.

Verifica-se, também, a existência de uma convergência semântica e de uma hipotaxe temática, só que, desta vez, o sentido é inverso ao percorrido nas outras cartas que analisámos.

Podemos visualizar esta convergência semântica e a hierarquização temática que dela resulta estabelecendo o seguinte diagrama que se infere da carta em análise:





Verificamos, assim, que a estruturação das cartas de Fradique é radicalmente diferente das cartas de Eça.

As primeiras revelam uma estruturação temática deliberadamente hierarquizada com a intenção de persuadir o leitor a aceitar as verdades que são reveladas e de cativar a sua adesão em relação às afirmações que são feitas, utilizando, para esse fim, um conjunto de estratégias e técnicas características do discurso argumentativo.

As cartas de Eça, cuja função é, intencionalmente, muito mais utilitária, revelam um discurso muito mais pessoalizado que envolve destinador e destinatário em compromissos recíprocos manifestando assim o seu carácter fundamentalmente perlocutivo.

### III - FRADIQUE E EÇA OU A NEGAÇÃO DO CLARO-ESCURO

#### 1. A CREDIBILIDADE FRADIQUIANA

O confronto entre as cartas de Fradique Mendes e as cartas de Eça de Queirós e a análise das características nelas detectadas permite-nos afirmar que as cartas de Fradique são portadoras de uma maior autonomia<sup>90</sup> textual que as cartas de Eça. Esta característica aparece em oposição a outras características, como por exemplo, a reversibilidade e a continuidade, características estas, que determinam a especificidade caracteriológica daquilo que designamos taxionomicamente por cartas particulares ou mais genericamente por cartas familiares.

Esta autonomia aproxima as cartas de Fradique do fenómeno literário e de uma certa tradição epistolar; no entanto outras características, como a integração explícita do destinatário e a funcionalidade deste agente no campo temático, afastam-nas irremediavelmente e definitivamente de algumas características do género epistolar patenteadas nas cartas de viagens ou nas cartas de carácter moralizante, histórico-documental ou ensaístico dos nossos maiores epistológrafos como D. Francisco Manuel de Melo, Padre antónio Vieira ou Francisco Xavier de Oliveira.

As cartas de Fradique Mendes apresentam, de facto, um hibridismo caracteriológico (ultrapassando até o âmbito da carta propriamente dita como veremos) que torna difícil a sua classificação dentro de um género ou sub-génere para além da já problemática situação da epistolografia no contexto da literatura em geral. Como se sabe, em muitas situações e em diferentes épocas, a atribuição e aceitação do carácter literário de uma determinada produção epistolográfica não se tem revelado totalmente, pacífica, facto que decorre não só da existência de diferentes tipos de linguagem neste tipo de produção, mas também dos diferentes modos de encarar o facto literário em si.

Mas se as cartas de Fradique Mendes não correspondem integralmente às características das cartas particulares o que é facto é que elas foram lidas e acreditadas na época como pertencendo a uma correspondência verdadeira e a um determinado sujeito com existência própria, particular e individual.<sup>91</sup>

---

<sup>90</sup> Sobre a relativa independência do conteúdo das cartas de Fradique Mendes a em relação ao destinador cf. Cap. II. 2.2.; sobre a autonomia temática cf. Cap. II. 3.2.

<sup>91</sup> Como confirma a, já muito conhecida, carta onde Eça se queixa à esposa do facto de Fradique lhe retirar os louros da sua produção e de ser ele o único a receber a simpatia do público em geral. Cf. CO., 2º vol., p.115.

Neste aspecto as cartas de Fradique Mendes aproximam-se do caso das célebres *Lettres Portugaises* cuja produção foi durante tanto tempo atribuída a Mariana de Alcoforado. No entanto também em relação a este caso, a correspondência de Fradique Mendes apresenta diferenças abissais, dado que o leitor da época (assim como o leitor actual) tem em seu poder todo um manancial de informações sobre a individualidade em causa que o induzem e o conduzem a ler as cartas de Fradique como autênticas.

É este longo processo que conduz à credibilidade de Fradique Mendes que nos interessa agora questionar.

Esta credibilidade insere-se, em nosso entender, na problemática mais geral da ficção e na distinção das oposições real/ ficcional e realidade/ ficção.

Se a distinção entre literário/ não literário não tem sido fácil nem pacífica, também a distinção entre real/ ficcional tem causado grandes divergências teóricas e diferentes abordagens do problema.

Sem pretensões algumas de querer alvitrar soluções definitivas ou de aprofundar este problema tão vasto e árduo, procuraremos apenas questionar o "acontecimento-Fradique" à luz de determinados conceitos teóricos que se revelem profícuos e interessantes para um possível esclarecimento do problema em questão.

Neste sentido, parece-nos fundamental o conceito que Hector-Neri Castañeda designa por "culturalization of fiction" quando aborda o problema da legitimidade da ficção em textos ou frases que não tenham "operadores de ficção" idênticos ou equivalentes ao convencional e exemplificativo "Era uma vez...".

O autor afirma:

This legitimacy is a matter of degrees. (...) This is, in my opinion, a *culturalization of fiction* as a crucial datum that must be taken into account. Most of us know that Santa Claus is a fictional character. But we do not have a clear idea of how the fiction started, nor do we know how to subordinate sentences about Santa Claus to the appropriate story operators. Santa Claus is a piece of common property.<sup>92</sup>

É evidente que acreditar em Fradique Mendes não é o mesmo que acreditar no Pai Natal, dado que o modo de apresentação de Fradique se instaura, desde o início, como uma tentativa (tentativa essa alcançada com grande êxito) de apagar qualquer marca de

---

<sup>92</sup> H. - N. CASTAÑEDA - "Fiction and reality: Their fundamental connections. An essay on the ontology of total experience", .in *Poetics*, 8, 1979, p.44.

ficcionalidade. Trata-se, portanto, de iludir, de jogar com esta "culturalização" até à sua subversão.

A intenção de criar Fradique é indissociável da pretensão de lhe proporcionar um estatuto "fora" das histórias em que participa ou da produção textual que lhe é atribuída.

O problema da origem e das manifestações de Fradique Mendes foi já aturadamente estudado<sup>93</sup> tendo sido sempre salientado, pelos diferentes estudiosos, o processo que conduz à instauração de um estatuto existencial para Fradique Mendes.

### 1.1. Uma Figura Protofradiquiana: Manuel Eduardo

Reverendo rapidamente o processo de Fradique podemos ver que ele remonta, segundo Maria Manuela Gouveia Delille<sup>94</sup>, à figura protofradiquiana de Manuel Eduardo. Em 24 de Janeiro de 1867, Manuel Eduardo é apresentado pelo correspondente<sup>95</sup> literário encarregado da secção "Comédia Moderna", do jornal "Distrito de Évora" como sendo um conhecido seu: "Manuel Eduardo era um rapaz, camarada meu".<sup>96</sup>

Esta figura é já apresentada com alguns dados biográficos e curiosa e embrionariamente de entre estes dados, os mais importantes encontram-se intimamente ligados ao tema da viagem: Manuel Eduardo é um "viajante a pé" que irá perecer na realização da sua tão sonhada "viagem".<sup>97</sup> Indicialmente também. Manuel Eduardo é reconhecido por terceiras pessoas. Porém, estas não aparecem totalmente identificadas: o seu administrador é apenas designado pelas iniciais "M.F.", e os amigos pela expressão "alguns amigos".

---

<sup>93</sup> Sobre a origem de Fradique enquanto heterónimo colectivo cf. o prefácio de Pedro da Silveira à obra Carlos Fradique Mendes- *Versos*, Edições 70, 1973, assim como o recente e aprofundado estudo de Joel Serrão sobre este heterónimo: Joel - Serrão - *O primeiro Fradique*, Livros Horizonte, Lisboa, 1985.

<sup>94</sup> Cf. Maria Manuela Gouveia DELILLE - *A recepção de H. Heine no Romantismo Português* (de 1844 a 1871), Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa 1984, pp.340-344.

<sup>95</sup> Trata-se de facto do próprio Eça que, para colmatar a falta de colaboradores, se desdobrava em vários colaboradores para preencher as diferentes secções do jornal que então dirigia.

<sup>96</sup> Eça de QUEIROS - *Da Colaboração no "Distrito de Évora"*, Livros do Brasil, Lisboa, s.d., vol. I, p.276.

<sup>97</sup> *Idem* (Não perecerá, também precocemente, Fradique na sua "viagem"?).

## 1.2.Fradique Mendes Heterónimo Colectivo

A primeira aparição de Fradique Mendes surge, de facto, em 29 de Agosto, com a publicação no jornal *A Revolução de Setembro*, de quatro poesias cuja autoria lhe é atribuída num pequeno preâmbulo que as antecede. Meses mais tarde, a 5 de Dezembro do mesmo ano, são publicadas mais quatro poesias atribuídas a Fradique Mendes novamente através duma pequena nota introdutória.

Analisando estas notas introdutórias, Carlos Reis<sup>98</sup> faz notar o modo como os dados biográficos, o conhecimento e reconhecimento de terceiras pessoas (nomeadamente de personalidades literárias conhecidas) e sobretudo o distanciamento crítico patenteado na segunda nota introdutória, produzem um "efeito de real" que conduz o público-leitor a aceitar Fradique como uma entidade real.

Podemos ainda sublinhar a importância do elemento biográfico se atentarmos no conceito de "atoms of individuation" ou "individual guises" estabelecido por H.-N. Castañeda.<sup>99</sup> Para este autor o que distingue uma entidade ficcional de uma entidade real (actual) reside no facto de a reunião "átomos de individuação" ser incompleta e "governated by the laws the fiction maker decides upon" no primeiro caso, enquanto a mesma reunião é total, completa e governada pelas leis da natureza no segundo:

Real, actual, or existencial contingent sameness holds an infinite set of individual guises together in one ordinary infinitely propertied object. Fictional contingent sameness holds a finite set of individual guises, grouped differently, of course, together in one fictional character.<sup>100</sup>

Ora, a biografia surge na tentativa de colmatar as falhas de informação. A biografia funciona, neste sentido, como uma actualização destes "átomos de individuação" sendo aceite como tal pela nossa tradição cultural. Em princípio, só possui uma biografia quem de facto teve uma determinada existência e a biografia tem por missão (d)escrever essa existência. Extraordinária percepção desta tradição cultural tem Fernando Pessoa quando atribui aos seus diferentes heterónimos diferentes coordenadas existenciais.

---

<sup>98</sup> Carlos REIS - "Fradique Mendes: Origem e Modernidade de um Projecto Heteronímico" in *Cadernos de Literatura*, 18 Out., 1984, p.47 e segs.

<sup>99</sup> H.-N. CASTAÑEDA - *op. cit.*, p.50.

<sup>100</sup> *Idem*, p.51.

É neste sentido ainda que se revela importante o conhecimento e reconhecimento de terceiras pessoas. É o olhar do "outro" que institui o "eu" como indivíduo diferente e único.

Também neste Fradique Mendes heterónimo colectivo de J. Batalha Reis, Antero e Eça o elemento viagem está intimamente ligado aos elementos biográficos. Por um lado, o elemento viagem está implícito quando se afirma na primeira nota introdutória que Fradique viveu em Paris e quando se afirma (em ambas as notas) que conheceu pessoalmente Baudelaire. Por outro lado, sabe-se que J. Batalha Reis projectava uma pormenorizada biografia para Fradique. Segundo relata numa carta, dirigida a Celeste Cinatti, tendo sido instado por leitores de Fradique a dar algumas informações sobre este autor, J. Batalha Reis informa-os, em traços largos, do (inventado) percurso fradiquiano:

Sabia-se d'ele (...) que fora novo de Portugal para Paris, que depois partira de Paris para a Alemanha para as praias do Norte, Noruega, Holanda (?) (...) a América e que passados tempos se vira de novo em Paris de volta de uma viagem ao Oriente.

Que ultimamente viera para Portugal onde me fora apresentado por Antero de Quental que o conhecera em Paris pobre, nos sítios onde os pobres comiam, ou nas bibliotecas nos museus outras vezes vestido como um operário às vezes bêbado. De Lisboa fora para Sintra d'onde escrevia (?) e sabia-se que andava pela costa a ver o mar.<sup>101</sup>

Neste projecto de biografia (que apresenta muitas semelhanças com a de Manuel Eduardo) novamente se evidencia a importância que os dados biográficos e o testemunho de uma personalidade reconhecida - desta feita a de Antero - revelam para a "credibilidade" do inventado autor.

O próprio Batalha Reis se apercebe deste efeito quando afirma que os ouvintes "disseram que realmente ali [nos poemas] se encontravam como que vestígios de tudo o que dissera"<sup>102</sup> tecendo logo em seguida, e a propósito disto mesmo, o seguinte comentário: "e nós a rirmo-nos da credulidade pública! Verdade seja - nesta todos cahiam".<sup>103</sup>

---

<sup>101</sup> Carta que se encontra no espólio de J. Batalha Reis, Biblioteca Nacional de Lisboa, Esp. IV, Cx. 57/9. O sinal (?) representa uma leitura duvidosa e o sinal (...) uma ou mais palavras ilegíveis.

<sup>102</sup> *Idem.*

<sup>103</sup> *Idem.*

### 1.3. O Fradique Mendes d'*O Mistério da Estrada de Sintra*

O reaparecimento de Fradique Mendes n'*O Mistério da Estrada de Sintra* não só continua como alarga (com algumas modificações, é certo) este "conhecer" Fradique. Para além de toda a mistificação, originada pela sua publicação, em 1870, no *Diário de Notícias*, que joga com a "culturação" da informação (como já foi longamente estudado<sup>104</sup>), o que nos interessa salientar agora é o alargamento do leque de informações biográficas a que Fradique é submetido. Curiosamente, algumas dessas informações, aproximam-se da caracterização de Manuel Eduardo, nomeadamente a excentricidade e o fascínio pelo Mar do Norte. confrontemos, por exemplo, as seguintes frases:

(...) tinha um plano pomposo: viajar de noite com os estudantes pela Alta Alemanha, embarcar no mar do Norte, estudar a vida dos pescadores daquela costa, saber-lhes as tradições, decorar-lhe as legendas, viver algum tempo nas cabanas, e depois, numa barca de pesca, atravessar, com a maresia e com o vento, o perigoso mar do Norte.

Ao fim da noite, começou a explicar-nos o mar do Norte: ele conhecia-o pelas baladas de Henri-Heine. Recitou-as, quase chorando.

Carlos Fradique começou a tocar uma balada das margens do mar do Norte, dum encanto singularmente triste. Sentia- -se o chorar das águas, o feérico correr das ondas, o compassado bater dos remos dum pirata norueguês, a fria lua.<sup>105</sup>

Dir-se-ia que Eça recuperou alguns elementos<sup>106</sup> adaptando-os à situação do momento. Porém, um elemento fundamental, ainda que extraordinariamente acrescido, mantém-se: o elemento viagem. Este elemento será levado, quase até à exaustão, na apresentação de Fradique em 1888 nas "Memórias e Notas" que antecedem a publicação das suas cartas.

Poder-se-á considerar, assim, a viagem como uma isotopia Fradiquiana.

---

<sup>104</sup> Cf. Ofélia Paiva MONTEIRO - "Um jogo humorístico com a verosimilhança romanesca, in *Colóquio Letras*, Nº 86, Julho, 1985, pp.15-23.

<sup>105</sup> Cf. respectivamente: (a) Eça de QUEIROS - *Da Colaboração no "Distrito de Évora"* op. cit., pp.276 e 277; e (b) Eça de QUEIROS - *O Mistério da Estrada de Sintra*, Livros do Brasil, Lisboa, s. d., p.262.

<sup>106</sup> Outro elemento recuperado - o estilo "Benoiton" - indica uma vivência epocal: a representação do drama de J. Sardou - "La Famille Benoiton" em Lisboa. (cf. Joel Serrão - *O Primeiro Fradique*, op. cit., p.137). Eça referencia este facto na crónica que se segue àquela que dedica a Manuel Eduardo (cf. Eça de Queirós - *Da Colaboração no "Distrito de Évora"*, op. cit., (p.280). Na poesia "A Carlos Baudelaire" de Fradique (da autoria de Antero) aparece também uma referência ao estilo "Benoiton" (cf. J. Serrão - *O Primeiro Fradique*, op. cit., p.269).

#### 1.4. A Apresentação de Fradique Mendes nas "Memórias e Notas"

Se passarmos agora à apresentação de Fradique nas "Memórias e Notas" que antecedem as suas cartas, deparamos com uma narração de carácter biográfico mais complexa e elaborada.

O responsável máximo pela narração não se identifica; recorre, no entanto, frequentemente a testemunhos de personalidades perfeitamente identificadas: é o caso de Antero e Ramalho Ortigão (entre outros). Para além destes, recorre também a testemunhos de personalidades como J. Teixeira de Azevedo - cuja identificação com Jaime Batalha Reis é complexa<sup>107</sup> - e ainda a personalidades puramente fictícias como acontece com Marcos Vidigal.

É lícito, então, perguntar como se conjugam estes (tão) diferentes agentes no mundo narrativo que nos é apresentado.

Uma das possíveis respostas a esta pergunta pode ser viabilizada pela atribuição de um estatuto de "compossibilidade"<sup>108</sup> a estes agentes narrativos. Esta atribuição surge na esteira das teorias baseadas na semântica dos "mundos possíveis".

Atentemos na definição de mundo narrativo que nos propõe um dos seus teóricos, Lubomir Dolezel:

I propose to call the world corresponding to a particular text primary narrative world (primary NW). The simplest way to introduce the primary NW is in terms of its 'inhabitants', i. e. in terms of the individuals who exist in it. If the individuals of narratives are called narrative agents (acting characters), then the primary narrative world can be defined as a *set of compossible narrative agents*.<sup>109</sup>

Estes agentes narrativos atingem, deste modo, uma homogeneidade ôntica que lhe é conferida pela atribuição do mesmo estatuto: o "estatuto de possíveis".

Ainda segundo L. Dolezel, os mundos narrativos podem ser perspectivados quanto à sua extensionalidade ou quanto à sua intensionalidade<sup>110</sup>. No domínio da extensionalidade, este autor distingue fundamentalmente a "função de individuação", que, de certo modo, se aproxima da noção de "átomos de individuação" de H.-N.

---

<sup>107</sup> Cf. a este propósito Carlos Reis - "Fradique...", *op. cit.*, p.52.

<sup>108</sup> Cf. Lubomir Dolezel - "Extensional and intensional narrative world" in *Poetics*, 8, (1979), 1/2, p.196.

<sup>109</sup> *Idem*.

<sup>110</sup> Esta distinção decorre da distinção de Frege entre "sense" e "reference", como L. Dolezel explica; *Idem*, p.195.



Castañeda. No domínio da intensionalidade, o mesmo autor distingue duas funções operativas fundamentais: "the authentication function" e "the explicitness/implicitness function".<sup>111</sup>

O problema da "autenticação" vem recolocar, de modo diferente, o problema da oposição verdadeiro/ falso. Nesta nova perspectiva, qualquer situação, num determinado mundo narrativo de carácter ficcional, deve ser avaliada como autêntica ou não-autêntica relativamente a esse mesmo mundo. A determinação desta autenticidade dependerá logicamente da coerência textual - problema que abordámos no capítulo II.3 deste trabalho.

L. Dolezel estabelece, para esta função, uma escala de "autoridade de autenticação":

The procedure of authentication is based on the fact that the 'objective' Er-form narrative has the highest, absolute authentication authority; on the other end of the scale, 'subjective' speech-acts of narrative agents show the lowest degree of authentication authority.<sup>112</sup>

Mais tarde, num artigo dedicado a este problema<sup>113</sup>, o mesmo autor cria novos matizes para esta escala, observando que esta função tem que ser encarada em termos graduais. É neste sentido que se insere a seguinte afirmação:

Due to their semantics, sentences of the subjectivized Er-form introduce narrative motifs coupled with attitudes, beliefs, assumptions, etc. of narrative agents. At the same time, being incorporated through their formal features into the discourse of the Er-form narrator, the sentences receive a certain degree of authenticity bestowed on them by the authentication authority of the narrator.<sup>114</sup>

Regressando, agora, às "Memórias e Notas" onde Fradique é apresentado, podemos encarar, à luz destes conceitos, os diferentes testemunhos e opiniões sobre Fradique de um modo diferente. Podemos ver, de facto, que estas opiniões e estes testemunhos adquirem um sinal positivo ou um sinal negativo sob o comando da autoridade de autenticação que assume o narrador principal. Ilustrativo disto mesmo

---

<sup>111</sup> Cf. L. Dolezel, *op. cit.*, p.204 e segs.

<sup>112</sup> *Idem*, p.206.

<sup>113</sup> Cf. L. Dolezel - "Truth and Authenticity in Narrative", in *Poetics Today*, Special Issue: Narratology I: Poetics of Fiction, vol. 1, nº 3, Spring, 1980.

<sup>114</sup> *Idem*, p.16.

pode ser a opinião que sucessivamente é dada por várias entidades sobre a obra que Fradique possivelmente teria deixado inédita:

Alguns amigos pensam que aí se devem encontrar (...) duas obras - uma *Psicologia das Religiões* e uma *Teoria da Vontade*.

Outros (como J. Teixeira de Azevedo) julgam que nesses papéis existe um romance (...)

Ramalho Ortigão, ao contrário inclina a crer que os papéis de Fradique contêm *Memórias* (...)

Eu por mim, dum melhor e mais contínuo conhecimento de Fradique, (...) afirmo afoitamente que (...) não existe uma *obra* - porque Fradique nunca foi verdadeiramente um *autor*.<sup>115</sup>

Analisando estas opiniões, dir-se-ia que o narrador percorre, gradativamente, as diferentes entidades a que recorre, desde as menos "autorizadas" - "alguns amigos" - até à que possui a autoridade maior - ele próprio. É uma autoridade que ele impõe drasticamente - através da superlativização de "melhor" e "mais contínuo" e ainda pela utilização do verbo afirmar. Extremamente elucidativa a este propósito é a gradação semântica patente nos verbos "pensam", "julgam", "inclina a crer", "afirmo" que viabiliza o crescendo opinativo. É ainda importante observar o facto do nome de J. Teixeira de Azevedo aparecer entre parênteses, depois da utilização de "Alguns" e antes de surgir Ramalho Ortigão que já aparece perfeitamente explicitado. Em nosso entender é mais um sinal de que a autoridade atribuída a J. Teixeira de Azevedo não é grande nem linear - é complexa.

Voltando novamente às propostas teóricas de L. Dolezel podemos ver que o que esteve verdadeiramente na origem desta necessidade de matizar a "autoridade de autenticação" foi a narração de 1ª pessoa de cujo estatuto especial já se tinha anteriormente apercebido<sup>116</sup>. A este propósito afirma o autor:

If we used the binary model we would have to conclude that the narrator of the Ich-form has no authentication authority. However, we are aware that the Ich-form narrator has a privileged position within the set of acting characters. This privileged position is given by the fact that in the

---

<sup>115</sup> Cf. C.F.M., *op. cit.*, pp. 101-103.

<sup>116</sup> Cf. L. Dolezel - "Extensional and...", *op. cit.*, p.206, nota 17.

absence of the anonymous Er-form narrator, the Ich-form narrator assumes the role of constructing the narrative world.<sup>117</sup>

Em nosso entender, o papel atribuído por este autor ao narrador de 1ª pessoa aplica-se ao narrador de "Memórias e Notas", com uma diferença apenas, que, no entanto, é de relevância maior: é que neste caso trata-se de uma biografia onde o testemunho de um "eu", ainda que relativo, é fundamental. Como já dissemos, o texto biográfico arrasta atrás (e dentro) de si toda uma tradição cultural que lhe atribui, por convenção um estatuto de veracidade muito grande. Demasiado grande, diríamos até, para que o "jogo", que com ela estabelece este narrador, seja perceptível ao público-leitor. Apetece dizer com Jaime batalha Reis: Nesta todos caíam - e caíram de facto os leitores da época.

Assistimos novamente a uma subversão da ficcionalidade. Porém, poderíamos acrescentar que ela não é completa, sendo possível encontrar no texto, indícios, pequenos pormenores que levantam o véu deste jogo deixando transparecer as regras dele. É o que acontece, por exemplo, no final da passagem que anteriormente transcrevemos. O facto de se afirmar que não existe essa "obra" porque não existe um "autor" leva a supor que não existe esse "homem". No entanto, logo a seguir se explica esta inexistência de obra e de autor regressando-se às regras do jogo inicial.

A outra função intensional - "the explicitness/ implicitness function" - que L.Dolezel distingue, está ligada ao problema da implicitação e da pressuposição, as quais dão origem ao carácter incompleto dos mundos ficcionais<sup>118</sup>. É importante, para nós, salientar que todo o conjunto das cartas de Fradique é sustentado por esta função operativa. De facto, qualquer carta de Fradique pressupõe, como dados adquiridos, as informações contidas nas "Memórias e Notas". Certas alusões serão mesmo incompreendidas sem estes dados.

Poderíamos dizer que as cartas são "possíveis" pelo que elas contêm de implícito, pelo que elas implicam de uma existência "possível".

Fradique é essa existência "possível". Não precisa de ser identificado, com ninguém nem mesmo com Eça, mas pode ser identificado com todos e principalmente com Eça. Nesta sua viagem existencial Fradique caracteriza-se pela ânsia de correr mundo que é indissociável da ânsia de conhecer mundo, pessoas e culturas diferentes.

---

<sup>117</sup> Cf. L. Dolezel - "Truth and...", *op. cit.*, p.17.

<sup>118</sup> Cf. L. Dolezel - "Mimesis and Possible Worlds": comunicação apresentada no 11º congrés de l'AILC, Paris, 1985, comunicação que muito gentilmente nos foi cedida pelo autor.

Só pela busca das diferenças é que se pode constituir como "eu" possível; morre, porém, nessa viagem à diferença.

## 2. ACORDOS E ESTRATÉGIAS: ACEITABILIDADE E EFICÁCIA

### 2.1. Fragma e Magma Fradiquianos

Na procura de Fradique Mendes, enquanto individualidade própria, nós, leitores d'*A Correspondência de Fradique Mendes*, somos levados a interrogar-nos sobre a autonomia ôntica desta personalidade. Quais as características que compõem e constituem o "magma" individual de Fradique?

Este questionamento da endogenia fradiquiana surge, necessária e logicamente, quando deparamos com um Fradique feito de pedaços:

Deus um dia agarrou num bocado de Henri Heine, noutro de Chateaubriand; noutro de Brummel em pedaços ardentes de aventureiros da Renascença, e em fragmentos ressequidos de sábios do Instituto de França, entornou-lhe por cima champanhe e tinta de Imprensa amassou tudo nas suas mãos onnipotentes, modelou à pressa Fradique, e arrojando-o à Terra disse: Vai veste-te no Poole! (CFM., p.54 - sublinhado nosso)

Sobre o aspecto fragmentário de Fradique já muitos autores se debruçaram tentando encontrar os seus diversos ascendentes e as raízes caracteriológicas que identificam Fradique com esses ascendentes. A este propósito é bem elucidativo o imaginativo e invulgar ensaio de Gustavo Sequeira sobre Fradique, onde este autor afirma:

Combinação facilmente dissociável, ou talvez mesmo simples mistura para os que não crêem que esta monstruosidade, criada a sopros de talento, constitua um corpo definido, Fradique denuncia logo ao primeiro contacto a sua estrutura fragmentária, feita de elementos vitais de várias proveniências.<sup>119</sup>

Tentando estabelecer esta várias proveniências, o autor numa espécie de "sorcellerie évocatoire", dá vida à figura de Fradique fazendo-o nascer e tomar corpo do espírito e do ambiente deixados pelos auto-apelidados "Vencidos da Vida" depois de um dos seus

---

<sup>119</sup> Gustavo de Matos Sequeira - *Fradique Mendes Símbolo dos "Vencidos da Vida"* (Conferência organizada pelo jornal "O Século" em 12-4-1941), Lisboa, 1942, p.13.

célebres jantares no Hotel Bragança. Fradique é assim entendido como uma espécie de fénix nascida dos restos e dos ecos dos "doze":

A personalidade de Fradique é a soma numérica dos valores mentais do grupo, que apeteram a Eça para a sua alquimia de pesquisador de oiro, é o feixe de todas as ideologias que entre eles se chocaram, numa camaradagem admirável, é o "chiché" fantasista e ousado dos Onze de Bragança, acrescentado pela sombra de Antero nas suas crises mentais sofridas ao contacto das realidades.<sup>120</sup>

Em nosso entender é precisamente esta mistura, esta combinação ou esta soma que permite a Fradique tornar-se "outro" para além da pura soma numérica. A fragmentarização fradiquiana revela sobretudo a "origem genética" dos seus "átomos de individualização", mas estes, uma vez reunidos, conferem-lhe um estatuto individual - diferente, "outro", "possível".

Mas esta fragmentação é acrescida, e de certo modo sugerida, por um outro tipo de fragmentação. Trata-se do modo como Fradique é dado a conhecer ao leitor. Este último não dispõe *ab initio* de uma imagem total ou totalizante de Fradique. Essa imagem tem que ser constituída a pouco e pouco pelo leitor o qual vai coleccionando as sucessivas, intermitentes e limitadas (porque relativizadas) informações sobre Fradique. Este carácter sincopado e fragmentarizado da apresentação de Fradique procede do facto do narrador principal das "Memórias e Notas" recorrer constantemente aos testemunhos e à opinião (à voz) de diversas personalidades para concretizar esta apresentação.

Ora, estas opiniões têm que ser relativizadas, quando confrontadas umas com as outras dado que a opinião de Oliveira Martins, não é a mesma de Ramalho Ortigão, a qual, por sua vez, também é diferente da de J. Teixeira de Azevedo e assim por diante. O leitor tem que saber jogar com as diferentes opiniões e tecer a sua rede de leitura a partir desta pluralidade de vozes. Dentro desta pluridiscursividade destaca-se a voz do narrador notoriamente valorizada em detrimento das outras não só quantitativamente, mas também qualitativamente dado que se afirma a voz mais próxima do objecto. É através das diferentes vozes e do jogo dialógico, que entre elas se estabelece que se

---

<sup>120</sup> *Idem*, p.14.

refracta, segundo Bakhtine, a intenção do autor como última instância responsável pelo discurso<sup>121</sup>.

Assim entendido, este jogo não é casual mas sim intencional obedecendo a uma estratégia própria, já que se supõe a competência do leitor para reunir e avaliar estas divergências ou diferenças de informação e para introduzir no texto essa mais valia<sup>122</sup> de sentido que só ele pode dar-lhe.

Ao longo deste trabalho aplicámos várias vezes o termo estratégia - estratégias adoptadas nas duas correspondências, estratégias argumentativas, etc. - resta-nos afirmar que não se trata de um uso inocente pois que este termo comporta em si uma carga teórica<sup>123</sup> muito própria.

Umberto Eco, um dos seus teóricos, afirma a este propósito:

*...um texto é um produto cujo destino interpretativo deve fazer parte do seu próprio mecanismo generativo: gerar um texto significa actuar segundo uma estratégia que inclui as previsões dos movimentos do outro - tal como acontece em toda a estratégia.*<sup>124</sup>

Nesta perspectiva, a fragmentação textual escolhida para a apresentação de Fradique, assim como o carácter fragmentário atribuído a Fradique, preparam o leitor a aceitar e compreender o carácter fragmentário da produção fradiquiana. Como U. Eco afirma, "Um texto não se limita a apoiar-se sobre uma competência, contribui para a produzir"<sup>125</sup>, desenhando as suas estratégias discursivas de forma a conduzir e a participar na construção da leitura.

Ora ao longo do texto das "Memórias e Notas" - cujo título, neste sentido, também não é inocente - o leitor é preparado a aceitar sem estranhar o carácter "solto", descontínuo e diverso das cartas de Fradique. De facto, Fradique é apenas "um génio com escritos!" (CFM., p.55), um cérebro "admiravelmente construído e mobilado" mas à espera duma "ideia que o alugue, para viver e governar lá dentro" (CFM., p.55); dele

---

<sup>121</sup> Cf. Mikhail Bakhtine - "Du Discours romanesque" in *Esthétique et Théorie du Roman*, nrf, Editions Gallimard, Paris, 1978, pp.101, 113, 119 (Editions Khoudojestvennaia Literatoura, Moscou, 1975).

<sup>122</sup> Cf. Umberto ECO - *Lector in Fabula*, Casa Editrice Valentino Bompiani & C<sup>a</sup>, Milano, 1974 (Trad. *Leitura do Texto Literário. Lector in Fabula* Editorial Presença, Lisboa, 1983, p. 55).

<sup>123</sup> Sobre este conceito cf. Herman Parret - *op. cit.*; Carlos Reis; Ana Cristina M. Lopes, *op. cit.*, pp.136-138; Siegfried Schmidt "Some Problems of Communicative Text Theories" in Wolfgang Dressler (ed.)- *Current Trends in Text Linguistic*, Walter de Gruyter, Berlin-New York, 1978, pp.47-60; U. Eco - *Lector in Fabula*, *op. cit.*, p.53-70.

<sup>124</sup> U. Eco - *Lector in Fabula*, *op. cit.*, p.57.

<sup>125</sup> *Idem*, p.59.

"não existe uma *obra*" e se as suas cartas a Oliveira Martins "constituem verdadeiros Ensaaios Históricos" (CFM., p.75), não são mais que "notas e fragmentos dispersos" (CFM., p.75) que talvez venham a ser reunidos pelo seu compilador.

Dirigindo-se então, Fradique para um discurso fragmentário, duas questões são legítimas: 1º. Porquê a escolha da carta e não da crónica por exemplo; 2º. Porquê a rejeição de uma correspondência tradicional, preferindo-se as cartas no plural, soltas e dispersas?

## 2.2. Carta vs. crónica

Algumas cartas de Fradique foram publicadas anteriormente como crónicas. Estão neste caso duas cartas dirigidas a Mme. de Jouarre publicadas anteriormente com os títulos "Padre Salgueiro" e "Quinta de Frades", na *Gazeta de Notícias*, respectivamente a 13 de Junho e 27 de Julho de 1882 e ainda a "Carta a Bento de S." que já tinha sido publicada na *Revista Moderna* com o título "Crónica. Carta a Bento" a 25 de Julho de 1897<sup>126</sup>. Não poderia Eça ter mantido estes textos como "crónicas"? Ou melhor, como e porque é que a carta se adapta melhor a Fradique? Observemos que características Eça atribui à "crónica":

A crónica é como que a conversa íntima, indolente, desleixada, do jornal com os que o lêem: conta mil coisas, sem sistema nem nexos, espalha-se livremente pela natureza, pela vida, pela literatura, pela cidade; (...) Ela sabe anedotas, segredos, histórias de amor, crimes terríveis; espreita, porque não lhe fica mal espreitar. Olha para tudo, umas vezes melancolicamente, como faz a Lua, outras vezes alegre e robustamente como faz o Sol; a crónica tem uma doçura jovial, tem um estouvamento delicioso: confunde tudo, tristezas e facécias, enterros e actores ambulantes, um poema moderno e o pé da imperatriz da China; ela conta tudo o que pode interessar pelo espírito, pela beleza, pela mocidade; ela não tem opiniões, não sabe do resto do jornal, está nas suas colunas contando, rindo, falando; não tem a voz grossa da política, nem a voz indolente do poeta, nem a voz doutoral do crítico; tem uma pequena voz serena, leve e clara, com que conta aos seus amigos tudo o que andou ouvindo, perguntando, esmiuçando.<sup>127</sup>

A crónica, na perspectiva de Eça, é também uma "conversa", mas tem um enraizamento muito grande no real quotidiano e no contexto jornalístico. Inserida no

---

<sup>126</sup> Cf. Ernesto Guerra da Cal - *Lengua y estilo...*, op. cit., Tomo 1º, pp.253, 254 e 292.

<sup>127</sup> Cf. Eça de Queirós - *Da Colaboração no "Distrito de Évora"* (1967), vol. I, edição Livros do Brasil, Lisboa, s. d., p.107.

contexto jornalístico a crónica apresenta, por metonímia, um tempo de vida extremamente curto. O facto de ter uma validade efémera e fugaz não prejudica, porém, o seu carácter incisivo (e até insidioso) que faz com que seja tão temida:

...a crónica é para o jornal o que a caricatura é para a pintura: fere, rindo; despedaça, dando cambalhotas; não respeita nada daquilo que mais se respeita; procede pelo escárnio e pelo ridículo; e o ridículo em política é de boa, é de excelente guerra.<sup>128</sup>

Assim, para Eça a crónica detém uma funcionalidade própria que tem a ver com a função do jornal na sociedade.

Porém, nos tempos modernos, a modernidade do jornal e da Imprensa em geral, tem que ser relativizada porque, na superabundância de informações e acontecimentos da nossa História, a Imprensa funciona como um registo dessas informações, sendo “o jornalista o primeiro a joeirar” essas informações. A História moderna adquire, assim, um novo discurso, pondo em causa o antigo discurso do historiador, feito sob um ponto de vista absoluto.<sup>129</sup>

É neste sentido que se pode entender a especial inserção da crónica na História:

...se a crónica pretende fazer história é para de certo modo discursificar o quotidiano, registar o tempo efectivo e descriminá-lo no bem e no mal que o cronista nele encara, mas é também para elevar a uma categoria superior alguns factos, personagens e circunstâncias que desse tempo se considere deverem ser seleccionados.<sup>130</sup>

Na crónica, a avaliação histórica depende da subjectividade do cronista e da sua relação com essa história. É esta dimensão subjectiva que, segundo Maria Alzira Seixo, integra a crónica na “espécie de géneros de pessoa”<sup>131</sup>, tal como nela se integram o diário, as memórias e as cartas. Para esta autora, a crónica situa-se nas “areias movediças de um terreno hesitante entre o poético e o não-poético, normalmente justificado pela categoria do “interessante”, pelo alibi do complemento - documento em

---

<sup>128</sup> Cf. Eça de Queirós - *Da Colaboração...*, *op. cit.*, p.139.

<sup>129</sup> Cf. Jacques Le Golf (*et alii*) - *A Nova História*, Lisboa, Edições 70, p.23 e 67.

<sup>130</sup> Cf. Maria Alzira Seixo - *A palavra do romance. Ensaios de genologia e análise*, Lisboa, Livros Horizonte, 1986, p.160.

<sup>131</sup> *Idem*, p.162.



relação à obra literária ou de testemunho do escritor em relação ao seu tempo”<sup>132</sup>. Neste último caso poder-se-á, então, dizer que o cronista configura “um painel da condição humana”<sup>133</sup> sob uma perspectiva subjectivista.

Mas com tudo isto, ou melhor, por tudo isto a relação do cronista com o seu leitor é uma relação mais distanciada e mais crítica do que a relação destinador-destinatário de uma carta.

A este propósito é interessante observarmos as diferenças existentes entre uma das crónicas que Eça publicou na *Gazeta de Notícias*, em 1894, sob a rubrica "Ecos de Paris", mais tarde compilada por Luís de Magalhães sob o título "Outra bomba anarquista - o Sr. Brunetière e a Imprensa"<sup>134</sup> e a carta de Fradique dirigida "A Bento de S."<sup>135</sup>. Nos dois textos, o que está em causa e o que é objecto de análise crítica é o Jornal e, por extensão a Imprensa. Nos dois textos, o Jornal e a Imprensa são acusados de leviandade, de superficialidade e de transmitirem aos seus leitores essa ligeireza e superficialidade judicativas. Encontramos, nos dois textos, períodos completamente idênticos e períodos que, embora com algumas diferenças de palavras e de construção frásica, apresentam basicamente a mesma ideia e os mesmos conceitos. No entanto, podemos verificar a existência de duas diferenças essenciais no processamento discursivo dos dois textos:

- 1º. no que diz respeito às entidades envolvidas no discurso;
- 2º. no que diz respeito à localização espácio-temporal dessas entidades.

No que toca ao primeiro ponto encontramos, no primeiro texto, um "eu", claramente explicitado ao longo do texto, que se dirige a uns pressupostos mas indefinidos leitores transmitindo-lhes informações a propósito de uma determinada personalidade - uma terceira pessoa - que funciona como eixo de um determinado número de acontecimentos e que por isso mesmo despoleta um determinado número de comentários da parte do responsável pelo discurso. É o que podemos observar desde o início do texto:

---

<sup>132</sup> *Idem.*

<sup>133</sup> Cf. Elêusis M. Camocardi - *Fernando Namora. Um Cronista no Território da Ficção*, São Paulo, ILHPA-HUCITEC, 1978, p.74.

<sup>134</sup> Cf. Ernesto Guerra da Cal - *Lengua y estilo...*, *op. cit.*, Tomo 1º, p.269.

<sup>135</sup> Embora a carta de Fradique apresente algumas diferenças em relação à sua anterior publicação estas diferenças não nos parecem relevantes para o problema em análise uma vez que a publicação anterior se encontra já sob a forma de carta - como transparece no título que Eça lhe atribui: "*O Jornal. Carta a Bento*" - Cf. Ernesto Guerra da Cal, *op. cit.*, p.292.

Não sei se conhecem o Sr. Brunetière. O Sr. Brunetière é hoje nas letras francesas um grande personagem - quase devia dizer, dada a qualidade do seu espírito e das suas funções, um grande mandarim.<sup>136</sup>

No segundo texto encontramos apenas um "eu", claramente explicitado também, que se dirige directa e até ascintosamente (pelas invectivas que lhe lança) a um "tu", perfeitamente identificado por um nome próprio, transmitindo-lhe a sua opinião sobre o(s) seu(s) comportamento(s) e a(s) sua(s) acção(ões) os quais despoletam os comentários do responsável pelo discurso:

*Meu caro Bento* - a tua ideia de fundar um jornal é daninha e execrável. (CFM., p.209)

Ora, esta estruturação dialógica torna-se muito mais incisiva e forte que a primeira. O leitor aparentemente olvidado, e, desta vez, apenas implícito, é involuntariamente (mas estrategicamente) conduzido a identificar-se com este "tu" e a sentir-se directamente atingido pelas invectivas do responsável pelo discurso. (Embora diferente, este processo de aproximação e esta tentativa de tocar directamente o leitor verifica-se também na substituição de um narrador heterodiegético por um narrador homodiegético (mais especificamente extradiegético-homodiegético.<sup>137</sup>). (Vergílio Ferreira, por exemplo, explicando o porquê da sua preferência pela 1ª pessoa, afirma que o leitor sentir-se-á muito mais atingido e directamente implicado na acção ao ler "Enterrei hoje a minha mulher" (início do romance *Alegria Breve*) do que "Ele enterrou a mulher").

No que toca ao segundo ponto, no primeiro texto somos confrontados com uma sequência cronológica de factos (embora o texto, linearmente, não os apresente pela sua ordem cronológica): o Sr. Brunetière foi nomeado para o cargo da Revista dos *Dois Mundos* / foi eleito membro da Academia Francesa / fez um discurso / é hoje nas letras francesas um grande personagem / censura a Imprensa. É este conjunto de factos, de que se dá "notícia", que o cronista comenta humoristicamente e que origina o seu comentário sobre a Imprensa.

---

<sup>136</sup> Cf. Eça de Queirós - *Ecoss de Paris*, Livraria Chardron de Lello & Irmão, Porto, 1909, p.167 (sublinhado nosso).

<sup>137</sup> Cf. Gérard Genette - *Figures III*, Paris, Ed. Seuil, p.255.

No segundo texto, não existe nenhuma sequência de factos mas sim uma intenção - a de fundar um jornal - que suscita imediatamente resposta negativa da parte do destinatador da carta. Este último tenta, então, dissuadir o seu interlocutor da sua intenção utilizando para tal um conjunto de argumentos que constituem a sua opinião sobre a imprensa em geral.

Como podemos deduzir deste confronto, a crónica desempenha uma função informativa com características muito especiais que decorrem também das fontes em que se baseia:

As fontes em que a crónica se apoia são (...) os rumores, as ideias em curso, os factos e as situações que deram ou não, notícia e as suas emoções recolhidas pelo autor. (Não consta na Tese (p.109)! Rita)

(...) A crónica é uma espécie de prolongamento de uma conversa, um recado disfarçado (...).<sup>138</sup>

Se a crónica é um "recado disfarçado", a carta é um recado declarado revelando descaradamente que o destinatador quer dizer alguma coisa, quer emitir a sua opinião e quer ser ouvido. Ora esta função que a carta tem adapta-se extraordinariamente bem a Fradique - esse cérebro "admiravelmente construído" mas à espera de uma de uma "ideia que o alugue" tem necessidade de diálogo. Além disso, Fradique, como é "o português mais interessante do séc. XIX", tem de certeza algo a comunicar, a transmitir mas fá-lo-á, apenas, através de uma forma marcadamente pessoal e personalizada. Por isso a carta lhe convém.

É certo que esta carta só mais tarde foi incluída por Eça no conjunto de cartas atribuídas a Fradique Mendes tendo sido publicada anteriormente como "crónica": a primeira publicação deste texto apresenta-o subordinado ao título "Crónica. Carta a Bento". Não nos parece, porém, que isto invalide as distinções caracteriológicas, entre uma crónica e uma carta. Pelo contrário parece-nos que o facto de, numa crónica, se recorrer à forma, (e às características) da carta convalida a força impressiva que lhe é atribuída em termos comunicativos. Aliás, não é só na crónica que se recorre a esta força comunicativa da carta. Como vimos no princípio do nosso trabalho, também na poesia este recurso é possível. Para além disto tudo, a carta detém ainda um espaço em aberto que pode ser preenchido ou não - o espaço da resposta.

---

<sup>138</sup> Cf. Victor Silva Lopes - *Iniciação ao jornalismo*, 3ª ed. Centro do Livro Brasileiro, Lisboa, 1983, p.110.

Este espaço é sempre desejado pelo seu destinador mesmo que ele seja remetido para um futuro longínquo e mesmo que a carta seja "colocada na mala irreal de uma posta feérica" como é o caso da "Carta aos Nascidos em Maio" escrita por Carlos Drummond de Andrade<sup>139</sup>.

É esta força e esta vontade de comunicar e de exprimir alguma coisa, que a carta comporta, que Vergílio Ferreira sente e notavelmente exprime na sua "Carta ao Futuro" que é, na verdade, um texto de carácter ensaístico:

Meu amigo:

Escrevo-te para daqui a um século, cinco séculos, para daqui a mil anos... É quase certo que esta carta te não chegará às mãos ou que, chegando, a não lerás. Escrevo pelo prazer de comunicar. Mas se sempre estimei a epistolografia, é porque é ela a forma de comunicação mais directa que suporta uma larga margem de silêncio; porque ela é a forma mais concreta de diálogo que não anula inteiramente o monólogo. Além disso, seduz-me o halo de aventura que rodeia uma carta: papel de acaso, redigido numa hora intervalar, um vento de acaso o leva pelos caminhos, o perde ou não aí, o atira ao cesto dos papéis e do olvido, ou o guarda entre os sinais da memória. Por sobre tudo, porém, agrada-me falar desde o centro deste Inverno e desta cidade mortal que me cerca.<sup>140</sup>

### 2.3. O Pluralismo Discursivo

Cada uma das cartas de Fradique apresenta, como dissemos, uma autonomia muito grande em termos de sentido e coerência própria. Mesmo as cartas dirigidas a Mme de Jouarre podiam ser utilizadas isoladamente ou podiam ser dirigidas a personalidades diferentes. No entanto, dirigidas a Mme de Jouarre elas adquirem uma lógica e uma funcionalidade muito próprias. Tudo isto se torna bem visível se estabelecermos, por hipótese, a possibilidade da carta de Fradique sobre o Padre Salgueiro ser endereçada e dirigida a uma personalidade ligada à Igreja. Se esta hipótese se verificasse a crítica e a caricatura feita por Fradique tornar-se-iam automaticamente muito mais agressivas. Endereçada a Mme de Jouarre em pé de igualdade com outras, como aquela em que Fradique traça a caricatura do comendador Pinho e do Quinzinho predestinado à Burocracia, responde apenas à função que lhe foi destinada: a de mostrar "tipos" sociais.

---

<sup>139</sup> Cf. Carlos Drummond de Andrade - *Passeios na Ilha: Divagações sobre a Vida Literária e Outras Matérias*, 2ª ed., José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1975, p.15.

<sup>140</sup> Vergílio Ferreira - *Carta ao Futuro*, Portugália Editora, Lisboa, 2ª ed., 1966(?), p.9.

Assim sendo, podemos verificar que o discurso de Fradique, modelado e organizado em função de um destinatário e da situação discursiva que com ele estabelece, se modifica se a situação discursiva for diferente.

A carta é uma forma de diálogo e neste, segundo Bakhtine, os discursos dos interlocutores<sup>141</sup> condicionam-se mutuamente.

Neste sentido o discurso de Fradique é diferente de destinatário para destinatário porque os destinatários são diferentes. Não é por acaso, como já vimos, que a Eduardo Prado, Fradique vai falar sobre o Brasil e certamente não o faria do mesmo modo se tivesse que falar do Brasil a Ramalho Ortigão. Não é por acaso também que a Ramalho Ortigão, Fradique conta um "caso" picante. A estratégia narrativa que adopta nesta carta adequa-se ao seu destinatário porque nele é pressuposto haver uma capacidade de aceitação deste tipo de discurso - uma vez que também ele já adoptou este tipo de discurso.

Deste modo, é preferível falar nos discursos de Fradique tal como falamos nas cartas de Fradique. Esta pluralidade discursiva é de facto a que melhor se adapta a Fradique e ao seu carácter paradoxal - Fradique é completo, acabado na sua fragmentação.

Se Fradique é feito de fragmentos de várias personalidades, não admira que tenha algo de diferente a dizer a cada uma delas. Neste sentido Fradique é uma prova bem evidente da convicção bakhtiniana de que "l'interhumain est constitutif de l'humain"<sup>142</sup>.

---

<sup>141</sup> Cf. as seguintes afirmações de Bakhtine: "l'énonciation est le produit de l'interaction de deux individus socialement organisés. (...) Le mot s'adresse à un interlocuteur (...) En fait, tout mot comporte deux faces. Il est déterminé tout autant par le fait qu'il procède de quelqu'un que par le fait qu'il est dirigé vers quelqu'un. Il constitue justement le produit de l'interaction du lecteur et de l'auditeur". Mikhail Bakhtine (V.N. Volochinov) - *Le Marxisme et la Philosophie du Langage. Essai d'Application de la Méthode Sociologique en Linguistique*, Les Editions de Minuit, Paris, 1977, p.123 (Original: Linegrad, 1929).

<sup>142</sup> É T. Todorov quem afirma que esta convicção domina a totalidade do percurso bakhtiniano - cf. Tzvetan Todorov - *Préface* in Mikhail Bakhtine - *Esthétique de la création Verbale*, nrf, Editions Gallimard, Paris, 1984, p.17 (Original Editions "Iskoustvo", Moscou, 1979).

### 3 - A DIFRACÇÃO DA SUBJECTIVIDADE

#### 3.1. O Hibridismo

Como afirmámos no início deste trabalho (Cf. II. 1.1.), Roger Duchêne estabelece uma distinção entre epistológrafo e autor epistolário baseada na relação de cada um deles e da sua produção epistolar com o leitor:

Pour clarifier les idées, nous appellerons *épistolier* celui qui ne tient pas compte de l'existence du public et *auteur épistolaire* celui qui, au contraire, se soucie plus d'un public éventuel que celui à qui il est censé écrire.<sup>143</sup>

No género epistolar, tradicionalmente aceite como literário, o destinatário serve apenas para delimitar o assunto da carta e os seus autores "ne cherchent pas à individualiser les destinataires"<sup>144</sup> tentando seduzir não um correspondente particular mas o público em geral.

Esta distinção, porém, não tem aplicação directa nas cartas de Fradique, ou melhor, as cartas de Fradique não "encaixam", não correspondem totalmente a nenhum dos dois lados da oposição. De facto, nas cartas de Fradique o destinatário tem como função catalisar, despoletar o tema da carta; no entanto este destinatário não fica alheio ao tema, não ocupa uma posição exterior ao tema, pelo contrário participa activamente nele. Esta participação processa-se de duas maneiras diferentes ainda que sobrepostas. Por um lado o destinatário participa no discurso do destinador, na medida em que este discurso se orienta para ele, ou seja, na medida em que o discurso se adequa à imagem, à configuração do destinatário. Neste sentido, a constituição do discurso depende da competência atribuída ao destinatário. Por outro lado, incorporando no texto um destinatário específico (e determinante da especificidade temática) pretende-se (exige-se até) que a compreensão e a avaliação do público-leitor tenha em linha de conta a pressuposta compreensão e avaliação do destinatário específico. Só da interacção destas duas compreensões resultará uma leitura adequada ao texto.

Assim, a carta, ao incorporar estrategicamente uma configuração de leitura, institui um jogo de leitura específico. Wolfgang Iser afirma que sendo a formação de

---

<sup>143</sup> Cf. Roger Duchêne - "Réalité Vécue et Réussite Littéraire: Le Statut Particulier de la Lettre", *op. cit.*, p.11.

<sup>144</sup> *Idem.*

uma configuração "la base indispensable à l'acte de comprehension" a leitura de um texto produz também elementos "qui ne se laisse pas intégrer dans cette configuration". Estes elementos de surpresa ou de frustração têm a possibilidade de "rétroagir sur la fermeture des configurations" interferindo deste modo nas mesmas configurações<sup>145</sup>.

Neste sentido parece-nos que as cartas de Fradique, ao incorporarem estrategicamente as potencialidades de compreensão do destinatário instituem um jogo de leitura específico que advém das interferências das duas configurações de leitura - a do destinatário e a do leitor.

Quando Fradique escreve a Oliveira Martins, por exemplo, o seu discurso pressupõe a erudição histórica do destinatário<sup>146</sup> e portanto uma maior capacidade de compreensão e avaliação da "degeneração" do homem moderno. Ora mesmo que um leitor normal não possua esta capacidade de avaliação, ela é de certa forma transferida para o leitor interferindo na sua própria avaliação.

Para além desta interacção, podemos considerar uma outra que diz respeito à relação destinador-destinatário. Esta relação, também inscrita no texto, condiciona por sua vez, o público-leitor. Podemos observar esta interacção se aproximarmos as cartas que Fradique escreve a Mr. Bertrand e a Oliveira Martins ou as cartas a Bento de S. e a Eduardo Prado. Nas cartas a Mr. Bertrand e a Bento de S. manifesta-se uma antipatia do destinador em relação aos comportamentos dos destinatários, antipatia essa que atinge o próprio destinatário. É o que podemos observar no final indiferente e irónico da carta de Bento e na despedida insultuosa dedicada a Mr. Bertrand - "Adeus, monstro!" (CFM., p.187). Também o início destas cartas é, a este propósito, elucidativo: na carta de Mr. Bertrand, a obra deste é considerada uma "negra obra" e ele próprio é apelidado de "filho dilecto e fatal da Escola de Pontes e Calçadas" (CFM., pp.180-181); na carta a Bento de S., a intenção de fundar um jornal, a ele atribuída, é qualificada de "daninha e execrável" e ele próprio é considerado tão "inconsciente como uma peste" (CFM., p.209).

Contrariamente, as cartas de Fradique a Oliveira Martins e Eduardo Prado acentuam a simpatia do destinador para com o destinatário, simpatia essa confirmada

---

<sup>145</sup> Cf. Wolfgang Iser - *L'acte de Lecture de L'Effet Esthétique*, Bruxelles, Pierre Mardaga Editeur, s.d., respectivamente pp. 227 e 232 (Original: *Der Akt Lesens*, Muchen / West Germany, Wilhem Fink Verlag, 1976).

<sup>146</sup> É evidente que esta posição é extremamente facilitada pelo facto de Oliveira Martins ser uma personalidade conhecida na época; no entanto o mesmo não se passa na carta a Mr. Bertrand que pressupõe também o saber do destinatário sobre o tema em causa.

pelos finais destas cartas nos quais Fradique se despede como amigo: "Amigo *certo et nunc et semper*. – Fradique Mendes " (CFM., p.127).

Logicamente, o leitor não ficará indiferente a esta diferença de relacionamento sendo a sua própria avaliação influenciada e motivada pela relação que encontra entre destinador e destinatário.

Pelo que vimos observando, é possível afirmar que as cartas de Fradique patenteiam uma individualização do destinatário. Manifestam, além desta, uma outra característica que Roger Duchêne atribui às cartas epistolográficas: a *diversidade temática*<sup>147</sup>. Porém, nas cartas de Fradique não encontramos nem a realidade "saisie dans son devenir", nem uma inscrição, no instante do correio que parte nem a descrição de momento que formem "un ensemble changeant et impossible à circonscrire"<sup>148</sup>, como acontece nas cartas de Eça de Queirós.

O epistolário fradiquiano, no que toca à distinção de Roger Duchêne pode ser considerado uma espécie híbrida absorvendo características de ambos os tipos diferenciados. Este hibridismo que se manifesta nas cartas de Fradique, concorreu fortemente para a aceitação de Fradique como epistológrafo. Por outro lado, este hibridismo impede a catalogação ou a "arrumação" das cartas de Fradique no conjunto de cartas tradicionalmente aceites como pertencendo ao género epistolar.

No entanto é nesta derrogação dos limites e neste extravasamento além-fronteiras que reside, em nosso entender, a singularidade e a originalidade das cartas de Fradique. É no sentido desta fluidez de fronteiras que entendemos também a proximidade existente (como vimos) entre as cartas de Fradique e algumas crónicas de Eça. Quer a carta, quer a crónica têm elementos diferenciados que lhes conferem a sua autonomia no quadro geral da comunicação verbal escrita. No entanto também contêm elementos comuns que permitem transições com um maior ou menor grau de sucesso e eficiência. Essas transições não são possíveis sem se verificar algumas alterações que permitem a adaptação à nova situação de comunicação, nem que estas alterações se verifique tão-somente uma obediência ao pensamento axiomático pascaliano segundo o qual "les mots diversement ragés font divers sens et les sens diversement rangés font différents effets"<sup>149</sup>.

---

<sup>147</sup> Cf. Roger Duchêne - "Du Destinataire au Public ou les Métamorphoses d'une correspondance privée", in *Ecrire au Temps de Mme de Sévigné*, op. cit., p.46.

<sup>148</sup> *Idem*, p.33.

<sup>149</sup> Cf. Pascal - *Pensées*, Paris, J. - C. Godefroy Editeur, 1986, p.13.



### 3.2. As Interferências

Num ensaio, publicado em 1973, intitulado "Indeterminism is not enough"<sup>150</sup> Karl Popper distingue três Mundos interactivos entre si mas com existência própria:

Par "Monde 1", j'entends ce qui, d'habitude est appelé le monde de la physique, des pierres, des arbres et des champs physiques des forces. (...) Par "Monde 2", j'entends le monde psychologique, qui, d'habitude, est étudié par les psychologues d'animaux aussi bien que par ceux qui s'occupent des hommes (...). Par "Monde 3", j'entends le monde des productions de l'esprit humain.<sup>151</sup>

Neste terceiro mundo o autor inclui tanto as obras de arte como os valores éticos ou as teorias.

Para a comprovação da realidade e da existência de cada um destes mundos parte-se de uma concepção da realidade aceite pelo senso comum:

Ainsi que le montre la fameuse réponse du Dr Johnson à Berkeley, on peut dire d'un corps physique, tel un rocher, qu'il existe parce qu'on peut lui donner des coups de pied; si l'on donne des coups de pied à un rocher suffisamment fort, on s'aperçoit qu'il peut vous les rendre. Suivant en cela Alfred Landé je propose de dire qu'un corps existe ou qu'il est réel si, et seulement si, on peut lui donner des coups pied ("Kick") et s'il peut, en principe, les rendre (...).<sup>152</sup>

Deste modo qualquer coisa só é real se tiver uma "interação" com o Mundo 1. No seguimento deste postulado, Karl Popper passa à comprovação da existência e da realidade dos conteúdos objectivos do pensamento uma vez que eles interagem com o Mundo 1.

Seguindo este raciocínio, podemos questionar também a existência de Fradique e submetê-la a esta comprovação de realidade. Neste sentido, podemos verificar que Fradique interactua no Mundo 1 (através do Mundo 2) dando os seus "pontapés" que atingem sobretudo Eça de Queirós. Na verdade, quando Eça de Queirós se queixa (como já vimos) de Fradique lhe retirar os méritos da escrita, este último está atingindo

---

<sup>150</sup> Cf. Karl Popper - "Indeterminism is not enough" in *Encounter* 40 Abril, 1973, pp. 20-26 (in Karl Popper - *L'Univers Irrésolu. Paidoyer pour l'indéterminisme*, Paris, Herman, Editeur des Sciences et des Arts, 1984, p.94.

<sup>151</sup> *Idem.*

<sup>152</sup> *Idem*, p.95.

realmente Eça de Queirós. Esta interferência incomoda de tal forma Eça de Queirós, que ele reage, tentando subtrair a Fradique alguns dos dividendos que ele próprio lhe concedera. É neste sentido, que entendemos o facto de Eça de Queirós, ao publicar as cartas de Fradique na *Revista de Portugal*, fazer seguir a assinatura de Fradique das suas próprias iniciais, procurando, desta forma, minimizar ou atenuar a credibilidade fradiquiana e reivindicar para si, em última instância, a autoria destas cartas.

Também mais tarde, Fernando Pessoa reagirá à "existência" e à consequente interferência dos seus heterónimos na sua própria existência. Esta interferência, no caso de Fernando Pessoa, é levada a um paroxismo tal que chega a pôr em causa a sua própria existência. É o que Fernando Pessoa, através da sua extraordinária capacidade de auto-análise, descreve, num rascunho da sua célebre carta a Adolfo Casais Monteiro onde salienta o carácter dramático que nele assume este problema :

"Médium", assim, de mim mesmo, todavia subsisto. Sou porém, menos real que os outros, menos coeso, menos pessoal, eminentemente influenciável por eles todos<sup>153</sup>.

Na versão final desta carta, F. Pessoa descreve também a sua reacção perante o "aparecimento" do "Guardador de Rebanhos" e dos seus poemas:

(...) imediatamente peguei noutra papel e escrevi, a fio também, os seis poemas que constituem a *Chuva Oblíqua*, de Fernando Pessoa. Imediatamente e totalmente ... Foi o regresso de Fernando Pessoa Alberto Caeiro a Fernando Pessoa ele só. Ou, melhor, foi a reacção de Fernando Pessoa contra a sua inexistência como Alberto Caeiro<sup>154</sup>.

Também Eça sofreu a influência da personalidade que criou. Esta influência atinge mesmo o seu próprio discurso. É assim que, por exemplo, na carta dirigida a Oliveira Martins, em 28 de Janeiro de 1890, o discurso de Eça é "atravessado" e influenciado pelo discurso de Fradique:

---

<sup>153</sup> Cf. Fernando Pessoa - *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho, Lisboa, Ed. Ática, 1986.

<sup>154</sup> Cf. Fernando Pessoa - *Páginas de Doutrina Estética*, Selecção, Prefácio e Notas de Jorge de Sena, 2ª ed., Lisboa, Editorial Inquérito Limitada, s.d. p.202. Sobre a sinceridade e/ou o fingimento destas afirmações cf. Jacinto do Prado Coelho - *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, 7ª ed. Lisboa, Editorial Verbo, 1982, p.159.

E esta carta é, quase sobretudo, para que me digas o que devo pensar, e, em três ou quatro traços, me dêes a *real realidade das coisas*, como diz o nosso Fradique. (CO., 2º vol. p.35).

Dir-se-ia que Eça, tendo cedido a sua voz e o seu discurso a Fradique, recebe, como num efeito de eco, a sua voz alterada e diferente. Simplesmente não nos parece que se trate apenas de um simples efeito de ressonância<sup>155</sup>, uma vez que (como vimos anteriormente - cf. II. 3.2.) esta expressão, que Eça utiliza, é uma expressão emblemática da personalidade fradiquiana constituindo por assim dizer o seu móbil existencial.

Não se trata tão pouco de uma refracção discursiva tal como a teoriza Bakhtine. De facto, para este autor, o fenómeno da refracção verifica-se na relação discurso-objecto no interior da pluridiscursividade que o romance contém. Eis como Bakhtine explicita esta noção:

La représentation littéraire, "l'image" de l'objet, peut également être sous tendue par le jeu des intentions verbales, qui se rencontrent et s'entremêlent en elle; (...) Si nous nous représentons l'*intention* de ce discours, autrement dit, son *orientation sur l'objet* comme un rayon lumineux, nous expliquerons le jeu vivace et inimitable des couleurs et de la lumière dans les facettes de l'image qu'ils construisent par la refraction du "discoursrayon" non dans l'objet lui-même (...) mais dans un milieu de mots, jugements et accents "étrangers", traversé par ce rayon dirigé sur l'objet.<sup>156</sup>

Normalmente o discurso que aparece refractado por entre os vários discursos é o discurso do autor, mas também pode aparecer refractado qualquer um outro discurso - como por exemplo o discurso da "opinião pública"<sup>157</sup>.

Em nosso entender, não é isto que se verifica no discurso de Eça-Fradique. Neste discurso assiste-se simplesmente a uma difracção da subjectividade dado que se verificam interferências subjectivas.

Antes de passarmos à explicitação da carga teórica que atribuímos a estes termos convém, contudo, esclarecer a nossa posição relativamente a algumas objecções que podem ser levantadas a esta atribuição.

---

<sup>155</sup> Sobre o conceito de ressonância cf. M. Bakhtine - *Esthétique et Théorie du Roman*, op. cit., p.175.

<sup>156</sup> *Idem*, p.101.

<sup>157</sup> *Idem*, p.125.

Uma primeira objecção pode surgir pelo teor metafórico da aplicação destas noções - difracção e interferências.

Também Paul Sporn se defronta com este problema quando tenta analisar as influências da Física moderna sobre a crítica literária contemporânea:

La traduction que je ferai de certains des postulats fondamentaux de la critique contemporaine dans le langage de la relativité et de celle des quanta pose la question de savoir si la métaphore peut prouver l'influence.<sup>158</sup>

Como argumentos a favor desta utilização metafórica, Paul Sporn invoca, por um lado, o facto dos autores por ele estudados utilizarem a linguagem da Física nas suas teses; por outro lado Paul Sporn recorre ao valor intrínseco da própria metáfora:

...La métaphore n'est pas un simple trope. C'est une invention au service de la découverte, stratégie commune à la critique contemporaine et à la physique moderne, et je pense qu'elle prouve son utilité *a posteriori* par l'expérience.<sup>159</sup>

Para além de considerarmos esta argumentação convincente, pensamos ainda que Bakhtine pode servir de exemplo quanto à utilidade heurística, reconhecida *a posteriori*, da utilização da noção de refracção (que poderemos considerar um ascendente da noção de difracção) na explicitação do jogo dialógico que se pode gerar no interior da pluridiscursividade linguística<sup>160</sup>.

Além disto, partimos, ainda, do princípio de que este tipo de utilização da linguagem metafórica acarreta "implications sur le plan théorique"<sup>161</sup> uma vez que permite criar matizes e diferenciações importantes nas concepções teóricas estabelecidas ou a estabelecer.

---

<sup>158</sup> Cf. Paul Sporn - "Physique Moderne et Critique Contemporaine" in *Poétique*, 67, Setembro, 1986, p.319.

<sup>159</sup> *Idem.*

<sup>160</sup> Na verdade a utilização desta noção permite a Bakhtine a revelação e o estudo de uma outra forma de presença do discurso do autor no discurso "outro" para além dessa outra forma de presença já conhecida e que é constituída pelo discurso indirecto livre. Cf. a este propósito M. Bakhtine - "Du Discours Romanesque" in *Esthétique et Théorie du Roman, op. cit.*, V. sobretudo Cap. IV.

<sup>161</sup> Cf. Anthony Wall - "Apprendre à Ecouter: le Problème des Métaphores Musicales dans la Critique Bakhtinienne" in *Etudes Françaises* (número especial dedicado a Bakhtine) 20/1, Printemps, 1984, p.67. Este artigo tem como objectivo principal o estudo das implicações teóricas que o emprego das metáforas musicais acarreta na teorização bakhtiniana.

Uma outra objecção que pode ser levantada advém do facto destas noções pertencerem ao domínio de uma ciência como é a Física, domínio esse tradicionalmente encarado como distante do domínio das ciências humanas.

Em nosso entender, porém, esta objecção enquadra-se numa visão e numa perspectiva já ultrapassadas segundo as quais haveria a possibilidade de traçar fronteiras nítidas entre as várias ciências. Hoje em dia, as noções de interdisciplinaridade, de intersubjectividade do conhecimento e de analogia vieram pôr em causa a nitidez do traçado dessas presumíveis fronteiras. Tal como afirma Boaventura de Sousa Santos, hoje em dia, "a distinção dicotómica entre ciências naturais e ciências sociais deixou de ter sentido e utilidade"<sup>162</sup>.

Embora Boaventura Sousa Santos reconheça que a revolução científica que permite a superação da distinção acima referida se tenha iniciado com Einstein e a mecânica quântica, segundo este autor, a orientação desta superação processa-se no sentido das ciências sociais para as ciências naturais:

Que os modelos explicativos das ciências sociais vêm subjazendo ao desenvolvimento das ciências naturais nas últimas décadas prova-se, além do mais, pela facilidade com que as teorias físico-naturais, uma vez formuladas no seu domínio específico, se aplicam ou aspiram aplicar-se no domínio social.<sup>163</sup>

Esta opinião encontra-se (pelo menos aparentemente) em contradição com a afirmação de Paul Sporn segundo a qual o sentido desta influência, e no que toca especificamente à crítica literária, se exerce "depuis la physique moderne vers la critique contemporaine"<sup>164</sup>. Pensamos que a própria noção de intersubjectividade acentuando a duplicidade desta interacção apaga ou, pelo menos, atenua este problema. Todavia o que nos interessa, por agora, salientar é esta anulação de um traçado fronteiriço estanque entre as ciências naturais e as ciências humanas e a permuta teórica que se manifesta especificamente entre a crítica contemporânea e a física moderna tal como Paul Sporn notoriamente demonstra.<sup>165</sup>

---

<sup>162</sup> Cf. Boaventura de Sousa Santos - *Um Discurso sobre as Ciências*, Oração de Sapiência proferida na Abertura Solene das Aulas da Universidade de Coimbra a 4 de Dezembro de 1985, p.40.

<sup>163</sup> *Idem*, p.42.

<sup>164</sup> Cf. Paul Sporn - "Physique Moderne et Critique Contemporaine", *op. cit.*, p.316.

<sup>165</sup> *Idem*, pp.315-334.

### 3.3. A Difracção

Partindo da aceitação da existência de Fradique no sentido popperiano, afirmámos que no discurso de de Eça-Fradique há interferências, há difracção. Como se origina e processa então esta difracção?

A importância da noção de difracção surge na Física ligada às teorias dos "quanta" nas quais se patenteia a introdução da noção de estados estacionários descontínuos. Consideremos o princípio de Planck:

Planck pose comme principe que les échanges d'énergie entre matière et rayonnement s'effectuent par paquets, par quantités définies (d'où le nom de "quantum" (...).<sup>166</sup>

Mais tarde Einstein vai provar que, também a luz "a une structure discontinue: elle est formée de grains d'énergie" - os fotões.<sup>167</sup>

Desde o século XVII que se pensava que a luz era um fenómeno ondulatório, análogo à ondulação na superfície da água. Agora "pour interpreter l'effet photo-électrique, on considère la lumière comme un flux de corpuscules. Comment expliquer alors, en termes de physique classique, que des corpuscules puissent créer des interférences (...)?"<sup>168</sup>

Mais tarde De Broglie propõe que a estes corpúsculos se associe um comprimento de onda.

Ao considerar a tese de De Broglie, Ortolí e Pharabod afirmam:

...De Broglie précise qu'en fait l'onde associée au corpuscule n'est pas une onde monochromatique. (...) mais, un *paquet d'ondes* dont le maximum d'amplitude se déplace avec la vitesse du corpuscule. (...) Or, il se trouve que, lorsqu'un grand nombre d'ondes superposées se déplacent à des vitesses légèrement différentes, presque partout le creux de l'une compense la crête de l'autre et les ondes s'annulent; sauf en un endroit où les crêtes s'ajoutant les unes aux autres, il se forme un reflément (...) qui d'après les calculs de De Broglie, se déplace à la vitesse de la particule.<sup>169</sup>

---

<sup>166</sup> Cf. Sven Ortolí; Jean-Pierre Pharabod - *Le Cantique des Quantiques. Le monde existe-t'il?*, Paris, Editions la Découverte, 1985, p.25.

<sup>167</sup> *Idem*, p.27.

<sup>168</sup> *Idem*, p.28.

<sup>169</sup> *Idem*, p.31

Neste cruzamento de ondas verifica-se, portanto, uma série de interferências, as quais, projectadas num espectro, formam zonas de claro-escuro numa continuidade descontínua.

Verifica-se, portanto, um fenómeno de difracção - já que, segundo Feynman "no one has ever been able to define the difference between interference and diffraction"<sup>170</sup> devendo-se a utilização destes termos apenas a uma questão de uso.

Se considerarmos, agora, e à luz de tudo o que dissémos, a "existência" de Fradique como um conjunto de "quanta" (noção que pela sua especificidade supera a noção de "átomos de individuação"), a maior parte deles advindos da existência de Eça, podemos encarar de modo diferente o porquê da não-existência de uma diferenciação discursiva entre Eça e Fradique. De facto não é possível descortinar, no discurso de Eça-Fradique, zonas nitidamente eciana ou exclusivamente fradiquiana.

Esta indescernibilidade, no entanto, não invalida que uma carta escrita por Eça, por exemplo, a Oliveira Martins seja diferente, em termos caracteriológicos (como já vimos), da carta atribuída a Fradique ao mesmo destinatário.

Podemos falar, então e apenas, de uma difracção do discurso de Eça em Fradique no sentido da intersubjectividade latente no discurso de Eça-Fradique. Dizemos latente porque não chega a manifestar-se discursivamente.

Assim sendo o discurso das cartas de Fradique processa-se na sobreposição de uma diferenciação ao nível dos sujeitos (Eça e Fradique) com uma não-diferenciação discursiva destes mesmos sujeitos.<sup>171</sup>

É neste sentido que entendemos o estatuto duplo atribuído por Eduardo Lourenço a Fradique quando afirma:

Heterónimo pela teatralização do seu aparecimento, não pela *escrita*, claro está (como a uma heteronímia autêntica exigiria o futuro teorizador dela, Fradique *teoriza* no cap. IV da *Correspondência* a "heteronimização" ao desenhar-se como um *amante ideal da alma* dos povos e das culturas as mais *diversas* ou *antagónicas*.<sup>172</sup>

---

<sup>170</sup> Cf. Richard P. Feynman; Robert B. Leighton; Mathew Sands - *Lectures on Physics*, Massachusets/ London, Sidney, Manila, Addison Wesley Publishing Company, 1964, (Vol. I, 13ª ed., 1979, p.30-1).

<sup>171</sup> Este fenómeno, poderia ainda ser aproximado dos conceitos de indescernibilidade e de sobreposição de estados das experiências de Aspect e do paradoxo de Schrodinger (V. a este proósito S. Ortolí, J. P. Pharabod, *op. cit.*, pp.52-74).

<sup>172</sup> Cf. Eduardo Lourenço - "Da Literatura como Interpretação de Portugal" in *O Labirinto da Saudade. Psicanálise Mítica do Destino Português*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1978, p.100 (Original: Conferência de 1975).

Eduardo Lourenço relaciona a heteronimização Eça-Fradique com o mito da pátria, com a relação autor-pátria própria desta época (sendo esta relação uma relação dramática e dramatizante) e ainda com o desenraizamento pátrio que Fradique manifesta. De facto, a perspectivação fradiquiana de Portugal é uma perspectivação "outra", diferente da de Eça. Segundo ainda Eduardo Lourenço «através do 'jogo'-Fradique» Eça atinge uma "*des-integração imaginária* que lhe permite "*ter várias pátrias*"<sup>173</sup> e deste modo perspectivar de modo diferente a sua pátria de origem.

Este jogo dialógico constitui, em nosso entender, mais uma prova da importância das interferências subjectivas entre Fradique e Eça.

---

<sup>173</sup> *Idem.*



## CONCLUSÃO

As cartas de Fradique instituem um diálogo inovador e inédito com o público-leitor. Pela capacidade argumentativa que elas contêm e pelo facto de instituírem um sujeito excepcionalmente dotado, estas cartas tornam extremamente convincentes as perspectivas que veiculam e as críticas que formulam.

Assim a hipertelia<sup>174</sup> fradiquiana, pelo seu paroxismo, permite uma avaliação diferente da "quieta" sociedade portuguesa, dada a oposição que com ela estabelece.

A crítica que este "cidadão de todas as cidades" endereça à sua pátria de origem é extremamente acutilante no que toca ao atraso português em relação ao resto da Europa. Neste sentido, Fradique coloca-se do lado de Jacinto no mundo das criações de Eça. Mas não é só pelo espírito crítico que Fradique se aproxima de Jacinto. Segundo Eduardo Lourenço, subjazendo a esta crítica, existe, quer em Fradique, quer em Jacinto, uma vontade regeneradora e o reconhecimento do "carácter criador da pátria enquanto realidade *popular* inconsciente"<sup>175</sup>.

Mas, embora Fradique tenha afinidades com Jacinto, é muito mais que ele - em termos de demarcação do sujeito. A Fradique não seria possível um regresso bucólico à terra-pátria porque pertence já a várias pátrias.

Fradique não só lê e estuda outros povos e outros costumes como também os absorve - entrega-se mesmo à sua vivência (seja de uma cultura, seja de uma religião). Por isso Fradique é comparado à abelha e a um cometa. Ele é um cometa projectando a sua errância no Universo e a sua luminosidade pelos planetas onde passa.

Tal como Jacinto, Fradique incorpora a oposição civilização/ nativismo, mas diferentemente de Jacinto, não resolve este paradoxal posicionamento - pelo contrário deixa-o em aberto, irresoluto.

Esta problemática não será, porém, uma problemática não resolvida nos nossos dias? Como inovar e conservar ao mesmo tempo? Não se encontrará esta problemática, ainda hoje, em equilíbrio instável?

Para além da crítica a Portugal, Fradique alarga a sua crítica à Europa e à humanidade em geral; conhece outras civilizações completamente diferentes - torna-se universalista.

---

<sup>174</sup> Sobre este conceito cf. Roger Callois - *Méduse e Cie.*, (citado por António Guerreiro. "A Juventude na Sociedade Pós-Moderna" in *JL. Jornal de Letras Artes e Ideias*, 18 a 24 de Junho de 1985, pp.14-15.

<sup>175</sup> Cf. Eduardo Lourenço - "Da Literatura como Interpretação de Portugal", *op. cit.*, p.93.

Esta abertura fradiquiana traz a Eça novas dimensões criativas - talvez por isso nunca mais acabasse de escrever cartas ao jeito de Fradique.

Eça re-vive em Fradique, "re-forma-se" em Fradique, ficando interferencialmente ligado à criatura que gerou. Consequentemente, latente ficará ainda, a formação completamente diferenciada de Fradique.

Assim o que reputamos de maior interesse no estudo de Fradique não é tanto a avaliação de um Fradique objectivado, mas sim o caminho que Fradique percorre no seu processo existencial e difraccionário em relação a Eça o qual continuará sempre aberto ao questionamento.

## BIBLIOGRAFIA DAS OBRAS CITADAS

- ALTMAN, Janet - *Epistolarity. Approaches to a Form*, Columbus, Ohio State University Press, 1982.
- ANDRADE, Carlos Drummond - *Passeios na Ilha: Divagações sobre a Vida Literária e Outras Matérias*, Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 2ª. ed. 1975.
- BACHELARD, Gaston - *A Epistemologia*, Lisboa, Edições 70, 1984?(Original: L'Epistemologie, Paris, PUF, 1971).
- BAKHTINE, Mikhaïl - "Du Discours romanesque" in *Esthétique et Théorie du Roman*, Paris, nrf., Ed. Gallimard 1978, pp. 83-234.
- BAKHTINE, Mikhaïl - *Esthétique de la Création Verbale*, Paris, nrf., Gallimard, 1984 (Org.: Moscou, Iskoustvo, 1979)
- BAKHTINE, Mikhaïl - *Esthétique et Théorie du Roman*, Paris, nrf., Ed. Gallimard 1978 (Orig.: Moscou. Editions Khoudojestvrnaïa Literatoura, 1975)
- BAKHTINE, Mikhaïl (V.N. Volochinov) - *Le Marxisme et la Philosophie du Langage. Essai d'Application de la Méthode Sociologique en Linguistique*, Paris, Les Editions de Minuit, 1977 (Original: Lenigrad 1929).
- BEAUGRANDE, Robert - *Text, Discourse and Process. Toward a Multidisciplinary Science of Text*, New Jersey, Ablex Publishing Corporation, 1980.
- CASTAÑEDA, Hector-Neri - "Fiction and reality: their fundamental connections. An essay on the ontology of total experience" in *Poetics*, 8, N° 1/2, 1979, pp.31-62.
- CHAROLLES, Michel - "Coherence as a general principle in the interpretation of human actions" in *Text*, Vol. 3-1, 1983, pp.71-97
- COELHO, Eduardo Prado - *Universos da Crítica*, Lisboa, Edições 70, 1982.
- COELHO, Jacinto do Prado - *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, Lisboa, Editorial Verbo, 7ª ed. 1982.
- DELILLE, Maria Manuela Gouveia - *A Recepção de H. Heine no Romantismo Português. (De 1844 a 1871)*, Lisboa, Imprensa Nacional. Casa da Moeda, 1984.
- DOLEŽEL, Lubomír - "Extensional and intensional narrative worlds" - in *Poetics* 8, (1979), 1/2, pp. 193-212. ,
- DOLEŽEL, Lubomír - *Mimesis and Possible Worlds:: Comunicação apresentada no IX Congrès de l'AILC*, Paris, 1985.
- DOLEŽEL, Lubomír - "Truth and Authenticity in Narrative" in *Poetics Today*, (Special issue: Narratology I: Poetics of Fiction), Vol. 1, N° 3, Spring, 1980, pp.7-25.
- DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos - V. ANDRADE

- DUCHÊNE, Roger "Du destinataire au public ou les métamorphoses d'une correspondance privée" in *Ecrire au Temps de Mme de Sevigné*, Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 2<sup>a</sup>. ed. 1982.
- DUCHÊNE, Roger - "Réalité vécue et réussite littéraire: le statut particulier de la lettre" in *Ecrire au Temps de Mme- de Sevigné*, Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 2<sup>a</sup>. ed. 1982.
- DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzevetan - *Dicionário das Ciências da linguagem*, Lisboa, Publicação D. Quixote, 4<sup>a</sup>. ed. 1977 (Orig. Dictionnaire Encyclopédique des Sciences du Langage, Paris, Ed. Seuil, 1972).
- Eça de Queirós entre os seus apresentado por sua filha. Cartas intimas*, 5<sup>a</sup>. ed. Porto, Lello & Irmão Editores, 1974.
- ECO, Umberto *Lector in Fábula*, Milano, Casa Editrice Valentino Bompiani & C<sup>a</sup>., 1974 (Trad. *Leitura do Texto Literário. Lector in Fabula*., Lisboa, Editorial Presença, 1983.
- EINSTEIN, Albert; INFELD, Leopold - *A Evolução da Física. De Newton à Teoria dos Quanta*, Lisboa, Ed. Livros do Brasil, s.d.
- FERREIRA, Vergílio - *Carta ao Futuro*, Lisboa, Portugália Editora, 2 ed. 1966 (?). ,
- FEYNMAN, Richard P.; LEICHTON, Robert B.; SANDS, Mathew *Lectures on Physics*, Massachusetts/London, Addison Wesley Company, 1964 (Vol. I, 13<sup>a</sup>. ed., 1979).
- GALISSON, R.; COSTE, D. - *Dictionnaire de Didactique des Langues*, Paris, Librairie Hachette, 1976.
- GREIMAS, A. J.; COURTES - *Sémiotique. Dictionnaire Raisoné de la Théorie du Langage*, Paris, Hachette. Vol. I, 1979, Vol .II, 1986 (Trad.Bras. do Vol. I - *Dicionário de Semiótica*, São Paulo, Editora Cultrix, s.d.).
- GUERRA DA CAL, Ernesto *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz, Apêndice: bibliografia queiroziana sistemática y anotada y iconografia artística del ombre y la obra*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1975.
- GUERREIRO, António - "A Juventude na Sociedade Pós-Moderna" in *J L Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 18 a 24 de Junho, 1985, pp. 14-15.
- HRUSHOVSKY, Benjamim - "Fictionality and Fields of Reference" in *Poetics Today*, Vol V, N<sup>o</sup>. 2 1984, pp.226-250.
- HEINTZ, John - "Reference and inference in fiction" in *Poetics*, (1979), 1/2, pp. 85-100.
- ISER, Wolfgang - *L'Acte de Lecture. Théorie de l'Effet Esthétique*., Bruxelles, Pierre Mardaga Editeur, 1985 (Original: *Der Akt dei; Lesens München/West Germany*, Wilhelm Fink Verlag, 1976).

- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine - *L'Implicite*, Paris, Armand Colin, 1986.
- KUHN, Thomas - *La Structure des Révolutions Scientifiques*, Paris, Flammarion, 1972 (Orig. *The Structure of Scientific Revolutions*, Chicago/Illinois, University of Chicago Press, 1962).
- LEPECKI, Maria Lucia - "O Signo do Absurdo" in *Colóquio Letras*, 36, Março, 1977.
- LOPES, Vítor Silva - *Iniciação ao Jornalismo*, Lisboa, Centro do Livro Brasileiro, 3ª ed. 1983.
- LOURENÇO, Eduardo - "Da Literatura como Interpretação de Portugal" in *O Labirinto da Saudade. Psicanálise Mítica do Destino Português*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1978 (Original: Conferência de 1975).
- LOZANO, J. PEÑA-MARIN; ABRIL, G. - *Análisis del Discurso. Hacia una Semiótica de la Interacción Textual*, Madrid, Ed. Catedra, 1982
- MARTINS, Oliveira - *Correspondência*, Prefaciada e anotada por Francisco O. Martins, Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 1926.
- MATEUS, Maria Helena et alii - *Gramática da Língua Portuguesa*, Coimbra, Livraria Almedina, 1983.
- MENDES, Fradique - *Versos*, Prefácio de Pedro da Silveira, Lisboa, edições 70, 1973.
- MONTEIRO, Ofélia Paiva - "Um jogo humorístico com a verosimilhança romanesca: *O Mistério da Estrada de Sintra*" in *Colóquio Letras*, 86, Julho, 1985, pp.15-23.
- MORIER, Henri - *Dictionnaire de Poétique et Rhétorique*, Paris, P.U.F (1ª. ed. 1961), 3ª. ed. 1981.
- NORDMAN, Charles - *Einstein et l'Univers. Une leur dans le mystère des choses*, Paris, Librairie, Hachette, s.d.
- OLIVEIRA, Carlos de - *Trabalho Poético*, 2º ed., Lisboa, Sá da Costa Editora, 1982.
- ORTOLI, Sven; PHARABOD, Jean-Pierre - *Le Cantique des Quantiques. Le Monde existe-t-il?*, Paris, Editions de la Découverte, 1985.
- PASCAL, Blaise - *Pensées* Paris, J.-C. Godefroy Editeur, 1986.
- PARRET, Herman "Les Stratégies Pragmatiques" in *Communications*, 32(1980) pp.250-273.
- PERELMAN, Charles; OLBRECHTS-TYTECA, L. - *Traité de l'Argumentation. la Nouvelle Rhétorique*, Bruxelles, Editions de l'Université de Bruxelles, 1ª. ed. 1970 (3ª. ed. 1976).
- PESSOA, Fernando - *Páginas de Doutrina Estética*, Seleção, prefácio e notas de Jorge de Sena, Lisboa, Editorial Inquérito Limitada, 2ª. ed., s. d..

- PESSOA, Fernando - *Páginas Intimas e de Auto-Interpretação*, Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho, Lisboa Ed. Atica, 1966.
- Poétique* (Du thème en Littérature. Vers une thématique), 64, Nov., 1985.
- POPPER, Karl - "Indeterminism is not enough" In *Encounter*, 40, Abril, 1973, in POPPER, Karl - *L'Univers Irrésolu. Plaidoyer pour l'indeterminism*, Paris, Hermann, Editeur des Sciences et des Arts, 1984
- PRINCE, Gérard - "Thématiser" in *Poétique* (Du thème en Littérature. Vers une thématique), 64, Nov., 1985, pp. 425-434.
- QUEIRÓS, Eça de - *Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais Páginas Esquecidas*, Porto, Lello & Irmão - Editores, 1973.
- QUEIRÓS, Eça de - *A Cidade e as Serras*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s.d..
- QUEIRÓS, Eça de - *Correspondência*, Leitura, Coordenação, prefácio e notas de Guilherme de Castilho, 1º. e 2º. Vols., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983.
- QUEIRÓS, Eça de - *A Correspondência de Fradique Mendes. (Memórias e Notas)*, Porto, Lello & Irmão, s. d.
- QUEIRÓS, Eça de - *Da Colaboração no "Distrito de Évora" (1867)*, Vol. I, Lisboa, Livros do Brasil, s.d..
- QUEIRÓS, Eça de - *Ecos de Paris*, Porto, Livraria Chardron Lello & Irmão, 1909.
- QUEIRÓS, Eça de - *O Mistério da Estrada de Sintra*, Lisboa, Livros do Brasil, s.d.
- RECANATI, Francois - *La Transparence de l'Énonciation. Pour Introduire à la Pragmatique*, Paris, Ed. Seuil, 1977.
- REIS, Carlos - *Construção de Leitura*, Coimbra, I.N.I.C./C.L.P., 1982.
- REIS, Carlos - "Fradique Mendes, origem e modernidade de um projecto heteronímico" in *Cadernos de Literatura*, C.L.P. Universidade de Coimbra, N. 18, Outubro, 1984, pp.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina - *Dicionário de Narratologia*, Coimbra, Almedina, 1987.
- RIMMON, -KENAN - "Qu'est-ce qu'un thème? " In *Poétique* (Du thème en littérature. Vers une thématique), 64, 1985, pp. 397-406.
- ROCHA, André - *A Epistolografia em Portugal*, . Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982.

- SANTOS, Boaventura de Sousa Santos - *Um discurso sobre as ciências*, Oração de Sapiência proferida na Abertura Solene das Aulas da Universidade de Coimbra a 4 de Dez. 1985.
- SCHIDT, Siegfried - "Some Problems of Communicative Text Theories" in DRESSLER, Wolfgang (ed.) - *Current Trends in Text Linguistics*, Berlin/New York, Walter de Gruyter, 1978.
- SENA, Jorge de; SENA, Mécia de - *Isto Tudo que nos rodeia. (Cartas de Amor)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982.
- SEQUEIRA, Gustavo - *Fradique Mendes Símbolo dos "Vencidos da Vida"*, conferencia organizada pelo jornal "O Século" em 12-4-1941; separata da Biblioteca Nacional: Lisboa, 1942.
- SERRÃO, Joel - *O Primeiro Fradique*, Lisboa, Livros Horizonte, 1985.
- SEUNG, T. K. - *Semiotics and Thematics in Hermeneutics*, New York, Columbia University Press, 1982.
- SPORN, Paul - "Physique Moderne et Critique Contemporaine" in *Poétique*, 67, Septembre, 1986, pp. 315-334.
- TODOROV, Tzvetan - *Le Principe Dialogique suivi de Ecrits du Cercle de Bakhtine*, Paris, Editions du Seuil, 1981.
- VAN DIJK, Teun A. - *Macrostructures. An Interdisciplinary Study of Global Structures in Discourse, Interaction and Cognition*, New Jersey, Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1980.
- VAN DIJK; Teun A. (ed.) - *Discourse and Literature. New Approaches to the Analysis of Literary Genres*. Amsterdam/Philadelfia, John Benjamims Publishing Company, 1986.
- VILAINÉ, Anne Marie de - "Milena au-delà de Kafka" in *Magazine Littéraire*, n° 228, Mars, 1986, pp. 55-58.
- VIOLI, Patricia - "La Intimidad de la Ausencia. Formas de la Estructura Epistolar" in *Estudios Semióticos* (Asociación de Estudios Semióticos de Barcelona), n° 3/4, 1985, pp. 70-80
- VIOLI, Patricia - "Letters" in VAN DIJK, Teun A. (ed.) - *Discourse and Literature*, Amsterdam, John Benjamins Publishing Company, 1985, pp.149-167.
- WALL, Anthony - "Apprendre à écouter. Le problème des métaphores musicales dans la critique bakhtinienne" in *Études Françaises*, (número dedicado a Bakhtine), 20/1, Printemps, 1984, pp. 65-74.